

COLECÇÃO ESTUDOS E DOCUMENTOS 11

ANTÓNIO THOMAZ PIRES

CONTOS POPULARES ALENTEJANOS

RECOLHIDOS DA TRADIÇÃO ORAL

Colectânea, edição crítica e introdução de
MÁRIO F. LAGES

2.^a edição aumentada



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

COLECÇÃO ESTUDOS E DOCUMENTOS 10

ANTÓNIO THOMAZ PIRES

**CONTOS POPULARES ALENTEJANOS
RECOLHIDOS DA TRADIÇÃO ORAL**

Colectânea, edição crítica e introdução de

MÁRIO F. LAGES

2ª edição
aumentada

Lisboa
CEPCEP
2004

Nota introdutória

É apresentada nestas páginas introdutórias a 2ª edição aumentada dos *Contos populares alentejanos*, recolhidos por António Thomaz Pires (1850-1913), quase todos na região de Elvas, contos estes que nunca foram editados integralmente numa mesma publicação.¹ Nem se sabe se Thomaz Pires teve a intenção de o fazer. É, pois, da nossa responsabilidade tanto a organização como o estabelecimento destes textos.

A constituição desta colectânea impunha-se por si própria. A dispersão e inacessibilidade das publicações onde estes contos foram editados pela primeira e, em muitos casos, única vez, reservava a sua leitura e estudo aos poucos especialistas que se dedicam à busca dos tesouros da tradição popular entre as páginas amarelecidas de revistas e livros antigos que só se encontram nas principais bibliotecas do país.

Outra justificação está no interesse científico destes contos para o estudo das tradições populares alentejanas e dos seus quadros imagéticos. Foi, aliás, no contexto de um trabalho sobre as formas simbólicas da região de entre Elvas e Serpa² que se nos tornou patente a sua importância. Não se encontra, com efeito, a mesma variedade, riqueza e extensão em nenhuma outra colectânea alentejana.³

Pouco conhecido, apesar da reedição recente de duas obras suas,⁴ Thomaz Pires merece ser frequentado pelos estudiosos. Dentre os etnógrafos dos fins do século XIX e princípios do XX, ele é um dos que

¹ 1ª ed: António Thomaz PIRES, *Contos populares portugueses recolhidos da tradição oral*, edição crítica e introdução de Mário F. Lages, Lisboa, CEPCEP, 1992, 157 p., Coleção Estudos e Documentos 4.

² Cf. Mário F. LAGES, *A cultura tradicional de entre Elvas e Serpa*, Lisboa, EGF, 1986 (policopiado), onde foi feita (pp. 139-162) uma interpretação global dos 40 contos reeditados em 1919.

³ A colectânea de António ALEXANDRINO (“Contos populares alentejanos”, *A Tradição*, 1, 1899 (pp. 29-30; 45-47; 60-63; 76-78; 95-96; 111-112; 143-144; 190-191); 2, 1900 (pp. 29-30; 45-46; 107-109; 142-143; 191; 45-46, 63-64, 77-78); 3, 1901 (pp. 138-141; 63-64; 77-78; 138-141; 155-158)) referente à mesma zona, tem um total de 15 contos; a de Bernardino BARBOSA (*Contos populares de Évora*, ed. de Rui Arimateia, Lisboa, Aríon, 2000) tem 36.

⁴ A. Tomás PIRES, *Lendas e romances*, ed. crítica de Pere Ferré, Lisboa, Ed. Presença, 1986; ID., *Cancioneiro popular político*, pref. de Viale Moutinho, Lisboa, Ed. Labirinto, 1986, 3ª ed.

maior simpatia científica e humana concitam, pela seriedade posta nas suas obras⁵ e pela generosidade, desinteresse e modéstia com que oferecia os frutos do seu labor a intelectuais do seu tempo, o que é visível, por ex., em algumas obras de Adolfo Coelho⁶ e de Leite de Vasconcelos.⁷ Muitos pormenores desta colaboração constam, aliás, do abundante epistolário que Thomaz Pires recebeu de vários folcloristas e que guardou religiosamente.⁸

Mas a mais forte razão do nosso apreço é a sua fidelidade à tradição. Embora não tivesse utilizado uma metodologia “moderna” de transcrição exacta das versões ouvidas aos seus informadores, já que, como era hábito na época, eliminou as hesitações e os enganos ocorridos habitualmente na narração oral, tudo faz supor que os seus textos se aproximam muito do que lhe contaram. A constante indicação, no título das suas colectâneas, de que foram “recolhidas da tradição oral”, é sinal claro desta preocupação de fidelidade.

A maioria dos contos, por outro lado, destaca-se pela simplicidade narrativa. A linguagem é invulgarmente tersa e contida, mesmo para contistas populares que não costumam delongar-se em descrições ou caracterizações desnecessárias. As personagens e as situações são descritas

⁵ F. Adolfo COELHO, *Os ciganos de Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892, p. 3, refere-se justamente à “perfeita seriedade” do trabalho do nosso autor.

⁶ Na correspondência de Adolfo Coelho com Thomaz Pires (cf. Eurico GAMA, *Cartas de Adolfo Coelho a António Tomás Pires, 1882-1904, Etnografia, filologia*, Coimbra, 1969, pp. 14-17, 21-22, 29, 45-47, correspondentes a 11 cartas entre 1 de Jan. de 1882 e 5 de Dez. de 1892) são feitos vários pedidos e agradecimentos de informações para *Os ciganos de Portugal*. Adolfo Coelho refere, aliás, que o seu trabalho “teve por ponto de partida materiais reunidos pelo inteligente e infatigável folk-lorista de Elvas” (*op. cit.*, p. 1). Diz mesmo (p. 4) que “os dados do esboço ethnographico que se acha na parte III [pp. 163-227] provêm principalmente do Snr. Thomaz Pires”, que cita, *passim*.

⁷ Quanto à colaboração dada a Leite de Vasconcelos basta referir que nos volumes 5-10 da *Etnografia Portuguesa* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1967-88) são reproduzidas informações de Thomaz Pires em 144 páginas. O segundo mais importante informador de Leite de Vasconcelos, o Abade J. Tavares, é referido apenas em 116 páginas.

⁸ Para as relações de Thomaz Pires com os etnógrafos portugueses do seu tempo, cf. ainda: Eurico GAMA, *Cartas de Leite de Vasconcelos a António Tomás Pires, Folclore, filologia, etnografia e arqueologia, 1883-1913*, Lisboa, 1964; ID., *Cartas de Anibal Fernandes Tomás a António Tomás Pires, Ex-libris, etnografia, folclore, 1899-1910*, Coimbra, 1966; ID., *Cartas de Teófilo Braga a António Tomás Pires, 1883-1911*, Coimbra, 1968.

com grande economia de meios, sem derivações ou alindamentos, como se a narrativa ganhasse inteligibilidade na concisão. A acção lidera e carrega o sentido.

Tudo isto mostra que Thomaz Pires primou pelo rigor etnográfico, não por razões teóricas, que nem constavam da sua formação nem das definições da ciência etnológica do tempo, mas por maneira de ser.⁹ Ele é etnógrafo na mais pura acepção do termo, em extremo escrupuloso, embora se possam adivinhar, aqui ou além, alguns ajustamentos editoriais,¹⁰ parecidos com os que é possível deduzir da colação de alguns contos de Athaide Oliveira em *A Tradição* com os da edição definitiva.¹¹ Só com este etnógrafo algarvio, aliás, é que Thomaz Pires partilha o mérito de ter constituído, nos fins do século XIX, uma ampla colectânea de contos de uma área cultural específica.

Por tudo isto se impunha a reedição destes contos. Na sua beleza singela, colocam-nos na escola simbólica do passado, uma escola que necessita de ser redescoberta e frequentada por todos, crianças e adultos. Na verdade, nestas histórias estão guardadas muitas das concepções e verdades que estruturam o nosso sentimento e visão do mundo. Fazem parte de uma herança única que, parecendo distantes dos modos de transmissão e conteúdos culturais modernos, se torna, por isso mesmo, imprescindível ao reencontro das nossas raízes e da sua matriz ideológica profunda, que tendem a diluir-se num cosmopolitismo vesgo e sem identidade.

⁹ Cf. Mário F. LAGES, “A obra etnográfica de Thomaz Pires”, *Povos e Culturas*, 4, 1989-1900, pp. 261-318.

¹⁰ J. Leite de VASCONCELOS, numa breve recensão dos *Cantos populares alentejanos* publicados por Thomas Pires em *A Sentinella da Fronteira* afirma (*Anuario para o Estudo das Tradições Populares Portuguezas*, 1, 1883, p. 84) que “A. Thomaz Pires não alterou nada do que colligiu, pelo que o seu trabalho merece fé; alterou apenas a linguagem, isto é, traduziu ás vezes a linguagem popular em litteraria; sei porém que noutras colleções d'elle o dialecto popular alentejano vae ser fielmente representado”. Esta última afirmação deve referir-se aos contos publicados na *Revista Lusitana* (nos 1-4 desta colectânea).

¹¹ Francisco Xavier d'Athaide OLIVEIRA, *Contos tradicionais do Algarve*, 2 vols, Tavira/Porto, Tip. Burocrática/Typ. Universal, 1900/1905 (2ª ed.: Lisboa, Vega, s.d.). Há uma versão de oito destes contos em *A Tradição*, 1, 1899 (pp. 127-128, 159-160, 188-190), 2, 1900 (pp. 61-63, 78-79, 109-111, 173-175 e 192) e 3, 1901 (pp. 27-29, 95-96, 125-126, 158-159 e 173-174).

1. Os textos-fonte e as suas edições

Os contos aqui coligidos provêm de diversas fontes. Os primeiros são de 1883. Fazem parte das “Rimas e jogos colligidos no concelho de Elvas”, que Adolfo Coelho incluiu num artigo seu do *Boletim da Sociedade de Geografia* desse ano.¹² Estes quatro contos foram reeditados em 1936, sob o nome do seu verdadeiro colector, com os jogos de que fazem parte.¹³ Têm, na presente colectânea, os números 105-108.

No fasc. 1 do vol. 1 da *Revista Lusitana*,¹⁴ de 1887, aparece a história “1 – A Serêna d'Alamares”, que fazia parte da subsecção “II Contos populares” de um artigo intitulado “Tradições populares alemtejanas”, escrito a pedido de José Leite de Vasconcelos.¹⁵ Este conto, aqui reeditado com o número 1, era precedido por alguns “Dictados topicos”. A série, insinuada pelo número que precede o conto, só muito irregularmente foi prosseguida. Este texto foi recolhido em Elvas e nele se reproduz a pronúncia original do informador, em transcrição fonética criada “ad hoc” por Thomaz Pires¹⁶ que diz: “Na seguinte collecção de tradições populares do Alemtejo representei, sempre que isso me foi possível, a pronuncia vulgar da provincia; de modo que elas servem ao

¹² A. Thomaz PIRES, “Rimas e jogos colligidos no concelho de Elvas”, *Boletim de Sociedade de Geographia de Lisboa*, 4ª Série, 12, 1883, pp. 568-595.

¹³ ID., *Rimas e jogos colligidos no concelho d'Elvas*, Elvas, Ernesto A. Alves e Almeida, 1936.

¹⁴ ID., “Tradições populares alemtejanas”, *Revista Lusitana*, 1 (1) 1887, pp. 60-62.

¹⁵ Em carta de 15 de Setembro de 1886 a Thomaz Pires, J. Leite de Vasconcelos fala do lançamento do primeiro número de “uma revista destinada à linguística e tradições populares de Portugal”, acrescentando o seguinte: “Peço-lhe que tracte de arranjar alguns artigos de tradições populares e lhes dê uma côr local o mais pronunciada possível, isto é, com a phonetica, morphologia e construção syntactica rigorosamente populares, porque na Revista póde empregar à vontade todos os modismos do povo; ninguém o censurará, antes todos os louvarão; não nos acontecerá como nos outros jornaes. Eu até talvez adopte o systema de, quando puder ser, distribuir as tradições populares em secções segundo as províncias; assim o amigo fica com as *Tradições populares do Alentejo* em que pode incluir cantigas, romances, contos, superstições, adivinhas, adágios, etc.” Cf. Eurico GAMA, *Cartas de Leite de Vasconcelos... op. cit.*, pp. 77-79.

¹⁶ Este sistema de transcrição não era claro para Leite de Vasconcelos que, em carta de fins de 1886 ou princípios de 1887, perguntava: “Que significa *ii* em *viila*, *Boiim*, *ruüm*, *maiio*, *ciima*, *tii*, *assiim*, *füz*? É um *i* prolongado ou são dois *ii* distintos?” (cf. E. GAMA, *op cit.*, p. 81). Estas repetições encontram-se sobretudo nos contos 2-4, embora a pergunta se refira à colaboração de Thomaz Pires no nº 1 da *Revista Lusitana*.

mesmo tempo de textos dialectaes”.¹⁷ Desta forma dava Thomaz Pires satisfação a várias recomendações de Leite de Vasconcelos, para além da já referida em nota anterior, designadamente num bilhete postal de 3 de Set. de 1882 onde, felicitando Thomaz Pires pelos seus *Cantos populares*, publicados em *A Sentinella da Fronteira*, o etnógrafo ucanhense pedia “a distinta graça de me enviar um artigo (inédito) contendo algumas superstições ou certos versos, como para talhar doenças, adivinhas, etc.” para o *Anuario das Tradições Populares Portuguezas*.¹⁸ E acrescentava: “uma coisa recomendo a V. Ex.^a, e desculpe-me a confiança: conserve fielmente a linguag[em] do povo, como *andi = andei*, geólho, etc.”¹⁹ Em carta de Fevereiro de 1883, há nova insistência: “Muito estimo que conserve a exacta pronuncia popular: applique bem o seu ouvido porque isto de sons tem muita dificuldade.”²⁰ A mesma directiva é retomada em 18 de Nov. de 1886: “Será bom que lhe dê com todo o rigor as formas do dialecto alentejano.”²¹

Logo no fasc. 2 do volume da *Revista Lusitana*, em 1887, foi editado um segundo texto, sob o título de “2. – O conto da raposa”. Fora recolhido em Vila Boim e era apresentado em transcrição fonética semelhante à do conto 1.²² Tem na presente colectânea o nº 2. Mas ter-se-ia de esperar cerca de três anos para ler o terceiro conto da série no fasc. 3 do vol. 2 da mesma revista, referente ao ano de 1890-1891.²³ Tinha por título “3. – Os dôos príncipis”.

Em 1885 inicia o autor a sua colaboração na *Revista do Minho*, dirigida por José da Silva Vieira, na qual publica diversos contos. O primeiro faz parte de uma colectânea de “Folk-lore alemtejano”. Trata-se de uma facécia sob o título de “Guarda as murcellas para o Maio”.²⁴ Pouco

¹⁷ A. Thomaz PIRES, “Tradições populares alemtejanas”, *Revista Lusitana*, 1 (1) 1887, p. 60.

¹⁸ E. GAMA, *Cartas de Leite de Vasconcelos... op. cit.*, pp. 23-24.

¹⁹ ID., *op. cit.*, p. 25.

²⁰ ID., *op. cit.*, p. 38.

²¹ ID., *op. cit.*, p. 79.

²² A. Thomaz PIRES, “Tradições populares alemtejanas”, *Revista Lusitana*, 1 (2) 1887, pp. 132-133.

²³ ID., “Tradições populares alemtejanas”, *Revista Lusitana*, 2 (3) 1890-1891, pp. 253-254.

²⁴ ID., “Folk-lore Alemtejano”, *Revista do Minho*, 5 (2) 1889, [pp. 1-2]

depois aparece um outro, bracarense, que, por não ter origem alentejana, é publicado em apêndice²⁵ e, alguns anos mais tarde, uma outra facécia, coligida em Beja, “O casamento do galego”.²⁶

Mas a contribuição mais substancial de Thomaz Pires na *Revista do Minho* para a matéria em apreço é constituída por 27 textos que vêm sob a designação genérica de “Contos populares alemtejanos (recolhidos da tradição oral)”,²⁷ nos quais o autor abandona o seu sistema de transcrição fonética. Mas alguns anos mais tarde, em 1896, aparece no fasc. 2 do vol. 4 da *Revista Lusitana* um texto, sob o título de “O almocreve e o cágado” em que ela é retomada.²⁸

Destas notas resulta que, para além dos “Dictados topicos” com que abre a sua colaboração no fasc. 1 da *Revista Lusitana*, só nos contos nela publicados²⁹ é que Thomaz Pires se apegava à pronúncia popular, embora nem sempre de maneira coerente. Na verdade, como se pode deduzir das notas que acompanham os contos 1-4, a atenção ao pormenor do linguajar do contista parece ter-se sobreposto à reprodução das formas dialectais alentejanas mais comuns.

O núcleo mais importante dos contos coligidos por Thomaz Pires é, no entanto, o das 69 narrativas publicadas pela primeira vez nos volumes 4 a 6, relativos aos anos de 1902 a 1904, de *A Tradição*, a “Revista mensal de ethnographia portugueza”, dirigida por Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes, que floresceu em Serpa entre 1899 e 1904. Tem na presente edição os números 33 a 101. Esta colectânea aparecia sob a designação genérica de “Contos populares alemtejanos”, todos eles “recolhidos da

²⁵ ID., “O capitão dos ladrões”, *Revista do Minho*, 5 (12), 1889, [p. 4].

²⁶ “Miscellanea folk-lorica”, *Revista do Minho*, 15 (35) 1899, c. 193.

²⁷ Todos estes contos vêm assinado por JOHEL, à excepção do número VI da série. Vide “Contos populares alemtejanos (recolhidos da tradição oral)”, *Revista do Minho*, 6 (18) 1891, pp. [1-2]; 7 (3) 1891, pp. 14-15; 7 (8) 1891, pp. 33-35; 7 (12) 1891, pp. 49-54; 7 (13) 1891, pp. 57-58; 7 (14) 1891, pp. 61-63; 7 (15) 1891, pp. 65-66; 7 (16) 1891, pp. 69-70; 7 (17) 1891, pp. 73-75; 8 (6) 1892, cc. 49-52; 8 (7) 1892, cc. 57-61; 8 (8) 1892; cc. 65-69; 8 (9) cc. 73-77.

²⁸ A. Thomaz PIRES, “Tradições populares diversas”, *Revista Lusitana*, 4 (2) 1896, pp. 185-186.

²⁹ No entanto, no conto 108, publicado em 1883, juntamente com as *Rimas e jogos*, o autor reproduz muitas formas dialectais alentejanas: Bêra (Belra), dêxô (deixou), depôs (depois), achô (achou), vesporas (vésperas), dêxê (deixei), nan (não), pôs (pois), senam (senão), satisfêto (satisfeito), manêra (maneira), fêra (feira). A par de *nan*, também aparece *não*, no início da frase.

tradição oral”, embora esta especificação não figure no título que precede os contos 74-85 e 90-101.

Neste conjunto é definitivamente abandonada qualquer preocupação de fidelidade fonética, conquanto nalguns contos o autor retenha alguns regionalismos e nos n.ºs 55 (“O compadre fachica”) e 109 (“Os dois galegos”) imite o linguajar de pretos e galegos.

Este conjunto foi acrescentado em 1908 com a publicação, no vol. 11, fasc. 1-2, da *Revista Lusitana*, de “Três facecias alemtejanas”: “a) S. Pedro e o casamento”, “b) Conto do sapateiro” e “c) A Senhora do Rosemdario”, a que foram, nesta colecção, atribuídos os n.ºs 102-104; e, dois anos mais tarde, um “conto escolar”, sob o título de “Linha curta, nó na ponta” (*Revista Lusitana*, 13, 1910, p. 36).

Os contos de Thomaz Pires, de nós conhecidos, só ficariam completos em 1969 quando foram publicados mais quatro textos de recolha sua nos *Contos populares e lendas* de Leite de Vasconcelos, os quais teriam sido oferecidos ao patriarca dos etnógrafos portugueses e este guardara no seu acervo documental, posteriormente organizado por Alda e Paulo Soromenho.³⁰ Estes textos têm na presente colectânea os números 109 e 112-114.

É este conjunto de documentos que perfazem os *Contos populares alentejanos* de Thomaz Pires aqui editados. Estamos em crer que deles constam todos os que o autor coligiu.³¹

³⁰ José Leite de VASCONCELOS, *Contos populares e lendas, II*, ed. de Alda S. Soromenho e Paulo C. Soromenho, Coimbra, Universidade, 1969, pp. 194-195, 166, 175, 348.

³¹ Não estão nela incluídos dois breves textos que se encontram igualmente nesta obra de Leite de Vasconcelos e que lhe teriam sido oferecidos por Thomaz Pires. O primeiro localiza regionalmente o mito grego da boceta de Pandora:

“Os potes de Abóbada

Entre o povo de S. Vicente e a Horta da Cortina, há um sítio que lhe chamam a Abóbada. Há aí dois potes enterrados: um tem uma tampa ou prato de estanho, com oiro em cima, e oiro tem o pote; o outro tem também uma tampa ou prato de estanho e em cima uma sardinha de oiro; este tem veneno. O sonho diz que felicidade terá quem atinar com o pote de dinheiro; se atinar a descobrir o do veneno morrerá, em sete léguas em redondeza, tudo. Já alguns se têm oposto a isto, mas sem resultado, porque têm medo.” J. Leite de VASCONCELOS, *op. cit.*, II, p. 770. O segundo retoma, no mesmo contexto local, a tradição das mouras encantadas, íncolas de fontes:

[Fonte de Prata]

“Na Fonte de Prata, cercanias de Elvas, aparece na manhã de S. João uma moura a pentear-se, que está encantada. De uma vez um homem correu atrás dela e

Sobre as edições destes contos pouco há a dizer. Apenas se conhece uma reedição incompleta (40 dos 69 originalmente publicados em *A Tradição*) feita em Elvas, seis anos após a morte do autor, pelo seu amigo António José Torres de Carvalho.³² Esta publicação é hoje quase inacessível, dela tendo sido apenas feitos 235 exemplares, como consta do respectivo colofão. Alguns destes contos (n^{os} 33-50 da presente edição), foram igualmente reproduzidos no *Correio Elvense* (n^{os} 1758-1762 e 1764-1765, referentes aos anos de 1919 e 1920), editado pelo mesmo Torres de Carvalho.

Em 1982, foi feita pela Câmara Municipal de Serpa uma reimpressão completa de *A Tradição*, de que fazem parte obviamente os 69 contos inicialmente publicados nesta revista.

2. Critérios editoriais

1. O título desta colectânea, *Contos populares alentejanos recolhidos da tradição oral*, corresponde ao que encima grande parte dos textos publicados por Thomaz Pires na *Revista do Minho* e em *A Tradição*. As excepções, já referidas, podem ser atribuídas a falhas editoriais. Mesmo os n^{os} 1-3, que não tinham tal cabeçalho, guardam a indicação de terem sido recolhidos em Elvas ou em Vila Boim e, embora não se especifique provirem da tradição oral, a transcrição fonética documenta o facto.

2. A ordem por que os textos referidos são colocados na presente edição segue o princípio de que as séries publicadas sob a supervisão, mesmo que longínqua, do autor devem ser mantidas. Os números apenas aos contos 1-3 foram tomados como indicativos de que o autor começava então uma colectânea. A seguir foram colocadas as séries da *Revista do Minho* (I-XXVII) e de *A Tradição*, pela ordem que têm em cada uma destas revistas, sendo a sequência de *A Tradição* diferente em alguns casos, assinalados em nota, da edição de 1919. Para o fim foram

ela escondeu-se numa cova, atrás de fonte. (Elvas)”. J. L. de VASCONCELOS, *op. cit.*, II, p. 794.

³² A. Thomaz PIRES, *Contos populares recolhidos da tradição oral na provincia do Alemtejo*, Elvas, A. J. Torres de Carvalho, 1919, 114 p. Este título, embora corresponda, no essencial, ao de Thomaz Pires, constitui uma liberdade editorial: não consta, como tal, de nenhuma das séries editadas em vida do autor.

deixados os contos recuperados das *Rimas e jogos infantis*, um da *Revista do Minho* sobre os galegos e os publicados nos *Contos populares e lendas* de Leite de Vasconcelos.

3. No que se refere à edição deste conjunto de textos, acumulados ao longo de mais de 20 anos, com critérios editoriais diferentes, procedeu-se à sua releitura crítica e à actualização e normalização da grafia, tarefa tanto mais necessária quanto os quatro primeiros são quase ilegíveis na sua forma original. Nesta reescrita foram utilizadas as seguintes regras:

a) Transcrever para português comum³³ os contos 1-4 e reproduzir em notas o original, guardando no texto todas as formas morfológicas regionais, tais como *espois*, *sô*, *amontado*.

b) Utilizar a grafia moderna em todas as palavras que não correspondem a variantes locais, escrevendo, por ex., *fala* (por *falla*), *barrela* (por *barrella*), *pôs* (por *pôz*), *cozinha* (por *cosinha*), *dela* (por *d'ella*), etc.

c) Não guardar, em geral, o itálico das primeiras edições, por a sua utilização ser incoerente – ora indica formas dialectais, ora textos poéticos, ora discurso directo – e usá-lo para assinalar as sílabas que se afastam do português comum, sejam ou não utilizado pelo autor, por ex., “*restrair*” (por *distrair*) em vez de “*restrahir*”, “*canzinho*” (por *cãozinho*) em vez de “*canzinhô*” e “*vás*” (por *vais*) em vez de “*vás*”.³⁴

d) Manter os modismos assinalados no original através de itálico (mesmo que se trate de simples variantes fonéticas) e considerar gralha tudo o que nem esteja assim grafado nem corresponda a uma forma normal do português, como por exemplo, no conto 80, a expressão “*Diabo levem*”.

³³ Este critério não foi seguido em “O compadre fachica” (conto 55) e “Os dois galegos” (conto 109) porque lhes adulteraria a intenção e retiraria o chiste.

³⁴ Num caso, os itálicos originais serviram para repor uma forma dialectal que teria sido eliminada por gralha tipográfica: a palavra “*espengarda*”, aparece como “*espingarda*” em *A Tradição* e “*espengarda*” na edição de 1919. Reteve-se esta última por só ela justificar o itálico da primeira edição.

e) Pôr entre aspas o discurso directo, independentemente de estes sinais estarem ou não precedidos por travessão no texto original, embora tal maneira de escrever não seja a mais utilizada pelo autor.³⁵

f) Não ter em conta a divisão dos parágrafos das edições-fonte, muitas vezes incoerente – em alguns contos, o texto está muito subdividido e noutros, muito longos, como os n^{os} 15 (Conto do rei sábio e cego), 16 (Conto gigante lagrante) e 74 (O ladrão), toda a história é escrita sem qualquer corte – e distinguir dessa maneira as mudanças de interlocutor e as principais transições da acção.

g) Dispor em verso todas as fórmulas finais rimadas e escrever com maiúscula a primeira letra de cada verso, encontre-se assim ou não no original.

h) Indicar a primeira e segunda edições pelas siglas *P* e *S*, respectivamente, quando houver variantes a assinalar.

i) Atribuir um número de série, entre colchetes, aos contos que o não têm, e indicar em nota os números originais, quando existirem.

j) Não ter em conta, no texto crítico, as variantes do *Correio Elvense*, quase em tudo iguais às da edição de 1919, cuja composição tipográfica parece ter utilizado.³⁶

Da observância destas regras resulta que, excepto no que se refere aos quatro primeiros contos, o aparato crítico da presente edição é relativamente reduzido, poucas sendo as variantes reais entre as edições originais e a presente. Este facto pode ser comprovado pelo elenco feito em seguida, a título de exemplo, de todas as diferenças gráficas da primeira (*P*) e segunda (*S*) edições do conto 33 em relação ao texto adiante estabelecido: noutro] n’outro *P, S*; fala] falla *P*; enfim] emfim *P, S*; num] n’um *P, S*; ele] elle *P, S*; forma] fórma *P*; armário] armario *P, S*; à] á *P, S*; ela] ella *P, S*; naquela] naquella *P, S*; ocasião] occasião *P, S*; sozinho] sósinho *P, S*; sucedia] succedia *P, S*; apareceu] appareceu *P, S*;

³⁵ Thomaz Pires usa exclusivamente esta grafia, à inglesa, nos contos 40-42 e 45 e em parte dos contos 3, 43, 75, 86 e 100. Mas prefere as aspas com travessão ou só o travessão e, ocasionalmente, o itálico.

³⁶ É o que parece deduzir-se de que, no conto 35, ambas têm a lição errónea “terça”, em vez de “tença”.

génio] genio *P, S*; dela] d'ella *P, S*; prometeu-lhe] prometteu-lhe *P*; há-de] ha de *P, S*; família] familia *P, S*; comeram] comêram *P*; fome] fóme *P, S*, fome *P, S* (em mais 2 lugares); vai-me] vae-me *P, S*; home] hóme *P, S*; pôs] pôz *P, S*; água] agua *P, S*; quase] quasi *P, S*; prontas] promptas *P, S*; cozinha] cosinha *P, S*; papas] papas *P, S* (1ª e 3ª vez), pápas *P, S* (2ª vez); barrela] barrella *P, S*; hei-de] hei de *P, S*; paciência] paciencia *P, S*; vai] vae *P*; cozê-lo] cosêl-o *P*, coser-o *S*; história] historia *P, S*; pai] pae *P, S*; éramos] eramos *P, S*; sucedeu] sucedeu *P, S*; panelas] panellas *P, S*; já] ja *S*; falava] fallava *P, S*; impossível] impossivel *P, S*; pôde] pode *P, S*; entusiasmo] entusiasmo *P, S*; mo] m'o *P, S*; formento] formento *P, S*; às] ás *P, S*; fez] fêz *P*; numa] n'uma *P*; espingarda] *espingarda P, espingarda S*; vai] vae *P, S*; atrás] atraz *P, S*; dele] d'elle *P, S*; raposa] rapôsa *P*; cie] ciei *P, S*; daí] d'ahi *P, S*.

À Arq.^a Maria Cristina Pereira e à Prof.^a Dr.^a Ana Maria Costa Lopes agradeço a colaboração na preparação da presente edição e à Prof.^a Dr.^a Isabel Cardigos o ter-me chamado a atenção para os textos de Thomaz Pires na *Revista do Minho*.

Lisboa, Fev. de 2004.

CONTOS POPULARES ALENTEJANOS

RECOLHIDOS DA TRADIÇÃO ORAL

A Serena de Alamares¹

¹ “Tradições populares alemtejanas”, *Revista Lusitana*, 1 (1) 1887, pp. 61-62. O texto original é o seguinte: “1. – A Serêna d'Alamares. Havia 'ma mulhéri que tinha duas filhas, e tratav'ás munto máli. Sabia que num moinh' appar'cia 'm' àvêntesma, que matava queim lá ia. O que fêis a mulhéri? Levantô-se um dia e disse p'ra uma das filhas: – Maria, tôm' este sacc' (sacco) de trig' e vai ó moinho de tal moêri. A rapariga foi. No mê do caminh' incontrô um galo e disse-le: – Maria dêxas-m' ir cômtigo? – Pôs vêim, disse-l' élla. Foi más adiante, incôntrô um cão: – Maria, dêxas-m' ir cômtigo? – Pôs vêim. Más adiant' um gato: – Maria, dêxas-m' ir cômtigo? – Pôs vêim. Chigô ó moinho, moê' a farinha e fêis 'mas papas. Diz o galo, o cão e o gato: – Maria, dêxas-m' ciar cômtigo? – Pois cêiem, diss' a rapariga. Ciâròm todos juntos, e él' i' á dêtar-se. Diz o gal', o cã' e o gato: – Maria, dêxas-m' dêtar cômtigo? – Pôs dêteim-se. Tudo ficô riunido. P'la nô't adiant' ôvi, éla batê' munt' á porta do moinho e dezêri: – Maria, abre-m' a porta, que te quer' comêri! Diz a rapariga: – Ai, mê gatinho!... e o gato começô a miar munto, e aquela côsa retirô. Passado pôco têimpo tornô aquela côsa a dezêr o mesmo. E ela: – Ai mê cânzinho!... e o cã' começô a ladrar e a tal côsa retirô. Passado pôco têimpo tornô aquela côsa: – Maria, abre-m' a porta, que te quer' comêri! Ai, mê gallinho! ... e o gal' cantô até manhêim, e a rapariga pôz-s' a caminho c'o sacc' de farinha. A mãi, q'and' a viu, disse: Ind' aquel' diabo m'apparece! – No ôtro dia mandô a ôtr' irman, que tambeim se chamava Maria, e intregô-lh' ôtre sacc' de trigo. A rapariga pôz-s' a caminho. Incontrô um gallo: – Maria dêxas-m' ir cômtigo? – Ella disse: Nã quer' ir com gal's atrás. O gall' nã s'importô, e seimpre foi. Más adiant' incôntrô um cão: – Maria, dêxas-m' ir comtigo? – Nã quer' ir com câies atrás. O cã' seimpre foi. Com o gát' acontecê' o mêismo. Chigô ó moinho, moê' a farinha e fêis 'mas papas. O cân e o gato e o galo dissêròm-le: – Maria, dêxas-m' ciar cômtigo? – Nã quero! Foi a dêtar-se. Tornáròm elles: – Maria, dêxas-m' dêtar cômtigo? – Nã tinha más que fazeri, senã dromire com câins, gatos e gallos. Cada um foi munt' amuado, o gal' p'r'ó polêro, o gat' p'r'ó borralho e o cân p'r'á páilha. P'la nô't adiante bát' a tal côsa: – Maria, abre-m' a porta, que te quer' comer! Diz ella: – Ai, mê cânzinho!... E o cão, nada! Continuô a côsa: – Abre-m' a porta! – Ai, mê gatinho!... E o gat', nada. Continuô: – Maria, abre-m' a porta! – Ai, mê gallinho!... E o gal', nada. Tant'a tal côs' âtêmô, q' a rapariga abri' a porta. Entrô a Serêna d'Alamares, e disse: – Maria, vai aquêcer-m' um taiche d'agua p'ra me lavar's os péis. A rapariga, com munto mêido, foi fazê' tudo. Veiu com o taiche d'agua e começô a lavar-l'os péis, e disse: – Serêna d'Alamáres, p'r'a que teins tamânes ôvidos? – P'ra óvir os defuntos. – Serêna d'Alamáres, p'ra que teins tamânha cabeça? P'ra dár marradas nos defuntos. – Serêna d'Alamares, p'ra que teins tâ grandes olhos? – P'ra ôlhar p'r'ós defuntos. – Serêna d'Alamáres, p'ra que teins tâ grande nariz? – P'ra chêrar os defuntos. – Serêna d'Alamáres, p'ra que teins tâ grande bocca? Pregô um salto e disse: – P'ra te comêri! E inguli' a rapariga. / Sêja Dês lôvado! / 'Stá o mê cont' acabado.

Havia uma mulher que tinha duas filhas, e tratava-as muito mal. Sabia que num moinho aparecia uma aventesma que matava quem lá ia. O que fez a mulher?

Levantou-se um dia e disse pra uma das filhas: “Maria, toma este saco de trigo e vai ò moinho de tal moer.” A rapariga foi.

No meio do caminho encontrou um galo e disse-*le*: “Maria, deixas-me ir contigo?”

“Pois vem”, disse-*le* ela.

Foi mais adiante, encontrou um cão: “Maria, deixas-me ir contigo?”

“Pois vem.”

Mais adiante, um gato: “Maria, deixas-me ir contigo?”

“Pois vem.”

Chegou ao moinho, moeu a farinha e fez umas papas.

Diz o galo, o cão e o gato: “Maria, deixas-me cear contigo?”

“Pois ceiem”, disse a rapariga.

Cearam todos juntos e ela ia a deitar-se.

Diz o galo, o *cã* e o gato: “Maria, deixas-me deitar contigo?”

“Pois deitem-se.” Tudo ficou reunido.

Pla noite adiante ouviu ela bater muito à porta do moinho e dizer:

“Maria, abre-me a porta que te quero comer!”

Diz a rapariga: “Ai, meu gatinho!...” e o gato começou a miar muito e aquela coisa retirou.

Passado pouco tempo começou aquela coisa a dizer o mesmo. E ela: “Ai, meu *canzinho*!...” e o *cã* começou a ladrar e a tal coisa retirou.

Passado pouco tempo, tornou aquela coisa: “Maria, abre-me a porta, que te quero comer!”

“Ai, meu galinho!...”, e o galo cantou até manhã e a rapariga pôs-se a caminho com o saco de farinha.

A mãe, quando a viu, disse: “Inda aquele diabo me aparece!”

No outro dia, mandou a outra irmã que também se chamava Maria e entregou-lhe outro saco de trigo.

A rapariga pôs-se a caminho. Encontrou um galo: “Maria, deixas-me ir contigo?”

Ela disse: “Não quero ir com galos atrás.”

O galo não se importou e sempre foi.

Mais adiante encontrou um cão: “Maria, deixas-me ir contigo?”

“Não quero ir com cães atrás.” O *cã* sempre foi. Com o gato aconteceu o mesmo.

Chegou ao moinho, moeu a farinha e fez umas papas.

O *cã* e o gato e o galo disseram-*le*: “Maria, deixas-me cear contigo?”

“Não quero.”

Foi a deitar-se. Tornaram eles: “Maria, deixas-me deitar contigo?”

“Não tinha mais que fazer senão *dromir* com cães, gatos e galos.”

Cada um foi muito amuado, o galo prò poleiro, o gato prò borralho e o *cã* prà palha.

Pela noite adiante bate a tal coisa: “Maria, abre-me a porta que te quero comer!”

Diz ela: “Ai, meu *canzinho!*...” E o cão, nada!

Continuou a coisa: “Abre-me a porta!”

“Ai, meu gatinho!...” E o gato, nada!

Continuou: “Maria, abre-me a porta!”

“Ai, meu galinho!...” E o galo, nada!

Tanto a tal coisa *ateimou* que a rapariga abriu a porta.

Entrou a Serena de Alamares e disse: “Maria, vai aquecer-me um tacho de água pra me lavares os pés.” A rapariga, com muito medo, foi fazer tudo.

Veio com o tacho de água e começou a lavar-*le* os pés, e disse: “Serena de Alamares, pra que tens tamanhos ouvidos?”

“Pra ouvir os defuntos.”

“Serena de Alamares, pra que tens tamanha cabeça?”

“Para dar marradas nos defuntos.”

“Serena de Alamares, pra que tens tão grandes olhos?”

“Pra olhar pròs defuntos.”

“Serena de Alamares, pra que tens tão grande nariz?”

“Pra cheirar os defuntos.”

“Serena de Alamares, pra que tens tão grande boca?”

Pregou um salto e disse: “Pra te comer!” E engoliu a rapariga.

Seja Deus louvado!

‘Stá o meu conto acabado.

(Recolhido em Elvas)

O conto da raposa²

Havia uma raposa que tinha muito piolho no rabo e foi a casa de um *brabeiro* a cortá-lo; e disse-*le* que o deitasse pra cima dum telhado.

No outro dia foi lá e disse-*le*: “Ó *sô brabeiro*, dê-me cá o meu rabo.”

“Atirei com ele prò telhado.”

“Então, furto-*le* uma navalha...” E furtou-*le* uma navalha.

Foi a casa dum oleiro e disse-*le*: “Aqui tem esta navalha, que é pra rapar as tigelas.”

Foi lá no outro dia: “Ó *sô oleiro*, aonde está a minha navalha?”

“A sua navalha quebrei-a a rapar as tigelas.”

“Então furto-*le* uma tigela.” Furtou-*le* uma tigela.

² “Tradições populares alemtejanas”, *Revista Lusitana*, 1 (2) 1887, pp. 132-133. O texto original é o seguinte: “2. – O conto da raposa. Havia 'mâ rapôosa que tinha muunto piôolh' no ráabo e fôî â cáasa d'uum brâabêêr' a cortáal-o, e diisse-le q' o dêtâasse p'râa cima d'uum tilháado. No ôotre diia fôî láa, e diisse-le: – O sôo brâabêêr', dêe-me cá o mê ráabo. – Atirêe co' êel p'r'ó tilháado. – Entã fuurte-l' mâ naváalha. E fuurtôo-l' mâ naváalha. Fôî â cáasa d'uum ôlêero e diisse-le: Aquii teim éesta naváalha, q' ée p'r'a râpáar as tegéelas. Fôî láa no ôotre diia: – O' sô ôlêero, aonde 'stá a m' nhâ naváalha? – A s'â naváalha cuubrêe' â rapáar as tegéelas. Entã faurte-l' 'ma tegéela. Fuurtôo-l' 'ma tegéela. Fôî â cáasa d'uum ôrtelâao: – Ó sô ortelâao, aquiî 'stá éesta tegéela q' é p'r'a regáar as brêengéelas. Foi láa no ôotre diia. – Ó sô ortelâao, q'êe da m'nha tegéela? – Cuubrêe-a, de regáar âs brêengéelas. – Entã fuurte-l' 'ma brêengéela. Incontrô uum rapaziinh' amontaade nuum burriinh' a comêer uum bocadiinho de pãa' e dêe-l' a brêengéela. Fôî no ôotre diia: – Ó rapaziinho, dáa-m'â m'nha brêengéela. – Comii-a com pãao. – Entã fuurte-t' a burriinha. Fôî â cáasa d'uum mulêero: – Aquii teim éesta burriinha, q' ée p'r'a l' acâr'táar â fariinha. Fôî no ôotre diia: – Q' ée da m'nha burriinha, sôo mulêero? – A s'a burriinha morrêe d'acâr'táar a fariinha. – Entã fuurte-l' uum sáacc' de fariinha. Fôî â cáasa d'uuma méestra de m'niinas: – Aquii teim êeste sáacc' de fariinha, p'r'a fazêer buliinhes p'r'âas s'âs m'niinas. Fôî no ôotre diia: – Q'êe do mê sáacc' de fariinha? – Do sáacc' de fariinha fiiz bullinhes p'r'âas m'nhas m'niinas. – Agóora fuurte-l' 'mâ m'niina. Fôî â cáasa d'uum viulêere: – Ó sôo viulêêr', aquiî teim éesta m'niina, q' ée p'r' aprêndêer a tocári viiôola. No ôtro diia fôî â buscáar a m'niina: – A s'a m'niina morrêe de tocári viiôola. – Entã fuurte-l' 'mâ viiôola. E furtôol' 'ma viiôola. Fôî p'r'âa cima d'uum tiilháado, e pôis-s' a tocári e a cantári: ê do ráabo / fiiz naváalha, / da naváalha / fiiz tegéela, / da tegéela / fiiz brêengéela, / da brêengéela / fiiz burriinha, / da burriinha / fiiz fariinha, / da fariinha fiiz m'niina, / da m'niina fiiz viiôola... / Tum, tum, tum, / que m' vôo embóora.

Foi a casa dum hortelão: “Ó *sô* hortelão, aqui está esta tijela que é pra regar as *bregelas*.”

Foi lá no outro dia: “Ó *sô* hortelão, que é da minha tigela?”

“Quebrei-a, de regar as *bregelas*.”

“Então furto-*le* uma *bregela*.”

Encontrou um rapazinho, *amontado* num burrinho, a comer um bocadinho de pão e deu-*le* a *bregela*.

Foi no outro dia: “Ó rapazinho, dá-me a minha *bregela*.”

“Comi-a com pão.”

“Então furto-te a burrinha.”

Foi a casa dum moleiro: “Aqui tem esta burrinha que é pra *le* acartar a farinha.”

Foi no outro dia: “Que é da minha burrinha, *sô* moleiro?”

“A sua burrinha morreu de acartar a farinha.”

“Então furto-*le* um saco de farinha.”

Foi a casa duma mestra de meninas: “Aqui tem este saco de farinha pra fazer bolinhos pràs suas meninas.”

Foi no outro dia: “Que é do meu saco de farinha?”

“Do saco de farinha fiz bolinhos pràs minhas meninas.”

“Agora furto-*le* uma menina.”

Foi a casa de um violeiro: “Ó *sô* violeiro, aqui tem esta menina que é pra aprender a tocar viola.”

No outro dia foi a buscar a menina:

“A sua menina morreu de tocar viola.”

“Então furto-*le* uma viola.” E furtou-*le* uma viola.

Foi pra cima dum telhado e pôs-se a tocar e a cantar:

“Eu do rabo fiz navalha,

Da navalha fiz tigela,

Da tigela fiz *bregela*,

Da *bregela* fiz burrinha,

Da burrinha fiz farinha,

Da farinha fiz menina,

Da menina fiz viola...

Tum, tum, tum, que me vou embora.”

(Recolhido em Vila Boim, concelho de Elvas)³

³ Em nota, o autor pergunta: “O anexam: *‘A raposa anda toda a semana a dar e tira tudo ao domingo’*, terá relação com este conto popular?”

Os dois príncipes⁴

⁴ “Tradições populares alemtejanas”, *Revista Lusitana*, 2 (3) 1890-91, pp. 253-254. Na reprodução deste conto, os ocasionais *e* com *til* do original são substituídos por *ē*. O texto original é o seguinte: “3. – Os dōos príncipis. Éera d'uuma vêez dōos príncepis, i fôoron a corrêe' muundo. Passáados tēpos âcâbôo-se-l'ô dinhêer', i o máas mōoço dūsse: “O milhóor é nōos íirm's ássêntear práaça, nōos sabêemes lêer i vâames crecêendo póostos”. Ó espôois uum jáa éera capitāao ô mājori, i o ôotre nōon passáava de soldáado. Ó espôois diiz êest' p'r'ó êrmāao: “Ê eim arrecebêind' o préee vôo m'emmóora, iuste nōon me séervi, nōon páass' da cêpa tóorta.” O êrmāao dūsse-l'e: “Nōon vāas, dêexa, qu'êe cáa piidirêe' óos mêes amíigos.” I d'ahíi êell' nōon dūsse naada, i uum díia chiigô á quáadr' i íia ágarraar uum caváall' i dūsse-l'ôortr' assúm, qu'estáav' ó péee d'êell: – “Léeva-m' a míim, qu' êe t'acudirêe. Ó espôois êell' luuvôo-o. Íia p'r' uuma 'stradiinha adiãante, 'stáava 'm' ázinhêera carregáada de bolêeta, i êell' íia muunte séeri' â ôlháar p'r' ázinhêer' i ó mêesme tēempe vaa' ôlháar p'r'ó cháa' i viiu 'ma pêenna d'ôor', i o cavaall' dūsse-le que nōon a apanháasse, que â pêenna que le dáav'á êell' pêennas. I êell' íia jáa p'râa diãante, i tuurnôo â vôoltáar p'âa tráas. – “Oóra êe iinda noon víi senâ' âgóor' uum caváall' falláar i vôo-m' â buscáar â pêenna”. I voltôo i apanhóo'-a. Metêe' a pêenna no bôolso. O' espôois fôoi andãando. Chigôo â 'ma cidáade i metêe' o caváall' p'â 'mâa 'stalláage, i dūs's' ó hóome da 'stalláage que le tráatáasse do sê caváall' comme se fôosse d'êell' 'stállájadêero. Ó espôois êell' fôoi i assêntôo práaça n'ôotre regimêento, i d'ahii êell', comme sabíia 'screvêer, fôoi chamáado p'âa sâcrátariia a vêer se servíia. Déeron-l' a 'screvêer uum offíiço p'r'ó rêe. Eim q'âant' o q'aartéel méestre sahíi' cáa fóora, êell' alembrôo-se da pêenna d'ôor', i 'screvêe' uum offíiço cōom éessa pêenna. Fichôo-s'ô offíiço i fô, p'r'ó rêe. I o rêe dūsse: “Quêeer' sabêeer quein 'screvêe' o offíiço, i quêeer' o cáa”. I fôoi o soldáado. – “Fôo' vôcêe que 'screvêe' o offíiço?” – “Fúui, síim sinhóor”. – “Dêexe vêer a pêenna coom que 'screvêeu”. I êell' amostrôo-a. – “Pôos vôcêe fíica sêende mê sâcrátáairo particuláar”. I os meniistres ficáaron com muunt' envéeja d'êell' i disséeron ó rêe qu'ô sâcrátáairo declaráara qu' éera capaaz d'íir a rôobáar p'r'ó rêe a prêncêeza d'Itáalia. O rêe mãandôo-o chamáar e dūsse-le: “Entãa' vôcêe dūsse qu'éera capáz d'íir a rôobáar a prêncêeza d'Itáalia, i êntãa' vaa.” – Ê nōon díiss' íisso”. – “Pôos cōon pêenna de móorte háad íir”. I êell' entãa' fôo' p'r'ó péee do caváall' i entrôo a choraari, i a lamentaar-se. I díiss'ô caváall': – “Entãa' que te dizíia êeu? Nōon te dūsse qu'a pêenna que te dáav'á tíi pêenas? Nōon chóores que d'êest' aíinda nōon móorris. Diiz ó rêe que te mãande a fazêer uum vapôor cōon sê triáato d'entro e a côosa máas boniita qu' hôvêeer e váae n'êell' p'â Itáalia, i no primêeer' díia as primêeeras pessôoas que' entron háade sêer o rêe i a raínha i do seguundo háad' íir a prncêez' i â aáia, e tuu ein vêend' centráar éestas duuas mulhêeer's veim fugúndo coom éellas”. Tuud' íist' assúm assucêdê' i éella dūsse-le no mê' do máar: “Aái engráato, que me léevas rôbaada”, i atirôo cōon uum annéel d'ôoro cōon o sê nôome, p'r'â deentro do máar. Chigôo cáa o rêeno i entregôo â prênceez' ó rêe. I éella dūsse: “Ê nōon cáase cōon Vôossa Mãestáade sêin me trazêerem o annéel q' êe avintêei p'r'ó máar”. I o rêe ordenôo ó sâcrátáairo que fôoss' a buscaar' u annéel. Éll' fôoi p'r'ó péee do caváall' a lamentáar-se, i o caváall' dūsse: “Nōon te dūsse qu'a peena que te dáav'a tíi pêenas? Máas dêexa, que déest' aíinda nōon moorris tuu; diiz' ó rêe que te maand' a fazeer uum vapôor muunte grãande, tōodo chêe' de cáarn' i váai ó mê du máar, aveenta' íiss' i 'speer' ahíi p'lo rêe dos pêexes”. I êell' assúm fêez. Vêe' o rêe dos pêexes i agradecêe-le múunto porqu' havíia múunto tēempo qu' os pêexes nōon commíion. E êell' dūsse: Jáa que nōos

Era duma vez dois príncipes e foram a correr mundo. Passados tempos acabou-se-*le* o dinheiro e o mais moço disse: “O melhor é nós irmos a assentar praça; nós sabemos ler e vamos crescendo postos.”

Ò *es*pois um já era capitão ou major e o outro não passava de soldado.

Ò *es*pois diz este prò irmão: “Eu, em *ar*recebendo o pré, vou-me embora, isto não me serve, não passa da cepa torta.”

O irmão disse-*le*: “Não vás, deixa, que eu cá pedirei òs meus amigos.”

E daí ele não disse nada, e um dia chegou à quadra e ia a agarrar um cavalo e disse-*le* o outro assim, que estava ò pé dele: “Leva-me a mim que eu te acudirei.” Ò *es*pois ele levou-o.

Ia por uma estradinha adiante, estava uma azinheira carregada de *boleta* e ele ia muito sério a olhar prà azinheira; e ò mesmo tempo vai a olhar prò chão e viu uma pena de ouro; e o cavalo disse-*le* que não a apanhasse, que a pena que *le* dava a ele penas.

'stáavames móortos de fóome i vócce trôox' a cáarne dúga se quéer alguma côosa de nóos. I êell' respondêeu: “Quéer' uum annéel d'ôoro que p'r'á ahii me cahí' haad' havêere sêes mêezes". I êell' diisse que fôosse d'alíi â dôos dúas, pôos podíia sêeri que 'stivées' entarráado n'árêeia. I êell' fôoi d'ahíi a dôos dúas i luvôole máas de commêer. O rêe dos pêexes apresentôo-l'ô annéele. I êell', o príincepi vóoltôo a paláacio cõon o annéele. I a prencêeza diisse: “É nõon cáaso cõon Vóossa Mãestáade sêin q' aquêll' engráato que me foi a rôobáar dáar três púulos dēentre d'úuma caldêera d'azêet' a freveêri”. O rêe assíim o ôrdenôo, i êell' fôoi p'r'ó caváall' a lamēentaar-se. I o caváall' diisse: “Nõon teenhas mêedo, déest' aiinda nõon móorris. Tráaz'-me catôorze váaras i cõon éssas catôorze váaras váara-m' atée q' êe dêet' escúuma i úunta-te tóodo múunte bêin cõon éella". Êell' diisse que nõon faziia táal, i o caváall' respondêeu: “Fáas iiss' ôolha que senãao móorris”. I êell' assíim o fêez, i depôas de múunte bein uuntáade fôoi p'r'ó supplíço. Dêe' os três púules dēentre da caldêera d'azêet' â frevêer' êein freente do paláacio e de tood' á côort' i pôovo, i nõon se quêemôo; repetití' a mêesma côosa máas dúuas vêezes e tâmêen nõon se quêemôo. O rêe, cõon múunt' envêeja, sáaltôo tamêen p'r'aa dēentre da caldêer' i morrêe quêemaado. I a prencêeza diiss' ò sâcrátáairo: “Pôos êu coontíigu' ée que cáaso”. Depôos êell' fôoi á taal diit' 'staláaj' áagradecêer ó caváall', i o caváall' disse: “Pêece-t' êein páaga de tuude que te teenhe fêeto que me disfêerres cõon os dēentes”. Êell' disferrôo-o, i o caváall' trãansformôo-se n'uuum piincepi qu'andáav' encâantáad' êein caváall'. I êell', assiim que sahiúu úum príincepi, convidôo-o p'râa iir p'r'ó páaláço a sêer ajudãante d'óordes do rêe. I êell' fôoi, e casôo q' a prencêeza que tiiha iid'â rôobári.”

E ele ia já pra diante e tornou a voltar pra trás. “Ora eu ainda não vi senão agora um cavalo falar, e vou-me a buscar a pena.” E voltou e apanhou-a. Meteu a pena no bolso.

Ò *espois* foi andando. Chegou a uma cidade e meteu o cavalo pra uma estalagem e disse ao homem da estalagem que *le* tratasse do seu cavalo como se fosse dele estalajadeiro.

Ò *espois* ele foi e assentou praça noutro regimento; e daí ele, como sabia escrever, foi chamado prà secretaria a ver se servia. Deram-*le* a escrever um ofício prò rei.

Enquanto o quartel-mestre saiu cá fora ele *alembrou-se* da pena de ouro e escreveu um ofício com essa pena. Fechou-se o ofício e foi prò rei. E o rei disse: “Quero saber quem escreveu o ofício e quero-o cá.” E foi o soldado.

“Foi você que escreveu o ofício?”

“Fui, sim senhor.”

“Deixe ver a pena com que escreveu.” E ele *amostrou-a*.

“Pois você fica sendo meu *secretairo* particular.”

E os ministros ficaram com muita inveja dele e disseram ao rei que o *secretairo* declarara que era capaz de ir roubar prò rei a princesa de Itália.

O rei mandou-o chamar e disse-*le*: “Então você disse que era capaz de ir a roubar a princesa de Itália, e então vá.”

“Eu não disse isso.”

“Pois com pena de morte há-de ir.”

E ele então foi prò pé do cavalo e entrou a chorar e a lamentar-se.

E disse o cavalo: “Então, que te dizia eu? Não te disse que a pena que te dava a ti penas? Não chores que desta ainda não morres. Diz ò rei que te mande a fazer um vapor com seu *triatto* dentro e a coisa mais bonita que houver e vai nele prà Itália; e no primeiro dia as primeiras pessoas que entram há-de ser o rei e a rainha, e do segundo há-de ir a princesa e a aia e tu, em vendo entrar estas duas mulheres, vem fugindo com elas.” Tudo isto assim assucedeu.

E ela disse-*le* no meio do mar: “Ai, ingrato, que me levas roubada”, e atirou com um anel de ouro com o seu nome pra dentro do mar.

Chegou cá ao reino e entregou a princesa ao rei. E ela disse: “Eu não caso com Vossa Majestade sem me trazerem o anel que eu aventei prò mar.” E o rei ordenou ao *secretairo* que fosse a buscar o anel.

Ele foi prò pé do cavalo a lamentar-se e o cavalo disse: “Não te disse que a pena que te dava a ti penas? Mas deixa, que desta ainda não morres tu; diz ao rei que te mande a fazer um vapor muito grande todo cheio de carne e vai ao meio do mar, aventa isso e espera aí pelo rei dos peixes.” E ele assim fez.

Vem o rei dos peixes e agradece-*le* muito porque havia muito tempo que os peixes não comiam. E ele disse: “Já que nós estávamos mortos de fome e você trouxe a carne, diga se quer alguma coisa de nós.”

E ele respondeu: “Quero um anel de ouro que praí me caiu há-de haver seis meses.” E ele disse que fosse dali a dois dias, pois podia ser que estivesse enterrado na areia.

E ele foi daí a dois dias e levou-*le* mais de comer. O rei dos peixes apresentou-*le* o anel. E ele, o príncipe, voltou a palácio com o anel.

E a princesa disse: “Eu não caso com Vossa Majestade sem que aquele ingrato, que me foi a roubar, dar três pulos dentro de uma caldeira de azeite a *frever*.”

O rei assim o ordenou e ele foi prò cavalo a lamentar-se.

E o cavalo disse: “Não tenhas medo, desta ainda não morres. Traz-me catorze varas e, com essas catorze varas, vara-me até que eu deite *escuma* e unta-te todo muito bem com ela.”

Ele disse que não fazia tal e o cavalo respondeu: “Faz isso, olha que senão morres.”

E ele assim o fez e, depois de muito bem untado, foi prò suplício. Deu os três pulos dentro da caldeira de azeite a *frever*, em frente do palácio e toda a corte e povo, e não se queimou; repetiu a mesma coisa mais duas vezes e *tamém* não se queimou.

O rei, com muita inveja, saltou *tamém* pra dentro da caldeira e morreu queimado.

E a princesa disse ao *secretairo*: “Pois eu contigo é que caso.”

Depois ele foi à tal dita estalagem a agradecer ò cavalo e o cavalo disse: “Peço-te em paga de tudo que te tenho feito que me desferres com os dentes.”

Ele desferrou-o e o cavalo transformou-se num príncipe que andava encantado em cavalo. E ele, assim que saiu um príncipe, convidou-o pra ir prò palácio a ser ajudante de ordens do rei.

E ele foi e casou com a princesa que tinha ido a roubar.

(Recolhido em Vila Boim, Concelho de Elvas)

[4]

O almocreve e o cágado⁵

Duma ocasião vinha um almocreve e encontrou um cágado numa ribeira seca e disse prò cágado: “Que desfalecido estás!” E o cágado deitou a pontinha da cabeça ò de fora. E ele, condoído, montou-o em riba da carga.

Chegando a outra ribeira, deitou-o à água. E o cágado disse prò almocreve: “Se alguma vez te vires aflito na passagem desta ribeira, brada plo rei dos cágados, que sou eu.”

⁵ “Tradições populares diversas”, *Revista Lusitana*, 4 (2) 1896, pp. 185-186. O texto original é o seguinte: “O almocreve e o cágado (Conto). D' uum' áccâsiã' viinh' uum álmocréev' e incontrô uum cágado nuuma riibbêera sêcca, e diisse p'r'ó cágado: – Que desfal'ciid' estás! E o cágad' dêetô a pōontiinha da cabêeç' ó de fôora. E êel', cōondoide, mōontô-o eim riiba dâa cáarga. Chiigând' â ôotra riibêera dêetô' á áagua. E o cágado disse p'r'ó álmocréevi: – S' alguuma vêes te viir's afflicte nâa passâage déesta riibêera, bráada p'lo rêe dos cágades, que sôo êeu. Passáado tēempo vêe' o álmocréevi passáar a riibêer' e â áagua lunvôo e êel brâadô p'lo rêe dos cágados. E o rêe dos cágados diisse-l': – Ágáarra-t' a miim. E êel' subii' p'r'âa ciima da cōoncha. Diisse-l'o álmocréev': – Antâ' nã me léevas a bōordo? E êel' diiss': – Iispéer', dêexe vêer o que diizem os máas alimáaes. Iindo p'lo cêentre da riibêer' oóolhô o cágad' e vii' uum câváall'. Diisse-le: – Caváall', com que se páag' uum beim? – Com uum máal', arrespondê' o caváal', porquêe, câand' êe éera nôov' o mê dôon' estiimávã-m' âliimpávã-m' e dáava-me bôoas reçoões, e agóora, que jáa sôo véelh', dêetôom' á máarziiã. Depôos o cágade câamiinhô p'r'âa diáant' e incōontrô uum bôoi e diisse-le: – Ó bôoi, com que se páag' uum beim? – Com uum máali, porqu' o mê dóone, câand' êe éera bôom bôoi, 'stimávã-me, dáava-me bôom pēenso, e depôos prãantô-m' a ingoordári, p'r'âa quêe? p'r'âa iir a morrêeri. Depôos diiss' o cágado: – Vêes o que diiz êeste tâamēm? E tuurnô câaminhãande riibêer' âbáaxo. Máas adiãant' incontrô 'mâ rapôosa. Depôos préeguntô áa rapôosa: – Rapôosa, com que se páag' uum beim? E a rapôosa diisse-le: Nãa te precêebo, chêega-te cáa máas p'r'óo péi. Depôos tuurnô-l' â préeguntári: – Com que se páag' uum beim? Tuurnô-l' a respoondeer' â rapôosa: Nãa te precêebo co baruulhe d'áagua, chêega-te cáa máas p'r'óo péi. A pōontos que chiigô o cágad' áa bêera da riibêer' e o álmocréevi puulôo p'r'âa téerra. E depôos fáaz o sê cáalc'l' e mâarchô. Nãa 'stráad' incontrô 'mâ rapôosa móort' e diisse: – Cōotáada! aquií â matáaron os câaçadôor's. Depôos tuurnô â câamiinhári. Máas adiãant' incontrô ôotra rapôosa tâamēen móorta nãa 'stráada. Aquií fêez o enduviidu' o sê cáalc'l' e disse: – Hóome! uuma lá âbáax', ôotra cá â ciima! êe vô â 'sfoláal-as, porqu' o diinhêer' das péell's séerve-me p'r'â m' âllimēentári. Nãa! Vóolt' âtráaz a buuscár' â péell' daquéella que vii' priimêero, ô depôos tuurnarêe a viir buuscár' a péell' d'êesta. Ó tēempo que chiigô á priimêera, prãantô-a ein pōontos d'â 'sfolári. Ó tēempo qu' ii' á mettêer' o biique da s'â naváalha nãa péell' da péerna dá diita rapôosa, éella dêel-l' uum sáalt' e diisse-le: – Jáa vóocêe se nãa lêembra de q' acábêe d' o sáalváar, sêe ingrátô?! Sêeje Dêes lôováado, stáa o mê cōont' acabáado.”

Passado tempo vem o almocreve passar a ribeira e a água levou-o e ele bradou plo rei dos cágados. E o rei dos cágados disse-*le*: “Agarra-te a mim.” E ele subiu pra cima da concha.

Disse-*le* o almocreve: “Então não me levas a bordo?”

E ele disse: “Espera, deixa ver o que dizem os mais *alimais*.”

Indo pelo centro da ribeira, olhou o cágado e viu um cavalo. Disse-*le*: “Cavalo, com que se paga um bem?”

“Com um mal”, *ar*respondeu o cavalo, “porque, quando eu era novo, o meu dono estimava-me, *alimpava*-me e dava-me boas rações e agora, que já sou velho, deitou-me à *márzia*.”

Depois o cágado caminhou pra diante e encontrou um boi e disse-*le*: “Ó boi, com que se paga um bem?”

“Com um mal, porque o meu dono, quando eu era bom boi, estimava-me, dava-me bom penso e depois prantou-me a engordar, pra quê? Pra ir a morrer.”

Depois disse o cágado: “Vês o que diz este *tamém*?” E tornou caminhando ribeiro abaixo.

Mais adiante encontrou uma raposa. Depois *preguntou* à raposa: “Raposa, com que se paga um bem?”

E a raposa disse-*le*: “Não te percebo, chega-te cá mais prò pé.”

Depois tornou-*le* a *preguntar*: “Com que se paga um bem?”

Tornou-*le* a responder a raposa: “Não te percebo com o barulho da água, chega-te cá mais prò pé.” A pontos que chegou o cágado à beira da ribeira e o almocreve pulou pra terra. E depois faz o seu cálculo e marchou.

Na estrada encontrou uma raposa morta e disse: “Coitada! Aqui a mataram os caçadores.” Depois tornou a caminhar.

Mais adiante encontrou outra raposa *tamém* morta na estrada. Aqui fez o indivíduo o seu cálculo e disse: “Homem! uma lá abaixo, outra cá acima! Eu vou a esfolá-las porque o dinheiro das peles serve-me pra me alimentar. Ná! Volto atrás a buscar a pele daquela que vi primeiro, ò depois tornarei a vir buscar a pele desta.”

Ò tempo que chegou à primeira, prantou-a em pontos de a esfolar. Ò tempo que ia a meter o bico da sua navalha na pele da

perna da dita raposa, ela deu-*le* um salto e disse-*le*: “Já você se não lembra de que acabei de o salvar, seu ingrato?!”

Seja Deus louvado,
'Stá o meu conto acabado.

(Recolhido em Vila Boim, concelho de Elvas)

[5]

Guarda as morcelas para o Maio⁶

Um marido, ao contar os paus de chouriços, cacholeiras, morcelas e linguiças que estavam ao fumeiro, disse para a mulher: “Guarda as morcelas para o Maio.” A mulher estranhou a recomendação, mas não disse nada.

Um dia apareceu à porta um homem estranho, pedindo esmola. Tanta impressão fez na dita mulher o diabo do pobre que lhe perguntou: “Vocemecê é que é o Maio?”

“Sou sim, senhora.”

“Então vou dar-lhe o que lhe pertence.” E agarrou em toda a morcela e deu-lha.

À noite vem o marido: “Sabes, João, já veio o Maio, e lá lhe dei as morcelas que estavam guardadas para ele.”

“Oh mulher do diabo! Para o mês das favas, para o mês de Maio é que eu te disse que as guardasses! A quem deste tu as morcelas, mulher?”

“Ao Maio.”

“A quem deste as morcelas, raio do diabo?”

“Ao Maio.”

E zás, tumba catatumba, na freguesia dos costados da pobre mulherzinha...

⁶ “Folk-lore alemtejano”, *Revista do Minho*, 5 (2) 1889, [pp.1-2]

[6]

Quem não tem não tem⁷

Era de uma vez um lavrador muito pobre e tinha uma vaca a quem não podia sustentar. A vaca tinha um chocalho e, quando ela se punha à manjedoura a procurar sustento, dizia o chocalho: “Quem não tem, não tem, quem não tem, não tem”.

E respondia o galo do telhado: “Sempre cá houve, sempre cá houve”.

E dizia então o cão: “Fome, fome, fome”.

[7]

O perdigão⁸

Era duma vez uma perdiz e um perdigão. Depois o perdigão foi buscar o sustento e a perdiz ficou nos ovos.

Neste entrementes passou um burro e partiu os ovos. A perdiz ficou muito triste, e veio o perdigão:

“Quem *lobou* os ovos?

Quem *lobou* os ovos?

Quem *lobou* os ovos?”

“Um tamanhão.

Um tamanhão.

Um tamanhão.”

“Se eu cá *tevera!*

Se eu cá *tevera!*

Se eu cá *tevera!*”

“Quem, tu?

Quem, tu?

⁷ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 6 (18) 1891, [p. 1].
Com o n.º I no original.

⁸ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 6 (18) 1891, [p. 1].
Com o n.º II no original.

Quem, tu?”
“Só *co* esta mão!
Só *co* esta mão!
Só *co* esta mão!...” (Faz um gesto obsceno)

[8]

A cabrinha do Padre Cura⁹

Era duma vez um espanhol que furtou uma cabrinha que tinha o padre cura muito sua estimada. O filho do espanhol pôs-se à porta a cantar:

“Mi padre furtou a cabrinha del curito
E matou-a nel curralito.”

O padre não sabia quem lha tinha furtado e, depois que ouviu o rapaz, chamou-o e convidou-o para que no domingo, à hora da missa, fosse cantar para o adro da igreja, quando estivesse cheio de gente. Ele, o rapaz, contou isto ao pai e o pai ensinou-lhe que cantasse no adro, quando estivesse bastante gente:

“El cura dormiu com mi madre,
Isto *mê* padre lo sabe.”

O povo assim que ouviu isto começou à pancada ao padre e deitaram-no fora da igreja.

[9]

Não dar parte de fraco¹⁰

Era duma vez um sapo e, indo por uma estrada, caiu num charco que ali havia e não podia sair dele por mais esforços que fizesse.

⁹ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 6 (18) 1891, [pp. 1-2].
Com o n.º III no original.

¹⁰ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 6 (18) 1891, [p. 2].
Com o n.º IV no original.

Chegou a rã e disse-lhe: “Compadre Sapo, que estás aí a fazer?”

“Estou dando volta a esta morada de casas porque me puseram fora da outra em que estava.”

[10]

Lembra-te mulher do que fiz à burra¹¹

Era duma vez um homem e foi à feira com a mulher que tinha um génio de mil diabos. Ele ia atrás, num macho, e a mulher adiante, numa burra.

Chegaram lá a um ribeiro e a burra não queria passar. Ele que faz, puxa da espingarda, aponta à burra e mata-a. A mulher ficou toda assarapantada e ele pôs-lhe a albarda e todos os arreios da burra em cima e assim chegaram à feira.

A mulher foi a casa duma amiga e ele ficou na feira a vender o macho que lá o levava. Vendeu-o e depois ajuntou-se com os amigos, pôs-se a beber e a jogar e perdeu quase todo o dinheiro do macho. Com o resto comprou uma viola e foi-se com os amigos a cantar pelas ruas. Chegou a casa da amiga da mulher e pôs-se a cantar em voz muito alta:

“Ó minha viola
Ó minha bandurra,
Lembra-te, mulher,
Do que fiz à burra.”

Depois entrou em casa e então começou a contar à mulher o que lhe tinha acontecido da perca do dinheiro do macho.

A mulher, que tinha ouvido a cantiga, tudo era dizer-lhe: “Deixa lá, homem. Então não te aflijas. O que se lhe há-de fazer ele se ganhará outro.”

E voltaram no cavalo dos frades para casa.

¹¹ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 6 (18) 1891, [p. 2]. Com o n° V no original.

(Elvas)

[11]

O conto do gigante¹²

Havia um homem que tinha três filhas. Andava um dia partindo lenha e, de dentro do pé duma¹³ azinheira, saiu-lhe um gigante e disse-lhe: “Hás-de me trazer uma das tuas filhas.”

O homem chorou muito, foi para casa e disse às filhas.

A filha mais velha disse: “Meu pai, não se apoquente, vou eu.”

No dia seguinte foi com o pai, chegou ao mesmo sítio, apareceu o gigante e levou-a.

Chegou a um palácio e o gigante pôs-lhe um colar ao pescoço, entregou-lhe um grande molho de chaves e disse-lhe: “A menina a todos os quartos pode ir, menos àquele.”

O gigante saiu e a rapariga andou vendo todas as casas e, puxando-lhe atenção, foi ao tal quarto. Quando o abriu ficou toda atemorizada ao ver muita gente, uns mortos, outros quase. Fechou muito depressa a porta quando veio o gigante. Olhou para ela e disse: “A menina foi àquele quarto.”

“Não fui”, respondeu ela.

“Foi, sim.” Tirou-lhe o colar, degolou-a e meteu-a no quarto.

No dia seguinte, tornou a estar com o homem e pede-lhe a outra filha. O homem, todo triste, foi para casa contar o passado à outra filha. Ela disse-lhe: “Não se rale, meu pai, eu vou.”

No outro dia acompanhou o pai. Chegou lá o gigante, tornou-lhe a pôr o colar ao pescoço e a dar-lhe o molho das chaves e a fazer-lhe a mesma advertência.

Ela, logo que o gigante saiu, abriu todas as portas e foi também ao tal quarto que ele não queria. A rapariga ficou muito assustada em ver tanta morte e ver a irmã também muito mal.

¹² “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 7 (3, Mai.) 1891, pp. 14-15 (P). Com o nº VI no original.

¹³ duma] dum P

Disse-lhe a irmã: “Ó mana, vá embora, olhe que ele a mata. Repare para o colar que está manchado de sangue. Vá já limpá-lo.”

A rapariga foi embora e limpou o colar, mas sempre ficou manchado. Quando o gigante veio, disse que ela tinha ido ao tal quarto e pegou nela, meteu-a também lá.

No dia seguinte tornou a estar com o homem e pediu-lhe a outra filha. O homem disse: “Ora o senhor, então, já não tenho senão uma.”

“Já disse, traz-me a outra.”

O homem foi e disse à filha, e ela disse: “Não se rale meu pai que eu vou.” No dia seguinte foi com o pai.

Apareceu o gigante e disse-lhe o mesmo. A rapariga tirou o colar e abriu todas as portas e foi ao tal quarto. As irmãs todas aflitas e ela disse: “Não há novidade, não trago o colar.”

Andou tratando de todos os doentes e depois fechava a porta e punha o colar. Quando veio o gigante, não lhe viu o colar manchado, ficou muito contente. O gigante teve demora de muitos dias e já os doentes estavam bons.

Um príncipe que também lá estava mandou vir muitos cavalos e três canudos, um de sal, outro de areia, outro de cinza, e puseram-se todos a caminho. O gigante, quando veio, que não encontrou ninguém, montou num cavalo que andava como o vento.

Quando os viajantes olharam para trás, que vêem o gigante, deitaram o canudo de cinza, formou-se um nevoeiro, que se não via nada; depois tornam a avistá-lo e deitaram o canudo de areia, formou-se um areal. O gigante ficou, depois tornou a seguir, e deitaram o canudo de sal. Ficou um mar.

O gigante voltou para trás e o príncipe, ao chegar a palácio, casou com a rapariga e houveram grandes festas, e todos os mais foram viver com as suas famílias.

Está o meu conto acabado,
Seja Deus louvado.

[12]

O pinto borrachudo¹⁴

Andava o pinto borrachudo esgravatando no seu monturo, encontrou uma caldeirinha de prata e foi levá-la a palácio.

Chegou e disse: “Senhora rainha, venho trazer-lhe uma caldeirinha de prata até tal tempo”, e retirou.

Passado tempo lembrou-se da caldeirinha e disse: “Já é tempo de ir a palácio buscar a minha caldeirinha.”

Pôs-se o pinto a caminho e encontrou duas pedras.

“Aonde vais, pinto?”

“Ora vou a palácio buscar a caldeirinha que eu levei à senhora rainha até tal tempo.”

“Então também eu vou.”

“Pois vem, mete-te no meu rabo.” As pedras assim o fizeram.

Foi mais adiante e encontrou uma ribeira.

“Pinto, onde vais?”

Respondeu-lhe o mesmo.

“Deixa-me ir contigo.”

“Vem, mete-te no meu rabo.”

Mais adiante encontrou dois lobos.

“Olé, pinto, onde vais?”

“Vou a palácio, buscar uma caldeirinha de prata, que lá deixei até tal tempo.”

“Deixai-me ir contigo.”

“Pois vem, mete-te no meu rabo.”

Aqui foi o frango com esta família toda.

Chegou a palácio. A rainha: “O que queres?”

“A minha caldeirinha.”

“Ó tratante, então entregaste-me e agora vens buscá-la! Peguem neste pinto e metam-no numa panela.” Meteram o pinto na panela.

¹⁴ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 7 (8) 1891, p. 33. Com o nº VII no original.

Ele larga as duas pedras e começa: “Qui qui ri qui, que perca cá vai!”

Vão ver e acham a panela com o fundo arrancado e duas grandes pedras.

“Ai o frango é o demónio! Metam-no no forno.”

O frango, vendo-se no forno, larga a ribeira: “Qui qui ri qui, que perca cá vai!”

A rainha, muito zangada, mandou pô-lo na cavaliça para os cavalos o pisarem. Ele larga os dois lobos e começa: “Qui qui ri qui, que perca cá vai!”

Vão ver e acham os lobos comendo os cavalos. Tiveram os criados de ir matar os lobos e a rainha mandou entregar a caldeirinha ao pinto e enxotá-lo. Assim o fizeram e foi-se o frango muito contente.

[13]

Os apóstolos de S. Tiago¹⁵

Era um homem que dava muito má vida à mulher. Todas as noites era sova que fervia.

Morava uma vizinha muito rica defronte dela e perguntou-lhe um dia porque era que o marido lhe dava uma sova todas as noites.

“Ora não sabe a senhora porque é? Quando tem a ceia na tigela quere-a na panela, quando a tem na panela quere-a na tigela.”

“Ora, vossemecê pode remediar isso: faça-lhe a metade na tigela e a outra metade na panela.”

“Diz a senhora muito bem, hoje hei-de fazer isso e vamos a ver o que ele faz.”

Veio o marido à noite, ela apresentou-lhe a ceia na panela. Depois diz ele: “Não te tenho já dito que não quero a ceia na panela?”

¹⁵ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 7 (8) 1891, p. 34. Com o nº VIII no original.

E ia para lhe querer bater, mas diz-lhe ela: “Cala-te, marido, que aqui tens a ceia na tigela, que eu fiz metade na panela e metade na tigela.” O homem calou-se.

E depois diz à mulher: “Vá-me fazer a cama no quintal, esta noite quero lá dormir.”

Depois de deitado, começa a chamar a mulher: “Então tu vieste-me fazer a cama debaixo da estrada de S. Tiago, pode cair de lá algum passageiro e matar-me!” E deu-lhe uma grande sova, na mulher.

E depois a vizinha no outro dia perguntou-lhe: “Então que foi, vizinha, nunca fez o que eu lhe disse?”

“Ai fiz, sim, minha senhora; quando ele me pediu a ceia, primeiro apresentei-lha na panela e, como se zangasse, apresentei-lha na tigela e ficou calado. Depois manda-me a fazer a cama no quintal; estando deitado, chama-me muito zangado, dizendo-me que lhe tinha ido fazer a cama debaixo da estrada de S. Tiago, podia cair de lá algum passageiro e matá-lo, e por isso é que me bateu.”

“Pois deixe estar vizinha que à noite há-de ser de outra maneira. Se ele à noite lhe quiser bater, grite a vizinha pelos apóstolos de S. Tiago, diga assim: ‘Ai valham-me aqui os apóstolos de S. Tiago’; vão lá os meus criados, cada um com um pau, e dão-lhe uma sova que ele não há-de ficar com vontade de lhe bater mais em vossemecê.”

Assim foi. Veio a noite: a mesma coisa, sova na mulher. Depois ela chamou pelos apóstolos de S. Tiago. Foram os criados da vizinha, deram-lhe uma grande sova que o deixaram quase morto.

Depois nunca mais bateu na mulher com medo dos apóstolos, e dali em diante levaram ambos boa vida.

Seja Deus louvado,

E está o meu conto acabado.

[14]

Os três irmãos¹⁶

Era uma vez um pai que tinha três filhos, e pediram ao pai para irem a correr mundo. E depois foram por uma estrada adiante e encontraram um poço onde vinham a dar três estradas. E depois separaram-se, indo cada um deles por sua estrada, e ao despedirem-se fizeram a promessa de todos três, ao fim de três anos, chegarem ao meio dia àquele sítio.

Chegaram cada um a sua terra. O primeiro aprendeu a alfaiate, o segundo a sapateiro e o mais novo artemagia. No fim dos três anos chegaram ao mesmo sítio. O alfaiate vinha muito asseado, com muito dinheiro, o sapateiro também vinha muito arranjado e o mais novo vinha cheio de cinza, muito porco, e não trazia coisa nenhuma.

Quando se encontraram e se falaram, tiveram desprezo os dois irmãos de verem assim o mais novo e, envergonhando-se de o apresentar ao pai daquela maneira, atiraram com ele para dentro do poço.

Os dois foram para casa do pai. Este ficou muito contente por os ver, mas perguntou pelo irmão. Eles responderam que não sabiam dele.

No fim de dois dias aparece ele à porta. (Como sabia artes, tirou-se do poço para fora.) O pai, vendo-o assim, admirou-se e disse-lhe que os irmãos tinham vindo muito arranjados e ele naquela lástima. Ele respondeu que ainda havia de ganhar mais dinheiro que os irmãos. Que pusesse o pai uma estalagem e ele fazia-se cão, e o pai havia de chamar por ele quando estivessem os hóspedes e havia de dizer: “Tejo! Vai-me comprar duas perdizes”; e ele dali a pouco apareceria com elas na boca. O pai assim fez, pôs a estalagem.

Passaram por ali três viajantes e descansaram. Depois o pai chamou pelo cão: “Chut, Tejo! Vai comprar duas perdizes para estes senhores.” E ele logo a saltar ia buscar. Agora eles, que viram o cão

¹⁶ “Contos populares alemtejanos», *Revista do Minho*, 7 (8) 1891, pp. 34-35. Com o nº IX no original.

assim, daquela maneira, pediram ao dono da estalagem que lhes vendesse o cão, que pedisse o dinheiro que quisesse. E depois ele falou a ocultas com o pai e disse-lhe que o vendesse.

O pai assim fez. Pediu muito dinheiro, e eles deram-lho e levaram o cão preso, e disse-lhes que não o soltassem senão lá muito adiante, que se visse algumas *ávens* havia de saltar, mas que não o soltassem senão lá muito adiante, quando estivesse esquecido da casa. Eles assim fizeram.

Pelo caminho adiante, assim que via as *ávens*, a querer saltar para as apanhar. Eles que viram isto, ao fim de muito tempo, soltaram-no e ele desapareceu. E lá muito adiante fez-se homem e assentou-se numa pedra.

Eles que iam a procurá-lo, viram aquele homem e perguntaram-lhe se deu nota de passar por ali um cão. Ele responde que tinha visto, mas onde iria ele! O que ele corria!

Voltaram ao estalajadeiro, mas qual história! Nunca mais o tinha visto. Eles perderam o dinheiro, ficaram sem o cão e o pai ficou remediado.

Deus louvado,
Conto acabado.

[15]

Conto do rei cego e sábio¹⁷

Era duma vez uma princesa e namorava um príncipe e trataram de fugir e, na tal dita noite, apareceu ali um trabalhador e ela disse-lhe assim: “Então já vens?”

E ele, para desfrutar o que era, disse-lhe assim: “Já.”

E ela, como já tinha as suas jóias e tudo arranjado, disse-lhe: “Então apará lá.” E ele aparou a riqueza toda que ela aventou para baixo.

¹⁷ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 7 (12) 1891, pp. 49-51. Com o nº X no original. Conto ditado por um rapaz de 13 anos.

Depois ela saltou pela janela e depois de se apanhar cá em baixo é que o reconheceu, e seguiu com ele, com o tal dito homem.

Levou-a para umas covas e ele disse-lhe que vinha à cidade e foi-se embora com a riqueza toda, e ela sustentava-se das ervas. Chegado o tempo de dar à luz, teve uma criança. Conforme nasceu, foi-se logo lavar.

A criança já tinha sete anos e ainda não era baptizada e andava com uma cacheira de ferro de dez arrobas. Vinha para a roda da estrada e punha-se a falar aos homens. Um dava-lhe um bocado de pão, outro cinco reis, conforme, e ele levando para junto da mãe.

Duma vez a mãe disse-lhe que falasse com os homens que ele mais conhecia para o baptizarem. Ele assim fez. Lá tratou de convidar os homens que ele mais conhecia e disse-lhes: “Ora se vossemecês me baptizassem!”

E disseram-lhe assim os homens: “Então vossemecê ainda não é baptizado?”

“Não, senhor.”

Os homens levaram-no para a cidade e baptizaram-no, e perguntaram-lhe onde estava a mãe. Ele disse que não sabia. Nesse dia deram-lhe muito que comer e ele levou-o à mãe.

Ele já tinha vinte anos, pegava num cacheira de quarenta arrobas como quem pega num bocado de pão; e havia ali um palácio que o davam de graça a quem quisesse morar nele, que estava lá um gigante, e ele tratou com a mãe para ir pró palácio. Pegou no gigante, meteu-o numa casa e fechou-a à chave; e ele ia lá para fora todos os dias buscar lenha e trabalhar.

E a mãe cá, abria a porta ao gigante e o gigante dizia-lhe: “Ora se tu matasses o teu filho, vivíamos aqui os dois sós.” E ela perguntou então de que maneira?

“Manda-o ó jardim da Boa-Hora encher duas garrafas de água lá do jardim, porque aparece um porco-espinho e o porco-espinho mata-o.”

E ela fechou o gigante e veio o filho e ela esteve-lhe dizendo que padecia dos olhos, que fosse buscar duas garrafas de água ao jardim da Boa-Hora.

E ele montou-se a cavalo num cavalo branco e foi a ter a casa dum rei que era cego; e o rei mandou dar ração ao cavalo e mandou dar alguma cousa que comer a ele, e disse-lhe que em sendo meio dia que se abria a porta do jardim e que ele, se estivesse o porco-espinho com os olhos abertos, que enchesse as garrafas; mas se ele estivesse com os olhos fechados, que se viesse embora, mas que ele quase sempre estava com os olhos abertos, e do que visse que não se admirasse.

E ele, conforme deu meio dia, abriu-se a porta e conforme ia entrando puseram-se os passarinhos a dizer: “Anda cá, príncipe; por parte da tua mãe és príncipe; por parte de teu pai és um homem mecânico.” E ele de nada fazia caso. Se fosse a dar ouvidos aos pássaros, lá ficava. Encheu as garrafas, e saiu.

Conforme deu uma hora, deu uma grande pancada a porta de ferro e fechou-se. Veio cá a casa do rei cego e sábio, e ele disse às filhas, em segredo, que despejassem a água que ele levava nas garrafas e que lhe deitassem água dos cântaros, sem ele ver. Depois ele despediu-se muito lá do rei e das filhas, e foi-se embora.

Estava o gigante mais ela brincando na varanda quando o gigante o vê vir a cavalo. E ela foi logo fechar o gigante. Fingiu outra vez que estava doente dos olhos.

No outro dia esteve falando com o gigante e diz-lhe assim o gigante: “Manda-o lá outra vez a buscar o cravo de espírito que lá está, que depois vem o porco-espinho e mata-o.”

E ela no outro dia disse-lhe: “Olha, filho, não me ponho boa senão só com um cravo de espírito que lá está no mesmo jardim.”

E ele disse: “Pois sim senhora, minha mãe, tudo se arranja.”

Montou a cavalo, e o cavalo já estava costumado: conforme chegou à porta do rei bateu com a pata à porta e ele entrou para dentro. Apareceram-lhe logo as filhas do rei; estiveram fazendo uns grandes cumprimentos, deram ração ao cavalo e ele esteve comendo.

Ao meio dia abriu-se a porta do jardim. Começaram outra vez os passarinhos: “Anda cá, príncipe; por parte de tua mãe és príncipe; por parte de teu pai és um homem mecânico.”

Ele entrou, viu o cravo, colheu-o, saiu para fora. Uma hora que dá e as portas que se fecham.

Vai a casa do tal rei e o rei disse às filhas que lhe trocassem o cravo sem ele ver. Elas assim fizeram. Depois ele despediu-se e partiu.

Estava a mãe brincando com o gigante lá na varanda. Foi fechá-lo à chave.

E vem o filho e diz assim: “Minha mãe, aqui está o cravo.” E daí ela pôs-se a agradecer muito ao filho, fingindo.

O filho saiu, e o gigante esteve falando com ela e disse-lhe que fosse lá o filho outra vez buscar as banhas do porco-espinho. E ele foi e levou a cacheira de 40 arrobas.

Chega lá a casa do tal rei e o cavalo bateu à porta. Abriu-se-lhe a porta, esteve desaparelhando o cavalo e elas deitaram-lhe ração, e ele esteve comendo.

Ao meio dia leva a cacheira, o porco-espinho estava com os olhos abertos. Chega ao pé dele, deixa-lhe cair a cacheira em cima da cabeça e esmagou-lha. Abriu-o e tirou-lhe as banhas.

E lá o tal rei cego e sábio matou um cão e tirou-lhe as banhas, porque ele já sabia, ele era sábio, e disse às filhas conforme ele viesse que lhe tirassem as banhas do porco-espinho e lhe metessem aquelas. Ele saiu, deu uma hora e as portas fecharam-se.

Chegou cá a casa do tal rei, esteve aparelhando o cavalo e entrementes as filhas do rei meteram-lhe as banhas do cão para dentro do alforge. Ele despediu-se e foi-se embora.

Estava o gigante e mais a mãe a brincar na varanda, julgando que o porco-espinho o tinha matado e, quando o vê vir, diz assim: “Ai, que além vem o teu filho!”

E ele cá o tal rei cego e sábio tinha-lhe dito que se ele alguma vez o quisessem matar que pedisse que o fizessem em quatro quartos, que os metessem num lençol e os pusessem em cima do cavalo branco.

A mãe foi fechar o gigante, e o filho veio e diz: “Aqui tem, minha mãe, as banhas do porco-espinho.”

E ela pôs-se-lhe a dizer: “Ora meu filho, pensei que ficasses lá, porque me disseram que aquele porco-espinho que era muito valente.” E ele disse à mãe que a ele nada lhe metia medo.

E o gigante falou com ela quando pode e disse-lhe que um dia, quando ele estivesse descuidado, que começasse a catá-lo e a ver se de pouco a pouco poderia cortar o cabelo que ele tinha, que lhe dava três voltas à roda da cintura (porque a força dele era nos cabelos).

Ele, o gigante, ficou com a porta aberta e unida, e a mãe pôs-se a fingir que o estava a catar e ele deixou-se dormir e a mãe desabotoou-lhe a camisa e com uma tesoirinha cortou-lhe o tal dito cabelo que tinha três braças, e ele exclamou: “Ai, minha mãe traidora, só vossemecê é que podia ser a causadora da minha morte.”

A estes gritos apareceu o gigante, e ele pediu-lhe que o cortasse em quatro quartos, que o embrulhasse num lençol e que o pusesse em cima do seu cavalo branco e que o deitassem à *marzúa*. E o cavalo foi ter à tal dita casa do rei.

Quando as filhas avistaram o cavalo disseram assim: “Ai, meu pai! além vem o tal dito cavalo mas traz só um vulto ensanguentado.”

E ele disse: “Abram-lhe lá a porta.” E abriram-lhe a porta, tiraram o tal dito vulto de cima e o pai, o tal rei, foi para uma casa e fechou-se pelo lado de dentro.

Pôs os quartos de carne em cima da lenha e largou-lhe fogo. Ficou tudo feito em cinza, e esteve formando tal e qual a estátua de um homem. Ao fim de oito dias foi borrifar a estátua com a água das duas garrafas. Daí a oito dias untou a estátua com as banhas do porco-espinho e pôs-lhas uma de cada lado do peito.

Daí a oito dias deu-lhe a cheirar o cravo do espírito e disse-lhe: “Levanta-te corpo morto!” Se muita força tinha com dobrada ficou tendo.

Montou a cavalo e o rei disse-lhe que fosse lá ao gigante que lhe desse os olhos dele (que ele tinha-lhe tirado os olhos). Ele foi.

Chegou a casa, estava a mãe detrás duma porta com um espeto para, logo que ele entrasse, espetá-lo. Ele levava uma espada,

mete-a pela físga da porta e atravessou a mãe; e vai ó pé do gigante e disse que lhe desse lá os olhos do rei cego e sábio; e o rei tinha-lhe dito que os olhos dele que eram castanhos, e o tal gigante vinha-lhos a dar azuis, deu-lhe uma cacheirada pelas costas, e depois dava-lhe outros pretos, deu-lhe com a espada, até que o gigante deu-lhe os tais castanhos.

Voltou pra palácio porque o rei tinha-lhe dito que ó gigante não o podia matar de maneira nenhuma, e casou com uma das filhas do rei e ficou para sempre em casa do dito rei.

Acabou-se a história.

[16]

Conto do¹⁸ gigante Lagrante¹⁹

Era um rei que foi à caça; tinha três filhos e uma filha e na caçada apareceu um veado, donde a princesa com o cavalo começou a correr atrás dele, e depois de estar muitas léguas desviada do rei, o veado fez-se em um gigante, donde a levou para o palácio dele, do gigante.

Todos os dias estava o gigante na tapada donde estava um porco-espinho. Um irmão dela, o mais velho, pediu ao pai que lhe desse licença para ir à procura de sua irmã e o pai deu-lhe licença. Tratou de se aviar e montou-se num bom cavalo, despedindo-se do pai e da mãe chorando. Chegou a um campo donde não havia água nenhuma que beber.

Ia já com a língua dois palmos saída da boca para fora e, depois de muito tempo, de muita sede, encontrou uma nascente donde estava um leão, um galgo e uma águia e uma formiga, e depois ele disse: “Tal é! tal é! Estes são como a preguiça. Com sede e ao pé d’água. Pois deixa estar que não dou água a vocês, quero ver se a bebem.”

¹⁸ do] *om. P.*

¹⁹ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 7 (12) 1891, pp. 52-53 (P). Com o n° XI no original. Conto ditado por um rapaz de 13 anos.

Bebendo água e dando ao cavalo, seguiu o caminho. Encontrou com uma grande boiada. Donde perguntou de quem era. Respondeu o guardador: “São do gigante Lagrante, que roubou Dona Infanta, clara como o papel, vermelha como a romã.”

“Então essa é minha irmã.”

“Se ela é sua irmã isso é que não sei.”

“E então chegarei lá hoje?”

“Para você lá chegar é preciso comer um boi.”

O homem seguiu para diante. Mais adiante encontrou umas ovelhas. Perguntou de quem eram. Respondeu o homem: “São do gigante Lagrante, que roubou Dona Infanta, clara como o papel, vermelha como a romã.”

“Então essa é minha irmã.”

“Se ela é sua irmã isso é que eu não sei.”

“E então chegarei lá hoje?”

“Para você lá chegar é preciso comer uma ovelha.”

Seguiu para diante. E lá em cima dum muro viu estar uma pessoa a acenar-lhe com um lenço, que se fosse embora, quando não que o gigante matava-o. Chegando mais ao pé viu que era sua irmã que lhe disse: “Vai-te embora, querido mano, quando não, vem o gigante Lagrante que te come inteiro.”

Ele estava todo admirado em ver aqueles portados tão altos, que tinham sete metros de altura e meteu-se detrás da porta. Vem o gigante e começou a dizer: “Ai, mulher, que me cheira a carne humana!” Fechou a porta, viu lá o príncipe, tratou de o comer.

Ao segundo príncipe aconteceu-lhe o mesmo.

E o mais novo seguiu pelo mesmo caminho, donde chegou também à tal nascente, onde estava o leão, o galgo, a águia e a formiga. Primeiro que ele bebesse água, esteve dando aos animais e depois os animais beberam algumas sete pipas d’água. Bebeu ele e deu-a ao seu cavalo. Esteve tirando o farnel que ele levava e esteve repartindo com os animais.

Depois foi-se embora e os animais começaram a dizer uns para os outros: “Então nós havemos de deixar o nosso benfeitor? Não, vamos segui-lo.” Começaram a chamar por ele e ele diz: “Tato!

não ficaram contentes com o que lhe *dê*, e agora tiram-me a vida!” E a formiga montou-se a cavalo no leão e seguiram atrás do príncipe.

Chegaram à tal boiada e perguntou de quem era. Responde o tal: “São do gigante Lagrante, que roubou Dona Infanta, clara como o papel, vermelha como a romã.”

“Então essa é minha irmã.”

“Se ela é sua irmã isso é que eu não sei.”

“Então chegarei lá hoje?”

“Para você lá chegar é preciso comer um boi.”

“Então venha de lá o boi.” Veio o boi, partiu-o em quatro quartos: o maior foi para o leão, os outros dois um para a águia e outro para o galgo, e a cabeça deu-a à formiga, mesmo para ter casas para morar.

E ele vinha embora, começam eles a dizer: “Espere aí.”

E depois ele diz assim: “Então vocês querem ir comigo?”

“Queremos, sim senhor.”

“Então porque o não disseram há mais tempo?” Esteve esperando que eles comessem, depois seguiram para diante. Aconteceu o mesmo com as ovelhas; também estiveram comendo ovelha.

E depois, chegando a certa distância, viu também lá estar a acenar com o lenço, que se fosse embora. Depois esteve falando com a irmã, e disse-lhe que ia ver se perguntava ao gigante o que era que ele tinha na tapada. Depois foi-se embora para ali perto. Não tinha medo de dormir sozinho.

No outro dia pela manhã, estava o gigante a almoçar e ela perguntou-lhe o que era que ele tinha na tapada.

E ele disse: “Além, na tapada, está a minha morte e está dobrada valentia; além está um porco-espinho: em o matando quebram-me as forças; abrem o porco-espinho salta uma lebre; se matam a lebre quebram-me as pernas e os braços; se abrem a lebre salta uma pomba, e se matam a pomba fico sem sentidos; se abrem a pomba tiram um ovo, se mo dão a beber tenho dobrada força do que a que tenho, e se mo esmagam na testa morro.”

Ele saiu, foi para a tapada e ela esteve contando tudo ao irmão. E o irmão, depois que ele veio da tapada, foi lá à tapada ele e

apareceu o porco-espinho, e o leão deitou-se ao porco-espinho e disse-lhe este: “Ah! leão! leão! se aí viesse o meu patrão e me desse uma sopa molhada em vinho e desse um beijo numa donzela, eu te diria a ti, leão!”

Depois o leão disse-lhe assim: “Ah! porco-espinho! porco-espinho! se me dessem uma sopa molhada em vinho, eu te diria a ti porco-espinho!” Depois vieram-se embora.

No outro dia levou um prato com vinho e metade dum pão. Tornou a aparecer o porco-espinho e deitou-se a dizer a mesma coisa, e o leão disse o mesmo.

Conforme o leão acabou de dizer, deu-lhe uma sopa molhada em vinho. Deita-se ao porco-espinho, mata-o; e abriram o porco-espinho, salta uma lebre; o galgo, assim que viu a lebre, correu correu atrás dela, mas já o gigante estava numa casa, sem forças; conforme o galgo apanhou a lebre, mataram-na e quebraram-se-lhe os braços e as pernas cá ao gigante; e pôs-se o gigante a dizer: “Ah! mulher! mulher! tu foste a minha perdição!”

Abriram a lebre voou uma pomba! A águia seguiu-a, agarrou-a e depois o príncipe teve pena em a matar e disse-lhe a formiga: “Deixe, que tudo se arranja.” Entra pelo bico da pomba, fez-lhe deitar o ovo fora. Tiraram o ovo, vieram cá ao gigante e disseram-lhe se ele queria beber aquele ovo. Ele ia a abrir a boca e aventaram-lhe com ele à testa.

Depois morreu o gigante. Toda aquela riqueza ficou sendo para a princesa. Depois mandou chamar o pai, que não quisesse ser rei, que viesse para a companhia dela enquanto vivesse.

Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo, está o meu conto acabado.

[17]

Conto do galo²⁰

²⁰ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 7 (12) 1891, pp. 53-54. Com o nº XII no original.

Era duma ocasião um galo e foi a correr mundo. Foi andando e no meio do caminho encontrou um gato.

“Donde vais, camarada gato?”

“Vou correr mundo.”

“Vamos ambos.” Foram.

Mais adiante encontraram um carneiro.

“Donde vais, carneiro?”

“Vou correr mundo.”

“Vamos todos três.” Foram andando e, lá mais para diante, encontraram um pato.

“Donde vais, pato?”

“Vou correr mundo.”

“Vamos todos quatro.” Foram andando, foram andando e, lá mais para diante, encontraram outro carneiro.

“Donde vais carneiro?”

“Vou correr mundo.”

“Vamos todos cinco.” Anoiteceu-lhes no meio dum escampado.

Disseram uns para os outros: “Isto está mau, e bastante mau, porque não sabemos onde havemos de pernoitar.”

Diz o galo: “Eu salto para cima daquela árvore a ver se vejo por aí algum monte.” Avistou umas casas velhas.

“Amigos, vamos andando, que já sei onde temos casa para dormir.” Chegaram à dita casa.

Diz o galo: “Toca a destinar camas.”

Diz o gato: “Eu deito-me além, naquela pouca de cinza.”

Diz um dos carneiros: “Eu fico aqui detrás da porta.”

Diz o outro carneiro: “E eu também fico.”

Diz o pato: “Eu fico passeando pela casa.”

Diz o galo: “E eu vou além pra cima daquela prateleira.” Estava tudo a dormir.

Por essa noite adiante passou um lobo e deu-lhe o cheiro de caça.

“Por aqui há coisa que me agrada.” Foi andando, chegou à porta e entrou.

Os carneiros, que deram razão dele, saltaram-lhe logo em cima às marradas. Sai de lá o gato, salta-lhe em cima, e aquilo era unhada que fervia. O pato, que andava passeando pelo meio da casa, dizia: “Pateá-lo bem! pateá-lo bem! pateá-lo bem!”

Diz o galo da prateleira: “Por cristas, se lá vou abaixo não sei que farei! Por cristas, se lá vou abaixo não sei que farei!”

O pobre do lobo, quando dali saiu foi todo ensanguentado. Encontrou-se com uns poucos de lobos e disseram-lhe: “Por aí há caça grossa.”

“Amigos, não vão lá, olhem a desgraça em que eu venho! Eu já lá estive. Estão dois sujeitos detrás da porta com dois cornos tão torcidos! Aquilo era marrada que me deixaram um S. Lázaro. Veio de lá o outro do borralho e não sei que ferramenta tinha, que aquilo metia-se-me pela carne dentro que era lume. Salta um gajo que andava pelo meio da casa: ‘Pateá-lo bem! pateá-lo bem!’ Pois uma grande barbatana encarnada que lá estava numa prateleira a gritar: ‘Por cristas, se lá vou abaixo não sei que farei!’ Mas nunca se desceu cá para baixo! Vamo-nos embora, não nos vamos meter com quem não conhecemos.”

E os cinco da viagem ficaram descansados e foram continuando a sua jornada.

Bendito e louvado,
Está o nosso conto acabado.

[18]

Raposinha maroteira²¹

Era duma vez uma raposa e tinha um amigo, e o amigo dela era um lobo e ela era casada com outro lobo, e o lobo com quem ela era casada era pai do lobo que namorava mas o lobo não sabia que ele era o pai.

²¹ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 7 (13) 1891, pp. 57-58 (P). Com o n° XIII no original.

Depois a raposa, como tinha muito amor ao amigo, convidou-o para ir ao mato. Depois ela fez combinação de falar para o amigo e disse: “Hás-de ir ter a tal parte.” E ela foi e falou com ele. Depois disto ela andava grávida do *home*.

Depois esteve com o amigo, e lá estiveram a fazer combinação em ela deixar o homem e ir com o amigo. O homem era muito cioso com ela porque ela era *munto* em simpatia. Depois ela foi fazendo fandando à porta de carros *co* dito amigo.²²

Depois ela, em seguida, queixou-se que andava para se aliviar. Chama ela o homem dizendo-lhe: “Homem, quem havemos de chamar para compadre?”

Dizendo-lhe ele: “Mulher, chama quem tu quiseres, que eu nisso não me meto”, ela chamou o amigo para compadre.

Depois o homem ficou muito desconfiado mas não o deu a entender. Ficou muito triste quando ele lhe chegou à porta para baptizar o filho, e ela toda satisfeita.

Ele disse: “Mulher sempre fizeste o que querias.”

E ela disse: “Sim, homem, fiz o que era da minha vontade.”

“Agora é que eu sei que andava bastante enganado quando dizias que ias para caçar galinhas, ias para caçar coelhos atrás das moitas.”

Depois sempre deram ordem a baptizar o filho. Fizeram jantar e estavam jantando à mesa. O dito compadre estava-se temendo do reboiço que estava para aparecer.

Chegou o dito homem pela porta dentro e viu-a estar a comer arroz muito satisfeita ao pé do tal compadre. Começou a dar estoiros no amigo e nela. Depois ele, o amigo, agarrou nela e roubou-a e pondo-a às cabritas foi dizendo sempre:

“Raposinha maroteira
Fartinha d’arroz
Anda à cavaleira.
Anda lá, anda lá, anda lá.”

²² fazendo...amigo] *omnia sic P*

Conto dos passarinhos verdes²³

Havia uma princesa e era por costume todos os dias ir pentear-se numa janela que deitava para a varanda.

Um dia, estava penteando-se, veio um passarinho verde, levou-lhe a fita do cabelo. A pequena ficou muito triste. No dia seguinte, tornou a ir pentear-se ao mesmo sítio. Veio o passarinho e levou-lhe o pente. No outro dia, estava-se penteando, levou-lhe o penteador. A princesa tão cismática por tais coisas caiu de cama e nunca mais falou.

O rei mandou deitar um pregão, que daria uma tença a quem fosse capaz de fazer falar a princesa. Uma velha teve por notícia que o rei dava uma tença e disse para uma filha: “Ó filha, eu vou ver se faço rir e falar a princesa.”

“Mãe, não vá; vossemecê está doida; entre tantas pessoas ninguém a faz falar, só vossemecê sendo velha imagina tal; anoiteceu-lhe no caminho e vai passar alguns trabalhos.”

“Pois, filha, já me vou meter a caminho.” Marchou a velha.

Já cansada de andar, anoiteceu-lhe no caminho. A mulher ficou muito assustada ao ouvir um grande barulho; olha para o lado e quando vê um bando de passarinhos verdes e abrir-se uma pedra; eles entraram e a velha entrou também atrás deles.

Chegou lá abaixo, era um grande palácio; viu uma mesa com todas as iguarias, viu um espeto ao lume sem ninguém lhe mexer; a velha foi a mexer no espeto e levou com ele na cara. Ela o que fez, meteu-se atrás da porta.

Passado uma hora viu ela um passarinho verde banhar-se numa bacia, depois transformou-se num príncipe.

Chegou ao pé duma cómoda, abriu um gavetão e disse: “Fita, pente, penteador, quem me dera ver o meu lindo amor.” Depois sentou-se à mesa, ceou, depois foi-se deitar. A velha sempre atrás da porta.

²³ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 7 (14) 1891, pp. 61-62.. Com o nº XIV no original.

De manhã muito cedo, levantou-se o príncipe, tornou-se a banhar numa bacia, ficou num passarinho, depois vieram os outros companheiros e todos saíram. A velha saiu atrás deles. Seguiu a viagem a casa da princesa. Chegou à porta do palácio. Os criados não a deixavam entrar. Tanto teimou até que conseguiu.

Chegou ao quarto, perguntou à princesa como estava, a qual não lhe respondia. Começou a dizer assim: “Anoiteceu-me no caminho, depois ouvi um barulho, vi um rancho de passarinhos verdes...”

A princesa assim que ouviu falar em passarinhos verdes disse logo: “Conta velha”; e levantou-se da cama. Tudo ficou admirado em palácio, de tantas pessoas ninguém fez falar a princesa senão a velha. A velha foi contando tudo e a princesa pediu ao pai que a deixasse ir com a velha.

Foi, chegou ao sítio, sentaram-se em cima da pedra, viram os passarinhos verdes e elas entraram com eles e esconderam-se detrás da porta. Veio o passarinho, banhou-se na bacia, transformou-se num príncipe, chegou à cómoda, abriu o gavetão e disse: “Fita, pente, penteador, quem me dera ver o meu lindo amor.”

A princesa saiu detrás da porta: “Aqui estou eu.” Houve grande festa em palácio, casaram e a velha ficou para aia e com muito dinheiro, e escreveu à filha contando-lhe o passado.

[20]

Estou num ôgo²⁴

Era uma vez uma princesa e mandou deitar pregão que casava com aquele que soubesse responder à pergunta que ela fazia.

Foi muita gente e ninguém soube responder. Um negociante foi com um criado e no caminho encontrou uma galinha no choco e tirou-lhe um ovo.

Disse o amo: “Para que queres tu isso?”

²⁴ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 7 (14) 1891, p. 62. Com o n.º XV no original.

“Deixe, meu amo, é para o que der e vier.”

Chegou mais para diante, encontrou uns pauzinhos e meteu-os no alforje. Lá mais para diante, ao amo dá-lhe vontade de fazer necessidade e diz-lhe o criado: “Faça aqui neste lenço.”

“Para que guardas tu isso?”

“Tudo serve, meu amo, é para o que der e vier.”

Chegaram a palácio. Foi o amo a ver se sabia responder.

Veio para fora e diz ao criado: “Eu sei lá o que ela diz! Que está num ôgo. Que está num ôgo. Eu entendo-a lá!”

“Deixe, meu amo, que eu lá vou ver se a entendo.”

Entrou, e à princesa deu-lhe logo vontade de rir quando o viu, e depois disse-lhe: “Estou num ôgo.”

E ele respondeu-lhe: “Asse este ôvo.” E tirou o ovo da mochila.

“Não tenho lenha.”

“Ela aqui está”, e tirou os dois pauzinhos.

“Tu és um m...”

“Apare lá”, e dá-lhe o lenço.

E ela teve de casar com ele.

[21]

Março, marçagão...²⁵

Um homem pobre mas trabalhador casou, por sua desgraça, com uma mulher preguiçosa.

Cada vez que o homem vinha para casa perguntava: “Ó mulher, o que fizeste?”

“Fiei todo o santíssimo dia”, respondia ela, por conselhos da mãe. O marido ficava calado.

Passado tempo, diz-lhe a mãe: “Ó filha, é preciso, para teu marido não desconfiar que não tens feito nada, que vamos ao ribeiro fingir que lavamos e coramos as meadas.”

²⁵ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 7 (14) 1891, pp. 62-63. Com o nº XVI no original.

Assim fizeram e, para enganar mais o marido, levaram uns cestos com uns bocados de esteirões e muito que comer e que beber. Assim que chegaram ao ribeiro prantaram-se de suciata a comer e a beber e prantaram os esteirões ao sol. (Era em Março.)

O marido, que já andava desconfiado da tramóia, foi espreitar. Assim que viu aquele embrechado, envolve-se num lençol e desata à pazada à mulher dizendo com fala de Medo:

“Eu sou Março, Marçagão,
Curo meadas, esteiras não.”

A mulher veio derreada para casa e, dizendo-lhe o marido: “O que tinha?”, ela contou-lhe o caso.

Vai ele disse-lhe: “Pois, olha, mulher, faz o que o Março te disse.”

Ela assim fez, trabalhou sempre daí para diante.

Seja Deus louvado,
Está o meu conto acabado.

[22]

Conto dos três estudantes²⁶

Chegaram três estudantes, sem vintém, a uma cidade e combinaram para um arranjar o pão, outro o vinho e o outro a carne.

O que havia de arranjar o pão foi falar com uma padeira que estava no mercado e ajustou um tabuleiro de pão e mandou-o por um rapaz à estalagem, sem a mulher ouvir.

Depois meteu-se entre muita família que estava no mercado e pôs um parche de pêis num olho sem ninguém ver. A mulher tudo era puxar por ele: “Tio, ó tio, pague-me o pão.” Ele volta-se para a mulher e ela viu que tinha só um olho. Pediu-lhe perdão, que não era ele, que era um homem que tinha dois olhos.

O que havia de arranjar o vinho foi a uma adega que estava medindo, e levava um coiro às costas, fazendo-se negociante de

²⁶ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 7 (15) 1891, pp. 65-66. Com o nº XVII no original.

vinhos. Esteve provando e, sem ninguém dar por tal, deixou o coiro de água que levava às costas e levou um de vinho e foi para a estalagem.

O que havia de arranjar a carne ajustou uma carga de caça e mandou-a por um rapazinho à estalagem sem o dono ouvir onde era, dizendo-lhe que ia com ele a uma igreja a falar com o padre que lhe havia de pagar a caça.

Chegaram à igreja e disse o estudante para o homem que ia a falar com o padre. O estudante disse ao padre que estava ali um criado para ouvir de confissão; que ainda nunca se tinha confessado; que tivesse paciência.

Veio para o pé do velho e disse-lhe que o padre, quando acabasse de confessar aquele penitente, o havia de chamar para lhe dar o dinheiro da caça, e foi para a estalagem.

Quando o padre chamou o homem, cuidava que era para o confessar e o homem cuidava que era para receber o dinheiro da caça. Mandou-o ajoelhar e benzer. Ele disse-lhe que para receber o dinheiro que não era preciso ajoelhar, nem benzer.

O padre disse-lhe: “Tenha paciência, faça o sinal da cruz e reze a confissão.”

De novo repetiu o homem que ele já se tinha confessado, queria que lhe desse o dinheiro da sua caça. Dizia o padre: “Bem me dizia seu amo que ainda nunca se tinha confessado.”

Quando lhe falou em amo, conheceu o engano em que tinha caído e contou tudo ao padre. Foram em pergunta do estudante, mas a boas horas!...

[23]

A desmazelada²⁷

²⁷ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 7 (15) 1891, p. 66. Com o n.º XVIII no original.

Havia uma mulher casada e muito divertida. Tinha o marido doente, chegava duma função, dizia para o marido: “Ó João, João, queres-me lá alguma coisa?”

“Eu não.”

“Vetirí e vitirão, o meu João não quer nada, não.”

Depois adoeceu a mulher e disse para o marido que fosse à vila a chamar o cirurgião. O marido foi pela manhã e não veio senão à noite.

Ela disse-lhe: “Ó João, foste à vila?”

“Toda a tarde andei abaixo e acima.”

“Viste lá o cirurgião?”

“Lá andava mais o irmão.”

“Então não lhe deste parte do meu mal?”

“Nunca mais me lembrei de tal!”

“Não lhe procuraste se o meu mal tinha cura?”

“Nunca me lembrou de tal figura.”

“Quem me dera um bocadinho de pão mole.”

“E eu oito ou nove.”

“Quem me dera um bocadito de franganito.”

“E eu a mãe e o filho.”

“Abalaste e aqui me deixaste entre quatro paredes.”

“Deitasses uma abaixo que já ficavam três.”

“Ai! muito mal casei!”

“E eu muito mal fiquei.”

[24]

Conto do parvo²⁸

Havia um homem que tinha dois filhos e uma filha. Um dos filhos era parvo e o outro estava nos estudos. Morava na quinta do rei e devia-lhe muitas rendas.

²⁸ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 7 (16) 1891, pp. 69-70. Com o nº XIX no original.

Um dia foi pedir ao rei que lhe perdoasse o que lhe devia e o rei disse-lhe que nem só lho perdoava mas que também lhe dava a quinta, mas que era preciso por espaço de dois meses contar-lhe um conto de mentiras.

O homem, vendo-se aflito, escreveu ao filho que estava nos estudos para lhe vir armar o conto. O filho respondeu-lhe que de verdades o podia aumentar, mas que de mentiras, que não.

Foram-se passando os dois meses e não fazia senão chorar porque o rei lhe tinha dito que era sob pena de morte.

No dia em que findavam os dois meses o filho parvo pediu o fato para ir contar o conto ao rei. Pediu às sentinelas que o deixassem entrar, sentou-se e depois veio o rei e disse-lhe:

“Senhor rei, aqui lhe venho contar o conto das mentiras: ‘Indo eu pela minha quinta, encontrei um rebanho de abelhas, ah! *sô* rei! as abelhas pude eu contar, mas os cortiços não; botei-me a correr atrás delas, apanhei uma, parti-a ao meio, espremi aquela metade muito bem espremida, deitou-me três alqueires e meio de mel; agora comecei a pensar aonde havia de ir buscar o couro para meter o mel, botei as unhas à cabeça, tirei um piolho, espremi-o muito bem espremidinho, tinha três varas e meia de comprimento; agora começo eu a pensar com que diabo hei-de atar o couro, botei as unhas às pestanas dos olhos, tirei duas, estendi-as muito bem estendidinhas, tinham quatro varas e meia de comprimento; aonde irei buscar uma burrinha; fui-me ao mar trouxe uma burrinha branca, pedi a quatro que me ajudassem a carregar; pois quando chegou a casa, vinha já ferida com o peso; mandei à do cirurgião, disse-me que torrasse umas favas e que as moesse até ficarem em pó e que as pusesse no lombo da burra e que a deixasse ficar três dias à maresia; no fim dos três dias vou buscar a burra e vi um grande faval, oh, *sô* rei! comi favas, dei favas, vendi favas, e ainda o *sôr* rei veio a comer favas...”

Diz-lhe o rei: “Ora, fora, mentiroso!”

“Então já a quinta é de meu pai!”

“Não é de teu pai, é tua, tu é que contaste o conto, e podes pedir o que quiseres que nada te negarei.”

“Eu, senhor rei, não quero senão uma coisa: todo o marido que tiver medo da mulher há-de me dar seis mil reis.”

“Então como se há-de saber isso.”

“Sabe-se bem; adeus, senhor rei, passe muito bem. Ah, senhor rei, esquecia-me de lhe dizer que tenho uma irmã muito bonita; se vossa real majestade a quisesse para palácio...”

“Cala-te que está ali a rainha.”

“Venham para cá seis mil reis, que já teve medo da mulher.”

[25]

As três cidras do amor²⁹

Havia um rei que tinha um filho que andava muito triste e doente.

O rei, para ver se distraía o príncipe, mandou fazer um grande tanque e mandou-o encher de azeite, e mandou deitar um pregão a todos os que quisessem ir buscar azeite que fossem a palácio. O príncipe na varanda observava, mas nada lhe causava graça.

Um dia veio uma velha com umas cascas de ovos; metia uma casca e deitava para uma almotolia. O príncipe achou-lhe graça e, quando a velha metia a casca, atirava-lhe com uma pedra e partia-a.

A velha olhou para cima e disse: “Ah! sois vós, pois já vos não dou as três cidras do amor.”

O príncipe chamou-a e disse: “Com pena de morte há-de dizer quais são as três cidras do amor.”

A mulher tirou três nozes e disse: “Vossa Alteza leva estas nozes, leva pão e em chegando ao pé de uma fonte parte estas nozes.”

O príncipe no dia seguinte mandou arranjar o cavalo e um alforge com pão e marchou.

²⁹ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 7 (17) 1891, pp. 73-74. Com o nº XX no original.

No meio do caminho diz ele: “Ora não hei-de ver o que está nesta noz?”

Partiu a noz e saiu-lhe uma menina muito linda e disse: “Dá-me pão e água senão morro.”

“Pão te darei eu mas água não, que a não tenho.”

“Então morro.”

“Pois morre.” A menina morreu.

Foi mais adiante e partiu a outra noz. Aconteceu-lhe o mesmo, até que à terceira chegou ao pé duma fonte e partiu-a, saiu uma linda menina, pediu água e pão, bebeu e comeu.

O príncipe disse. “Agora fica tu aí em cima dessa árvore que eu vou a palácio buscar carruagens para te levar.”

Costumava uma preta ir àquela fonte, calhou a ir na ocasião em que a menina estava na árvore, viu a sombra na água, imaginava ser ela e dizia: “Pretinha tão bonita ir à fonte! quebro o cantarinho.” Quebrou o cântaro.

A menina deu uma gargalhada. A preta olhou para cima e disse: “Ai, sois vós, vinde cá para baixo que vos quero catar um piolhinho.”

A menina disse: “Cabelo loiro não cria piolho.”

Tanto a preta teimou até que a menina desceu. Ela pôs-se a catá-la. A menina esteve-lhe contando que estava à espera do príncipe. A preta prega-lhe um alfinete de cinco reis na cabeça. A menina fez-se numa pomba e retirou. A preta subiu para cima da árvore.

Quando o príncipe veio ficou muito triste e disse: “Tão clara vos deixei e tão negra que vos acho!”

“É do *xol*”, respondeu a preta. O homem levou-a para palácio, mas muito triste.

Andava sempre uma pombinha no jardim e dizia o rei: “Que linda pombinha!”

E dizia a preta: “É bicho do mato, tem carrapato.”

O príncipe mandou deitar um laço de fita, a pombinha não meteu o pé; um laço de prata, também não quis; afinal, no laço de ouro meteu a pombinha o pé.

O príncipe começou a fazer festas à pombinha, depois disse: “Cá está o carrapato.” Puxou do alfinete, saiu a menina.

Houve grandes festas em palácio; depois a menina esteve contando ao rei o que a preta lhe tinha feito; depois deram-lhe sentença de morte e que dos ossos fizessem uma cadeira para a cama e da pele um tambor.

Quando subiam para a cama os ossos rangiam e dizia a menina: “Range, que eu padeci.”

Diziam os ossos: “Mais padeci eu.”

[26]

Os calções encarnados³⁰

Era duma ocasião duas comadres e uma tinha um compadre frade e ele tinha lá ido a ficar a casa dela, mas veio o marido bater à porta e o frade, com a pressa, deixou os calções à cabeceira da cama.

O marido, como tinha que ir para o trabalho, ainda era escuro, pegou nos calções do frade e pô-los às costas. Chegou lá ao trabalho pensando que levava a jaqueta e encontrou-se com os calções encarnados do frade.

Ele, que era da pele do diabo, disse logo: “Mesmo agora a vou matar.” E trata de marchar caminho de casa.

Mas a mulher, antes disso, tinha dado na falta dos calções. Foi a casa da comadre a chorar como uma Madalena, que estava desgraçada. Resposta da comadre: “Essa é uma de todos os diabos, mas vá para casa, deixe isso por minha conta.”

Foi ao convento e pediu uns calções a um frade seu conhecido e tratou de os vestir e, mãos à obra, pôs-se no meio da casa à espera de ver passar o compadre, e pegou em dois paios, um velho e outro novo, e pô-los em cima da mesa.

Dáí a pouco passa o compadre todo muito aflito e como a quem picava a mosca. Ela que o viu passar, a deitar os bofes pela

³⁰ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 7 (17) 1891, pp. 74-75. Com o nº XXI no original.

boca, tratou de o chamar. E ele deu-lhe por resposta. “Ó comadre pelo amor de Deus, deixe-me.”

“Quero que me faça o favor de me decidir aqui uma questão. Meu marido que ateima sempre comigo por dá cá aquela palha, e que faz esbarrunto por tudo, ateima aos pés juntos que o paio velho é o melhor e eu ateimo que o paio novo é que é o melhor.”

“Deixe-me, pelo amor de Deus, que eu não quero saber de paios.”

“Ande lá, faça-me esta vontade.”

O homem entrou e ela levantou a saia para tirar uma navalha para partir o paio, e ele reparou e viu-a de calções encarnados vestidos.

“Ó comadre pois vossemecê usa calções encarnados?”

“Então o compadre ainda não viu os da comadre?”

“Eu não senhora.”

“Credo! parece que anda parvo! Veio ordem para todas as mulheres casadas que estimam os seus maridos usarem calções encarnados.”

“Ai, comadre, com que lhe hei-de pagar a vossemecê um favor tão grande! pois eu vinha com tenções de ir matar a sua comadre porque pela manhã, no trabalho, pensando que levava a jaqueta, levava os calções dum frade às costas.”

“Não senhor, são os da comadre.”

“Já lhe vou pedir perdão.”

Foi, abraçou a mulher e pediu-lhe perdão da injúria que lhe tinha levantado. E foi-se outra vez para o trabalho de rabo entre as pernas.

[27]

Mostra-lhe a ordem³¹

³¹ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 8 (6) 1892, cc. 49-50. Com o nº XXII no original.

Era duma vez um galo, estava em cima dum telhado e apareceu uma raposa e pôs-se-lhe a dizer: “Anda cá para baixo, compadre galo, que há agora uma ordem de a gente não fazer mal uns aos outros, e os caçadores já não vêm à caça.”

Ela estava dizendo isto quando aparecem quatro caçadores do lado direito, mas muito distantes; e diz-lhe agora o galo: “Comadre raposa, além vêm quatro caçadores.”

“Donde?”

“Do lado esquerdo.”

E aqui começa a raposa a correr para o lado direito, a correr, a correr, e encontra-se com os caçadores. Volta para trás, a correr, a correr... Começa então o galo a dizer-lhe lá de cima: “Comadre raposa, mostra-lhe a ordem, mostra-lhe a ordem...”

Seja Deus louvado,

Está o meu conto acabado.

[28]

Santos! Santos! Santos!³²

Era duma vez um padre tinha um criado e mandou-o a roubar um porco.

Ao depois eles, os porqueiros, deram lá com ele a roubá-lo e deram-lhe muita pancada.

Passa depois por um bardo de ovelhas e, como não via os pastores, agarrou um borrego e levou-o.

Chegou a casa, mas o padre estava na igreja a dizer missa e foi lá.

Diz-lhe agora o padre. “Já foste, já vieste, diz-me lá o que *troveste?*”

“*Trouve* um bebé preso pelo pé; por vias do grunhim grunhim, levei muita pancada em mim.”

³² “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 8 (6) 1892, c. 50. Com o nº XXIII no original.

“Vai-te esfolante, vai-te estripante; quarto pra mim, quarto pra ti, quarto pra Maria dos Santos, Santos! Santos! Santos!”

(Acaba-se o conto batendo nos peitos).

[29]

O lume é meia manutenção³³

Era duma ocasião dois compadres muito amigos. Um deles, cada vez que lá ia o compadre, fazia-lhe muito bons lumes e punha-lhe sempre muito de comer. O outro perseguia-o muito em lá ir e, sempre que fazia o despedimento, dizia: “Compadre, até tal dia.”

“Sim, senhor, compadre, venha sempre que quiser.”

“E compadre, quando vai lá a casa?”

“Ora deixe lá, compadre, lá hei-de ir um dia; tantas vezes irei que enfadarei.”

Diz ele um dia para a mulher: “Vou lá a experimentar o compadre; sempre quero ver o seu dispor dele.” Indo, foi para lá todo o dia.

Chegou horas de almoço, nada! Chegou horas de jantar, nada!

“Th Jesus, compadre, tenho tanto frio!”

“Aqueça-se, compadre, aqueça-se, que aí tem um grande lume.”

Eis aí o homem estava abrindo-se-lhe a boca.

“Compadre, você tem frio, chegue-se para diante, ande que o lume é meia manutenção.”

Eis aí o homem teve de abalar porque a fome não o deixava e o compadre só lhe dizia: “Ande chegue-se para o lume que o lume é meia manutenção.”

Eis aí o homem veio de lá muito queixoso à mulher: “Ó mulher, põe-me já para aí alguma cousa de comer, que eu nem vejo; tenho agarrado uma fome todo o dia! Se tudo era abrir-se-me a boca diante dele e ele a dizer-me que me chegasse para diante, que me

³³ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 8 (6) 1892, c. 51. Com o nº XXIV no original.

aquecesse que o lume era meia manutenção. Lá o tornei a convidar que viesse cá outra vez, que eu hei-de ensiná-lo a ele bem ensinado. Eu disse-lhe a ele que viesse também um dia pela manhã. Agora em ele vindo não se lhe há-de pôr a mesa, nem de manhã, nem de tarde. Hás-de preparar dois braseiros e, em ele chegando, há-de lhe pôr um braseiro de diante e, sem ele ver, há-de lhe pôr outro detrás.”

Veio um dia o compadre, e a mulher assim fez. Chegou a hora do almoço, nada! Chegou a hora do jantar, nada! Ao homem tudo era abrir-se-lhe a boca. “Que é isso, compadre, tem frio? Chegue-se para o lume, aqueça-se, compadre, que se lá na sua casa o lume é meia manutenção, cá na minha é manutenção inteira...”

“Ó compadre, é verdade, então não tenho cá outro lume por detrás!...”

“E para que saiba, compadre, cá na minha casa não há meia manutenção, como na sua, cá há manutenção inteira.” E não provou nada em todo o dia.

Seja bem-dito e louvado,
Está o meu conto acabado.

[30]

Conto do Pedro Malas-Artes³⁴

Era duma ocasião um lavrador e foi para lá um criado e o ajuste que o amo fez com o criado foi de ganhar 30:000 reis até que a sua ama fosse gaga.

“Vê lá o que dizes, rapaz, ela fala perfeitamente.”

“Isso fica por minha conta.”

Tinha ele uma esteira e uma arca grande. Foi o criado a lavar com o amo e, quando vieram à noite do trabalho, estava lá o frade na casa da lavradora e a lavradora chegou à porta e, como visse o marido e o criado, disse para o frade: “Compadre, enrole-se além dentro daquela esteira.” Tratou de pôr a mesa para cearem.

O lavrador foi-se a deitar e o criado sentou-se ao lume na companhia da lavradora.

Diz: “Não sabe, minha ama, mesmo agora vou vender a minha esteira.”

“Tu estás doido!”

“Ali, aquela horteloa, compra-ma assim que eu lá chegar.”

“Quanto queres por ela?”

“Três tostões.”

“Toma lá o dinheiro.” Foi-se a deitar o criado.

Ela tratou de pôr o frade no meio da rua.

No outro dia, estava o frade de visita em casa da lavradora. Tornou a vir o marido com o criado mais cedo do trabalho do que costumava. Ela chegou à porta e como visse o marido: “Ai compadre! esconda-se dentro da arca do rapaz.” Tratou de pôr a mesa para cearem.

O lavrador foi-se a deitar e o criado sentou-se ao lume na companhia da ama.

“Mesmo agora neste instante vou a vender a arca ali à horteloa de baixo.”

“Credo, rapaz! Andas sempre com doidices! Quanto queres pela arca?”

“Cinco tostões.”

“Pega lá nos cinco tostões.”

Um dia pela manhã foi o frade visitar a comadre e tratou com ela de lhe ir a levar o jantar no outro dia em que ia lavrar. O que fez o criado? No outro dia pela manhã diz: “Meu amo, tenho de levar o lençol da cama para tapar um boi que está doente com uma dor”, porque o frade lavrava com um boi branco.

A lavradora tratou de matar duas galinhas e uma perua, arranjou um grande jantar e marchou sendo uma hora da tarde para

³⁴ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 8 (7) 1892, cc. 57-61. Com o nº XXV no original.

jantar na companhia do seu compadre frade. Pôs a alcofa à cabeça e foi andando pela estrada, e viu um boi branco.

“Além anda meu compadre.” Por fim chega lá e encara com o marido e com o criado.

“Ó mulher, tu por aqui?”

“Sim, marido, porque estas galinhas iam adoecendo e tratei de as matar para as vir comer na tua companhia.”

“Bem, vamos a jantar.” Estendeu uma grande toalha e tratou de pôr a comida.

“Ora, marido, temos aqui tanto de comer, o nosso compadre anda lavrando ali naquela baixura, será bom que o Pedro o vá a chamar.”

“Pois sim, mulher.”

Ela tratou de lhe dar um punhado de pêras e nozes e passas a Pedro para ir comendo pelo caminho para ir mais depressa e ele foi espalhando-as pelo caminho.

Chegou ao pé do frade: “Eu sou seu amigo, tenha a bondade de se ir embora porque meu amo vem a cortar-lhe as orelhas.”

Pedro veio-se embora. Como o frade se demorasse alguma cousa, diz a mulher para o marido: “Vai lá tu, que sempre são recados de rapazes.”

O lavrador tratou de tomar caminho adiante. Como visse as pêras pela estrada foi-as apanhando.

O frade, que o viu, tratou de fugir pensando que ele ia apanhando pedras.

O lavrador, como visse que o compadre ia a correr, disse: “Ó compadre dê-me uma palavra.”

“Nem uma nem nenhuma.”

Tratou de vir para a companhia da lavradora.

Diz ela: “Então o compadre?”

“Assim que me viu lançou a correr.” Ela ficou toda triste.

Estavam começando a comer e Pedro vê vir uns poucos de caçadores. Diz: “Meu amo, não vê o que além vem? Aquela gente vem prendê-lo a vossemecê.” Trataram de fugir o lavrador e a lavradora.

Chegaram os caçadores ao pé do criado.

“Façam favor de se assentarem todos e vamos a comer e a beber.” Quando acabaram a sua bela pândiga eram trindades. Ele tratou de vir com as juntas de bois para casa do amo.

“Então como te deste tu com essa gente, rapaz?”

“Tratei de lhe dar o comer todo que lá estava e de lhe pedir que não viessem prender a vossemecê.”

Trataram de se deitar a mulher e o marido e o criado deitou-se à *chame*, ao lume.

Por essa noite adiante sentiu uma *rasmalhada* na fechadura da porta. Era o frade que estava metendo um dedo. Ele foi e cortou-lhe o dedo com uma navalha. Embrulhou-o num papel e meteu-o dentro do bolso.

Daí a dias soube a comadre que o compadre estava muito doente de cama e o frade gostava muito de sopas de poejos e ovos. Tratou a lavradora de lhe fazer umas sopinhas muito bem feitinhas. Pedro desconfiou que aquele almoço era para o frade e meteu-lhe o dedo dentro das sopas.

A comadre foi levar o almoço ao compadre frade, esteve-o cumprimentando, estendeu o pano e pôs a tigela das sopas em cima da cama. Quando estava em meio de comer, encontrou o dedo e disse para a comadre que não queria mais.

“Ora, meu compadre, coma mais uma colherzinha por minha conta.”

“Para lhe fazer a vontade não lhe comerei uma, comerei duas, mas também me há-de fazer uma coisa que eu lhe peço.”

“Então o que é?”

“Meter a sua língua aqui dentro da minha boca.”

Meteu-lhe a língua na boca e ele traçou-lha ao meio.

Assim que se viu com a língua traçada saiu para a rua. “Bleu, bleu, bleu.”

Pedro, assim que ouviu a lavradora, chegou ao pé do lavrador: “Venha os meus 30:000 reis, porque já tenho a satisfação da minha ama estar gaga.” Em oito dias os ganhou.

Bendito e louvado

E o meu conto acabado.

[31]

A arte liberal³⁵

Era duma ocasião um pastor, tinha um filho e perguntava-lhe o pai que ofício queria aprender: “Não quero nenhum, quero brincar.”

Passaram-se alguns anos, já estava um rapaz quase homem e o pai muito consumido de ele não querer aprender algum ofício. Tornou-lhe a dizer: “Francisco, tu estás um homem e tens de perguntar algum modo de vida, eu estou e tua mãe já avançada em idade, é bem que aprendas algum ofício para te governares.”

“Em vista de me oportunity tanto, quero aprender a arte liberal.” Isto era em fim de ano.

Marchou com o filho no outro dia a uma cidade onde havia um mestre que ensinava a arte liberal. Chegou a casa do mestre, esteve fazendo o seu ajuste para lhe ensinar o filho.

Disse-lhe o mestre: “Daqui a um ano venha-o vossemecê a buscar.” Ficou o rapaz aprendendo.

Chegou o fim do ano, pôs-se o pai a caminho a buscar o filho. Faltava-lhe quase uma légua para chegar à dita cidade e viu um passarinho muito bonito a espojar-se na terra e depois fez-se num homem, que era o filho dele.

³⁵ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 8 (8) 1892, c. 51. Com o n° XXVI no original.

Esteve-lhe falando e disse-lhe: “Pai vossemecê amanhã vai-me a buscar e eu venho aqui a avisá-lo; eu hei-de estar dentro de uma gaiola aonde está uma imensidade delas tudo com passarinhos dentro, e vossemecê, quando entrar dentro de casa, olhe para o lado direito. Eu estou na segunda e hei-de levantar o pézinho esquerdo. Agora veja o que lá faz.”

“Sim, filho, vai descansado.”

Ora o rapaz tornou-se a fazer num passarinho e foi-se embora.

Chegando o pai a casa do mestre, esteve-o cumprimentando.

“Então vem buscar o seu filho?”

“Sim senhor, faz hoje um ano que aqui o deixei.”

“Mas vossemecê não o conhece.”

“Ora essa! Em tão pouco tempo havia de perder a feição de não conhecer o meu filho?”

“Bem, venha comigo.”

Foi, abriu a porta de uma sala toda guarnecida de gaiolas. Ele olhou para o lado direito e o passarinho levantou o pé esquerdo. O pai deitou a mão à gaiola e disse-lhe: “É este.”

“Ah, ladrão, que me enganaste”, disse o mestre, “mas deixa que eu ainda te hei-de apanhar.” O pai saiu com a gaiola na mão.

Quando ia pela estrada abriu a porta da gaiola. Soltou o passarinho, espojou-se, ficou em homem. Ia conversando com o pai e olhou para diante.

Andava sua majestade na companhia dos seus conselheiros à caça, e diz o rapaz: “Eu agora vou-me espojar naquele montão de terra e hei-de-me fazer num cão de caça com uma coleira de guizos ao pescoço.”

E tinha ele dito ao pai que havia de apanhar muita caça e que sua Majestade que havia de mandar um conselheiro dizendo-lhe se queria vender o cão – havia de pedir-lhe 12 moedas menos a coleira. Em menos de uma hora carregou um burrinho de caça.

O rei, assim que viu aquele animal tão bom caçador, disse para um dos conselheiros: “Vai ver se aquele homem quer vender o cão.”

“Diz Sua Majestade se você quer vender o cão?”

“Em me dando 12 moedas, menos a coleira, já o vendo.” O Conselheiro foi dar parte a Sua Majestade.

Diz El-Rei: “Parece-me muito caro.”

“Mas fica Vossa Real Majestade com uma prenda boa.”

Contou as 12 moedas, mandou-as ao homem e levou o cão. Tratou de ir logo à caça com ele, matou tanta que já Sua Majestade não sabia onde a havia de pôr.

Mas, quando lhe pareceu, meteu-se por um mato fechado e desapareceu. Veio ter com o pai à estrada.

Daí a nada, deu Sua Majestade pela falta do cão. Foram ter com um homem que ia caminhando. Perguntaram-lhe por ele.

“Eu nunca mais o vi, aqui levo eu a coleira na mão.”

O rei ficou muito triste, sem cão e sem as 12 moedas.

Daí a seis dias havia uma grande feira numa corte e disse o filho para o pai. “Nós havemos de ir à feira, eu hei-de-me fazer num soberbo cavalo e vossemecê, quando fizer venda de mim, diga-lhe que é fora o freio.” Apresentou-se na feira e o Mestre é que o comprou.

“Quanto quer você pelo cavalo?” Pediu-lhe uma grande quantia de dinheiro. Ele tratou logo de lha dar e o pai esqueceu-se de lhe tirar o freio.

O mestre veio com ele para a estalagem. Alugou um quarto para ele dormir e recomendou o cavalo aos criados. Em toda a noite não deixou dormir ninguém a bater com as patas na manjedeira.

Diz um criado: “Tomara que amanhecesse para ir dar de beber a este amaldiçoado, que isto é sede que tem.”

Assim que amanheceu, pegaram no cavalo caminho do chafariz a dar-lhe água. O dono que deu razão que tinha saído o cavalo, chegou à janela e entrou a dizer: “Não lhe tirem o freio.”

E diz um criado para o outro: “O que diz ele?”

“Que lhe tires o freio.”

“Pois espera que eu já lho tiro.” E tirou-lho.

Fez-se numa pombinha e o mestre fez-se num gavião, correndo sobre a pombinha.

Estava uma princesa à janela e diz para a aia: “Olha que pombinha tão bonita!” E ele fez-se num anel e caiu no dedo da princesa.

A princesa olhou para o dedo e ficou muito satisfeita de ver um anel tão lindo e todas as noites tirava o anel do dedo e punha-se a conversar com ele.

E ele disse-lhe: “Ao fim de três dias há-de aparecer aqui diante deste palácio um palácio de cristal e el-rei há-de ter muita vontade de o ir ver e de o comprar, e quando o rei perguntar quanto quer pelo palácio, o dono há-de dizer que quer o anel que a princesa tem no dedo e, na ocasião em que a princesa for a tirar o anel do dedo, deixe-o cair.”

No outro dia, pela manhã, levantou-se Sua Majestade, chegou a uma sacada e viu aquele palácio tão brilhante e disse para os seus conselheiros: “Temos que ir ver aquele palácio, tenho muita vontade de o comprar.”

Esteve primeiro almoçando e disse para a princesa: “Anda, minha filha, vamos a ver o palácio para to comprar.”

Assim que chegaram, o dono, que era o Mestre, andava-lho mostrando, e perguntou el-rei quanto queria por ele. “Eu quero somente o anel que a princesa tem no dedo.”

Ela tirou o anel e deixou-o cair. Fez-se numa romã. O mestre fez-se numa galinha e o discípulo numa raposa, comeu a galinha e os pintos e depois apareceu homem.

A princesa contou tudo ao rei e disse-lhe que não queria casar com mais ninguém senão com aquele mancebo. Ao fim de três dias casaram, vivendo muito felizes.

Seja Deus louvado

E o meu conto acabado.

Conto do Juíz de Fora³⁶

Era de uma ocasião um juiz de fora, vivia em Coimbra na companhia da mãe, e foi a viver para Lisboa.

Ao fim de uns dias de lá estar, houve uma procissão e, indo atrás dela numa rua de Lisboa, viu uma cara mais linda do que a lua a uma das janelas. Tratou de perguntar quem era aquela senhora. Disseram-lhe que era casada com um capitão da marinha, mas que o marido tinha marchado a fazer uma viagem. Ele entrou a pensar de que maneira lhe havia de mandar uma carta.

Ao pé dele morava uma velha, mandou-a chamar e perguntou-lhe, dando os sinais que aquela senhora tinha, se a conhecia. A velha disse-lhe que sim. Escreveu uma carta à dita senhora e mandou-a pela dita velha. Ela bateu à porta e veio uma criada. Perguntou-lhe pela dona da casa, que lhe queria falar.

Ela veio e a criada entregou-lhe a carta. Esteve-a lendo e abriu um baú e puxou por uma toalha e pôs uma dedada de tinta na dita toalha e mandou a velha embora.

O juiz, que estava ansiando por saber a resposta, e a velha disse-lhe o que lhe tinha acontecido.

“Amanhã hás-de levar outra carta.”

No outro dia tornou a bater à porta e veio a criada. Perguntou pela senhora. Ela veio e entregou-lhe a carta. Esteve-a lendo, abriu o baú, puxou pela dita toalha e pôs-lhe duas dedadas pretas e mandou-a embora. Deu a mesma resposta ao juiz.

“Amanhã hás-de levar outra carta.”

No outro dia foi a velha levar a carta. A senhora esteve lendo. Abriu o baú, sacou a toalha e pôs-lhe três dedadas pretas. A velha veio contar ao juiz e ele como viu que nada pôde obter, caiu de cama, doente, com paixão. A mãe mandou logo chamar um médico.

Conservou-se na cama muitos dias e o médico sem lhe dar cura, e disse à mãe que o seu filho não era doença que tinha, que era

³⁶ “Contos populares alemtejanos”, *Revista do Minho*, 8 (9) 1892, cc. 73-77. Com o n° XXVII no original.

uma grande paixão, que visse ela com as suas maneiras se conseguia tirar-lhe algumas falas com respeito à paixão que o dominava.

A mãe sentou-se à cabeceira da cama do filho e começou-lhe a dizer que lhe descobrisse o que era que lhe dava tanto cuidado. E o filho respondeu-lhe que não era possível ela dar-lhe remédio a essa mágoa.

“Isso é que tu não sabes.”

“Pois eu lhe vou contar o que me acontece. Eu padeço muito por uma senhora e já lhe escrevi três cartas e não me mandou resposta. À primeira pôs uma dedada preta numa toalha, à segunda pôs duas e à terceira pôs três.”

“Ora, bem digo eu, filho, que sempre és muito alarve; um homem de muitos estudos e não sabes compreender o que isso quer dizer! Eu te faço a explicação desses sinais: ‘Se não puderes ir à uma da noite vai às duas, ou às três.’” O juiz pôs-se logo quase bom ao ouvir estas razões.

Assim que deu a uma hora da noite encaminhou-se para casa da dita senhora. Encontrou a porta aberta, subiu a escada e a criada encaminhou-o para o quarto. Haviam de ser umas três horas da manhã, o marido que chegava. Bateu à porta, veio a criada.

Como havia já dois meses que não via a mulher e era casado de pouco tempo, dirigiu-se ao quarto para abraçá-la. Como encontrasse duas pessoas, retirou logo muito depressa para uma sala. Chamou a criada.

“Vai ao convento de S. Francisco a chamar o sr. frei João.”

A rapariga como visse aquela grande aflição dirigiu-se a casa de uma comadre. Bateu à porta.

“Ai comadre! Que grande desgraça vai suceder em casa da minha ama! Meu amo chegou agora e manda chamar o sr. Frei João; naturalmente é para confessar aquelas duas pessoas.”

A comadre saiu de casa, foi bater à porta do convento. Veio o porteiro.

“Tenha a bondade de dizer ao meu compadre frei António que lhe quero dar uma palavra.”

Ele veio e ela disse-lhe que tivesse a bondade de lhe emprestar os seus hábitos. Tratou de os vestir e dirigiu-se para casa do capitão da marinha. Ele estava passeando na sala.

Chegou frei João ao pé dele, deu-lhe boas noites e o dono da casa disse : “Vá-me confessar aquelas duas almas que estão naquele quarto.”

Ela chegou ao pé da cama, chamou o juiz de fora: “Vista-se muito depressa, tome lá estes hábitos e tenha a bondade de dizer ao dono da casa que não pode confessar duas mulheres juntas.” Ela despiu-se e meteu-se na cama com a comadre.

O frade veio para fora e disse ao dono da casa: “Não posso confessar duas mulheres juntas.”

“Eu peço mil desculpas a sua reverendíssima de o incomodar a estas horas; parece que o demónio faz a gente cega.”

Pegou num candeeiro, foi ao quarto da mulher, ajoelhou e pediu perdão três vezes à mulher e à comadre.

Resposta da comadre: “Credo, compadre! não sei como vinha da cabeça, parecia que vinha doido! Desde que vossemecê marchou que eu venho a dormir todas as noites na companhia da comadre.”

“Não quero que me fale mais nisso.”

Meteu a mão ao bolso gratificou-a com seis moedas e ficou vivendo na paz de Deus com sua mulher.

Seja bem dito e louvado,

Está o meu conto acabado.

[33]

**Graças a Deus para sempre, tenho a barriga cheia e toda a
minha gente³⁷**

Havia noutro tempo um homem muito ruim para a mulher e filhos e por isso os fazia passar fomes, batia-lhes, não lhes dava fala; enfim, a pobre mulher vivia num tormento constante.

Tinha ele por costume ser o primeiro que aviava o seu prato, com pouca comida, e principiava logo a comer, de forma que, quando a mulher estava aviando o prato do terceiro ou quarto filho, já ele tinha acabado e então tirava o prato que tinha o resto do jantar, que guardava num armário, e dizia, à maneira das santas graças:

“Graças a Deus para sempre,
Tenho a barriga cheia e toda a minha gente.”

A mulher, coitadinha, tinha de comer só pão, para que os filhos comessem o que ela tinha podido tirar do prato mas que era pouco para tantos. E ele, como naquela ocasião comia pouco, depois vinha comer sozinho o que tinha guardado. Assim sucedia todos os dias e a todas as comidas, até que um dia apareceu ali um compadre a quem a mulher, cheia de desgosto, contou o que o marido lhe fazia e a má vida que lhe dava, devido ao seu mau génio. O compadre teve muito dó dela e dos filhos e prometeu-lhe que o havia de ensinar.

Veio depois o marido e fez muitas festas ao compadre, convidando-o para ficar em sua casa, etc., etc. Chegou a hora de jantar e o dono da casa fez o costume, mas quando foi tirar o prato para ir guardar, depois de recitar a oração costumada, diz-lhe o compadre: “Espere lá, compadre, se vossemecê tem a barriga cheia, a minha e a das crianças estão despejadas; e como vossemecê me convidou para ficar na sua casa, não há-de ser para eu passar fomes.”

³⁷ “Contos populares alemtejanos recolhidos da tradição oral”, *A Tradição*, 4 (9, Set) 1902, pp. 141-142 (P); *Contos populares recolhidos da tradição oral na província do Alemtejo*, Elvas, A. J. Torres de Carvalho, 1919, pp. 3-6 (S). Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1758, 10 Mar. 1919.

O outro envergonhou-se de tornar a assentar-se e foi para o trabalho e o compadre e a família comeram a fartar. Depois disse para a comadre: “Vocemecê não faça ceia e deixe o resto por minha conta.”

Chegou a noite e, depois de terem estado um bocado à lareira a conversar, foram-se todos deitar, mas no meio da noite o dono da casa, que não podia com fome, chamou a mulher e disse-lhe: “Ó mulher, *plamôr*deus, vai-me fazer alguma coisa para comer, que não posso estar com fome.”

“Ai, *home!* o que te hei-de fazer a estas horas?”

“Faz-me umas papas.”

Levantou-se a pobre mulher, reanimou o lume e pôs o tacho da água a ferver com a farinha, mas quando estavam quase prontas, o compadre que tinha ficado na cozinha “para dormir mais quente” atira com as meias sujas para dentro do tacho que, estando mal seguro, tombou e entornaram-se as papas!

“Ai, compadre, que me desgraçou!”

“Então a comadre não estava fazendo barrela?”

“Não senhor, eram umas papas para o meu marido. Então o que lhe hei-de agora dizer?”

“Ora, conte-lhe o meu engano.”

A mulher foi para o quarto contar ao marido o que se passou, mas ele que tinha muita fome diz-lhe: “Ó mulher, tem paciência, vai fazer-me um bolo de amassadura e coze-o no borralho.”

“Ora como hei-de fazer isso se o nosso compadre está lá na cozinha e, se me vê ao lume, faz-me alguma pirraça.”

“Anda lá, experimenta.”

A mulher fez o bolo e foi cozê-lo; mas o compadre, assim que a viu, veio assentar-se ao lume, dizendo que não podia dormir com frio e, pegando na tenaz, diz-lhe: “Agora vou contar-lhe a minha história. Olhe, comadre, o meu pai era rico, mas nós, quando ele morreu, éramos 14 irmãos, de maneira que teve de entrar a justiça em casa por causa das partilhas. Que desgraça nos sucedeu, minha comadre! Foi tudo dividido assim: bocado a um, bocado a outro, a um as panelas, a outro os tachos, a outro os pratos; por fim

era já tão grande a barafunda que cada um tirava o que podia.” E a cada quinhão de que falava fazia um risco fundo com a tenaz no bolo, com a cinza, que era impossível comer-se!

A pobre mulher, por mais que diligenciava evitar que ele estragasse o bolo, nada pôde conseguir, em vista do entusiasmo com que ele fazia os quinhões e, quando viu o estado em que ele o pôs, disse: “Ai, compadre da minha alma! que era um bolo para meu marido!”

“Ai, comadre, porque não mo disse? E eu julgava que era o *formento* que vossemecê estava fazendo!”

“Então agora o que lhe hei-de eu dizer?”

“Ora diga-lhe que dormiu e que o gato o comeu.”

A mulher isso lhe disse. O marido ficou desesperado e, como não podia ficar assim, resolveu pôr às costas a albarda da burra e ir para o faval comer favas cruas.

Assim fez, mas o compadre, que o sentiu, pega numa *espengarda*³⁸ e vai atrás dele e, quando o apanhou a comer as favas, dispara um tiro.

O homem assim que isto ouve começa a gritar: “Ó compadre, não atire que sou eu!”

O outro fez-se muito admirado e procurou-lhe o que estava ali fazendo, coberto com a albarda? Que ele tinha disparado pensando que era uma raposa que estivesse comendo as favas.

“É que, como ontem não jantei como costume e nem *ai*, não posso dormir com fome e vossemecê tem estragado o que minha mulher tem ido fazer para eu comer e, por isso, me vi obrigado a comer favas.”

“Ora muito bem; pois isso que lhe fiz hoje foi para avaliar o que a sua mulher e os seus filhos passam com a sua maldade de os fazer passar fome. Agora que já sabe o que isto custa, deve emendar-se e deixar que a sua família encha a barriga.”

O homem serviu-lhe a lição e, daí em diante, comiam todos a satisfazer e ele já não dizia:

³⁸ *espengarda*] *espingarda* P. O itálico faz supor uma forma dialectal, ou seja “*espengarda*”, como escreve S.

“Graças a Deus para sempre,
Tenho a barriga cheia e toda a minha gente.”

(Elvas)

[34]

A fada mouca³⁹

Era uma vez uma velhinha muito mouca, mais mouca que a minha avó! Esta velhinha foi um dia ao campo buscar um feixe de lenha e encontrou um rapazito com um cesto no braço, mas como era muito curiosa perguntou-lhe: “Donde vindes, rapazinho?”

“Venho de Inglaterra.”

“Debaixo da terra?! Oh! louvado seja Deus! E o que trazeis nessa cestinha?”

“Um presunto.”

“Um defunto! Oh! louvado seja Deus! E o que trazeis na vossa mão?”

“Uma cana verde.”

“Uma canela dele! Oh! louvado seja Deus!”

O rapaz pôs-se a rir dos disparates que dizia a mouca, pelo que ela ficou muito zangada e lhe disse: “Visto que te ris de mim, eu te fado para que em toda a tua vida não possas dizer senão: Cócórócó que estou nos ovos!”

E assim sucedeu! Até que o rapaz, desgostoso de não poder dizer mais palavra nenhuma, se matou!

E seja Deus louvado,
Está meu conto acabado.

(Elvas)⁴⁰

³⁹ “Contos...”, *A Tradição*, 4 (9, Set) 1902, pp. 142-143 (P); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 7-8 (S). Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1758, 10 Mar 1919.

⁴⁰ (Elvas)] *om. S*

[35]

A princesa encantada⁴¹

Havia noutro tempo um rei e tinha uma filha muito sábia, que disso tinha grande ufania. Um dia disse ela ao rei que mandasse deitar um bando para toda a gente vir a palácio responder ao que ela dissesse.

Assim se fez, mas com a promessa de que, se fosse mulher que respondesse bem, teria uma tença⁴² e, se fosse homem, casaria com a princesa. Com tão boa promessa veio toda a gente ao palácio, mas ninguém sabia responder.

Faltava ainda um lavrador que disse para um criado que aparelhasse a égua para ir responder à princesa. O criado que era muito bruto, mas ladino, diz-lhe: “Ó sr. meu amo, deixe-me ir a mim *tamém!*”

“Ó alarve, o que *le* hás-de tu responder?”

“Não sei, mas tenho cá uma aquela que hei-de *le* saber responder.”

O lavrador riu-se muito, mas disse que sim; e o rapaz foi-se vestir de lavado e pôr o seu fato domingueiro, mas passando por uma meda de lenha tirou uns poucos de paus que meteu no bolso e o mesmo fez a um ovo que uma galinha acabava de pôr.

Reparando nisto, o lavrador diz-lhe: “Para que serve isso?”⁴³

“Ande lá, sr. meu amo, que tudo serve.”

Montaram-se os dois, cada um em sua égua, e foram caminho do palácio. O lavrador, no meio do caminho, teve uma necessidade; apeou-se e foi satisfazê-la. E depois o criado tirou do bolso um

⁴¹ “Contos...”, *A Tradição*, 4 (9, Set) 1902, p. 143 (P); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 9-10 (S). Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1759, 22 Mar 1919.

⁴² tença] terça P e S.

⁴³ “Para ... isso”] *om. P*

lenço de seda, apanhou tudo e guardou, como tinha feito à lenha, dando a mesma resposta ao amo – de que tudo servia.

Chegaram, e o lavrador foi o primeiro a ir ouvir a princesa, mas nada soube dizer, e mandou o rapaz, visto que eram admitidas pessoas de todas as classes. A princesa abriu uma porta e disse: “Eu sou um fogo.”

“Asse-me lá este ovo”, disse o rapaz, apresentando-lhe a seguir a lenha e o presente que trazia no lenço.

“Não tenho lenha.”

“Aqui estão uns pauzinhos.”

“Você é um sujo.”

“Aqui tem uma prova.”

A princesa ficou desesperada por ser aquele bruto a única pessoa que lhe tinha sabido responder; mas como a palavra do rei não voltava atrás, casou com ele.

E quem lá se viu
É que lá se achou;
Beijinhos e abraços
Para quem o contou.

(Elvas)

[36]

O padre ridículo⁴⁴

Era uma vez um padre muito ridículo e, por isso, em chegando próximo os fins dos meses, arranjava sempre uma questão com os criados rapazolas que o serviam e despedia-os sem lhes pagar; e assim ia sendo servido de graça.

Um dia um estudante fez uma aposta com os companheiros de que era capaz de roubar o padre. Os outros apostaram que não; e

⁴⁴ “Contos...”, *A Tradição*, 4 (10, Out) 1902, pp. 156-158 (P). *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 11-13 (S). Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1759, 22 Mar 1919.

ele, para ganhar a aposta, vestiu-se com fato muito velho e à noite foi a casa do padre saber se queria um criado, acomodando-se com todas as condições que ele lhe impôs.

O padre estava assentado e mais a sua ama a um belo lume de lenha e disse ao rapaz que fosse também para ali. O rapaz foi e, passado pouco tempo, diz-lhe o padre: “Então como me chamam por aí a mim?”

“Chamam-lhe o sr. padre prior.”

“Fortes parvos! Eu chamo-me papa-deuses.” O rapaz fez-se muito admirado.

“E então a esta senhora?”

“Ama do sr. prior.”

“Súcia de bestas! Esta é a Fugritatis.” Nova admiração do rapaz.

“E isto?”, dizia ele indigitando o gato.

“É um gato.”

“Não, é o papa-ratos.”

“E isto?”

“É lume.”

“Não, são alumiantes.”

“E aquilo?”

“São umas escadas.”

“Qual história, são escrimónias.”

“E o que está nos paus da chaminé?”

“São chouriços e paios.”

“Não digas tolices. São papas e cardeais.”

“E isto?”

“É água.”

“Não, isto chama-se abundantes.”

O rapaz tomou muito sentido em todos os nomes e, dali a pedaço, diz: “Ora eu queria pedir um favor a V. S^a.”

“Então o que é?”

“E que eu tenho sezões e já estou com o frio (e nisto batia com os dentes uns nos outros) e então, se me deixasse dormir aqui,

eu mesmo na lareira me deito. O padre teve dó e deu a licença pedida.

Dali a pouco a ama, que já tinha acabado de passar as contas e dormido⁴⁵ no *entreval*o dos padre-nossos e das avé-marias, lembrou ao padre que eram horas de se deitarem.

O padre que também já tinha completado a sua conta, despejando a longos tragos a borracha de vinho e comido o último bocadinho de lombo assado no espeto ao belo lume e encontrando-se tão quente por fora como por dentro, resolveu ir deitar-se, deixando o rapaz ao lume a curtir a sessão e lembrando-lhe que pela manhã tinha de ir ajudar-lhe à missa.

“Vá vossa mercê descansado que a essa hora já me tem passado a trabuzana e estou leve como um coelho.”

Tanto que o rapaz ouviu rressonar o padre e a ama, tirou a carne toda que estava na chaminé para um saco que achou e pôs diante da porta do quarto quantas cadeiras e mesas achou; atou uma porção de estopa ao rabo do gato que principiou a dar berros quando ele com um tição de lume lhe deitou fogo; e, pondo o saco da carne às costas, foi bater à porta do quarto dizendo: “Ó papa-deuses! tira-te dos braços da Fugritatis, vai acudir ao papa-ratos que vai pelas escrimónias acima, cheio de alumiantes, acode-lhe com abundantes que eu cá vou carregado de papas e cardeais.”

Quando o padre, depois de ter quebrado o nariz nas cadeiras que estavam à porta do quarto, pôde entrar na cozinha, ficou desesperado por aquele maroto lhe ter roubado os seus belos paios e chouriços. Mas por mais que procurou nunca soube quem tinha sido o espertalhão que o enganou, ganhando assim a aposta que tinha feito.

Seja Deus louvado
E o meu conto acabado,
Que não é bonito,
Mas é bem contado.

⁴⁵ dormido] dormindo P

[37]
O galo⁴⁶

Era uma vez um galinho que andava a esgaravatar num campo e achou uma bolsa cheia de dinheiro! Principiou a pensar a quem daria o dinheiro que melhor o recompensasse e decidiu que o levaria ao rei, e partiu caminho do palácio com a bolsa ao pescoço.

No caminho encontrou uma raposa que lhe disse: “Aonde vás, galinho?”

“Vou levar esta bolsa de dinheiro ao rei.”

“Eu também quero ir.”

“Mete-te aqui para o meu rabo.” Lá se meteu a raposa.

Foi mais adiante e encontrou um montão de pedras e perguntam-lhe: “Onde vás, galinho?”

“Vou levar esta bolsa de dinheiro ao rei.”

“Nós também vamos.”

“Metam-se aqui para o meu rabo.”

Encontrou mais uma ribeira e um enxame de abelhas que lhe pediram para ir com ele e que o galo mandou meter no rabo.

Assim chegou ao palácio cheio de todas aquelas coisas e pediu para ir entregar a bolsa ao rei. Este recebeu o dinheiro e mandou-o meter no galinheiro.

Ficou o galo todo zangado porque esperava grande recompensa em troca da bolsa e, para se vingar, deixou sair do rabo a raposa e esta comeu as galinhas todas! O galinho pôs-se em cima do galinheiro a cantar:

“Qui-quiri-qui!

Venham ver o que eu fiz! “

Vieram a ver e não havia nenhuma galinha. Disse o rei: “Metam o galinho dentro de um pote.”

Assim se fez e ele, assim que lá se viu, deitou fora do rabo as pedras e partiu-se o pote. E o galinho pôs-se a cantar:

⁴⁶ “Contos...”, *A Tradição*, 4 (10, Out) 1902, p. 158; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 14-16. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1759, 22 Mar 1919.

“Qui-quiri-qui!

Venham ver o que eu fiz!”

Foram dizer ao rei o que havia e ele mandou-o meter num forno bem aceso. O galinho, assim que o meteram lá, largou a ribeira e apagou-se o fogo. O galinho pôs-se a cantar em cima do telhado.

“Qui-quiri-qui!

Venham ver o que eu fiz!”

O rei, já desesperado, disse: “Tragam cá esse maroto que lhe quero sujar em cima.”

Mas assim que o rei se despiu, o galinho largou as abelhas que se pegaram todas ao corpo do rei que já escorria sangue por todos os lados; e levaram-no para a cama quase morto.

Depois deram outra vez a bolsa de dinheiro ao galo com a condição de se ir logo embora, visto ele fazer tanta maldade. O galinho assim fez; e quando chegou à sua terra distribuiu o dinheiro pelos pobrezinhos, que era mais bem empregado do que no rei.

Seja Deus louvado

Está meu conto acabado.

(S. Vicente)

[38]

A raposa⁴⁷

Era uma vez uma raposa que foi a casa de um barbeiro e disse-lhe assim: “Ó sr. barbeiro, corte-me aqui o meu rabo que está cheio de piolhos.” O barbeiro cortou-lhe o rabo.

No outro dia volta lá a raposa: “O sr. barbeiro, *qué* dele, o meu rabo?”

“O teu rabo atirei-o para o telhado.”

“Ai sim? ... pois levo-lhe uma navalha.”

⁴⁷ “Contos...”, *A Tradição*, 4 (10, Out) 1902, pp. 158-159 (P); *Contos... op cit.*, Elvas, 1919, pp. 17-18 (S). Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1759, 22 Mar 1919.

Foi a casa de um oleiro: “Ó sr. oleiro, aqui tem esta navalha para raspar as suas tigelas.”

No outro dia foi lá: “Então a minha navalha?”

“A tua navalha partiu-se.”

“Pois roubo-lhe uma tigela.”

Foi a uma horta: “Ó sr. hortelão, aqui tem esta tigela para refogar as suas *bringelas*.”

No outro dia voltou à horta: “Onde está a minha tigela?”

“A tua tigela quebrou-se.”

“Ai sim? ... pois furto-lhe estas *bringelas*.”

Foi a casa de um moleiro: “Ó sr. moleiro, aqui tem estas *bringelas* para o seu jantar.”

Passados dias foi lá: “Então as minhas *bringelas*?”

“As *bringelas* comi-as.”

“Pois levo-lhe um saco⁴⁸ de farinha.”

Foi a casa de uma mestra: “Sr^a mestra, aqui tem esta farinha para fazer bolinhos às suas meninas.”

No outro dia foi lá: “Então a minha farinha?”

“Fiz bolos para as meninas.”

“Ai sim?... pois levo-lhe uma menina.”

Levou a menina e foi a casa de um violeiro: “Sr. violeiro, aqui tem esta menina.”

O violeiro foi levar a menina a casa da família. No outro dia vai a raposa: “Sr. violeiro, onde está a minha menina?”

“A tua menina morreu.”

“Ah sim?... pois levo-lhe uma viola.”

Roubou-lhe a viola e foi para cima de um telhado e pôs-se a cantar assim:

“Eu de rabo fiz navalha,
De navalha fiz tigela,
De tigela fiz *bringela*,
De *bringela* fiz farinha,
De farinha fiz menina.
De menina fiz viola,

⁴⁸ um saco] uma saca S

Torrum tum tum,
Que me vou embora!”

(Elvas)

[39]

Letras e tretas⁴⁹

Eram duma⁵⁰ vez uns lavradores que tinham dois filhos; um era estudante e o outro era cabreiro.

Como o ano fosse mau, pediram um moio de trigo emprestado ao compadre prior que era padrinho do filho que estudava; mas quando colheram a seara não pagaram o trigo e assim foi correndo o tempo.

Sempre que iam à missa, desfaziavam-se em desculpas com o padre por não terem ainda pago e ele dizia-lhes sempre que arranjassem a sua vida e que pagassem quando pudessem. Mas no outro domingo repetia-se a cena, até que afinal o padre, já farto de os aturar, disse um dia ao pai: “Olhe, compadre, diga ao meu afilhado que arranje uma mentira do tamanho do Padre-Nosso, que já lhes perdoe a dívida.”

O velho ficou louco de contente e foi para casa dizer ao filho que, visto ele ter tantas letras, arranjasse a mentira quanto mais depressa melhor, para a ir dizer ao sr. padrinho, como ele desejava; mas o rapaz, por mais que estudou, por mais que contava as palavras das mentiras que armava, não conseguia fazer uma da tamanho do Padre-Nosso; numas sobravam, noutras faltavam, até que declarou ao pai que não podia satisfazer o empenho do padrinho. O pai ficou triste e muito zangado com o rapaz, dizendo que de nada lhe

⁴⁹ “Contos...”, *A Tradição*, 4 (11, Nov) 1902, pp. 174-175 (P); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 19-22 (S). Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1760, 14 Jun 1919.

⁵⁰ duma] d’um P

aproveitava o que o padrinho gastava com ele, visto não ser capaz de arranjar uma mentira.

Num domingo em que estavam falando sobre o caso, quando o outro filho veio a casa, disse este: “Olha a grande coisa! ter que arranjar uma mentira do tamanho do Padre-Nosso! Maior sou eu capaz de a arranjar e ir dizê-la ò padrinho, se vossemecê quiser!”

“O que dizes tu, filho?! lhe diz a mãe. Pois tu *astreves-te?*”

“*Astrevo* sim senhora! Ora dê-me vossemecê licença e lá verá.”

“Eu sei lá, filho! Tu és a modos que assim tão brutinho, para ires falar com aquela gente...”

“Deixe lá, mãe, que uma pessoa, com' ò outro que diz, *tamém* não é tão parvo como òs⁵¹ da cidade pensam; ora verá.”

Com estas e outras razões convenceu a mãe e o pai e, no domingo, lá foi ele caminho da igreja para dizer ao sr. padrinho a mentira encomendada. O padre, que já estava prevenido, logo que acabou de dizer a missa foi para a sacristia com um amigo, a quem contou o caso, esperar o rapaz. Este não se fez esperar e de chapéu na mão e acariciando a cabeça, como vulgarmente se usa no campo, chegou ao pé do padrinho, pôs as mãos, pediu-lhe a benção e depois disse:

“Pois, meu padrinho, eu tinha um colmeal tão grande! tão grande! que nem sabia o conto òs cortiços! Um dia pus-me a contar as abelhas e faltava-me uma! Fui por esse mundo em pergunta da minha abelha e vai, sr. padrinho (e nisto batia uma forte palmada na perna do padre), estavam quinze lobos a comê-la! Eu atiro-lhes com uma ameixa (e trás – nova palmada) e matei-os⁵² todos! Mas só deixaram uma perninha da abelha. Pego a torcê-la (outra palmada), não deitou nada; começo a destrocê-la e deitou dez almudes de mell (e nova palmada no padre que já se encolhia!). Ora aqui estava eu sem ter onde deitar o mell! Fui ao monte buscar um burro, com licença de meu padrinho (e trás – palmada) e carreguei o mel, mas pesava tanto que fez uma ferida nas ancas ò burro! Fui a casa de um

⁵¹ òs] os *S*

⁵² matei-os] a *add. S*

alveitar que deitou na ferida um alqueire de favas! Ai, meu padrinho! (e mais palmada – o padre já suava!) fez-se um ervilhal que apanhava três léguas de grandeza! Cai-me nele um porco-espinho que não se lhe viam de longe senão as unhas! Atiro-lhe com uma foice, espeto-lhe (com sua licença) o cabo no rabo e (palmada na perna do padre) ó meu rico padrinho, aquilo é que era bonito ver o porco!... Com as pernas ceifava, com a foice debulhava, com a boca pregava cada assopro que caía a palha para o chão e as ervilhas levava-as o vento! Quando se foram a medir, deitaram dois moios de trigo e um pouquinho e foi assim que meu pai pôde pagar ò meu padrinho...”

O pobre prior, que tinha a perna derreada pelas palmadas, levantou-se logo e disse ao rapaz que estava perdoada a dívida contanto que ele acabasse já a mentira que era bem maior do que o Padre-Nosso.

O rapaz foi logo levar a boa nova à mãe que ficou louca de contente e convencida de que

Muitas vezes as tretas
Valem mais que as letras.
E seja Deus louvado,
Está meu conto acabado.
Quem lá se viu
É que lá se achou.
Beijinhos e abraços
Pra quem o cantou.

(Elvas)

[40]
A viúva⁵³

Havia noutro tempo uma mulher casada que tinha uma filha ainda pequena. Ela era muito amiga de festas e de bailes mas, como o marido era muito doente, não podia sair e ir aos divertimentos e por isso tomou-lhe uma zanga tal que não o podia ver.

Piorou o homem e já não se levantava e ela não queria saber dele. Só de vez em quando, para as vizinhas ouvirem, lhe dizia muito de rijo: “Lourenço, queres um caldinho?”

“Quero sim, mulher.”

Ela então dizia-lhe devagarinho: “Tem paciência, meu rico filho, meu rico menino, que agora não há.”

Depois dizia para a filha. “Zefa! vai ajudar a ver morrer teu pai que no domingo há festa e tua mãe, se ele morrer, com certeza já lá vai.”

Morreu o homem mesmo no domingo e a mulher estava toda triste por ter de chorar o marido e não poder ir à festa. Tanto se lamentou por isto⁵⁴ que uma vizinha disse-lhe que ficava chorando enquanto ela ia, mas que lhe daria em troca um alqueire de centeio.

Aceitou a viúva a proposta e foi logo vestir-se e arranjar-se e marchou depois para a festa que devia terminar com baile. A carpideira toda a noite andou à roda do defunto que estava estendido num esteirão e ela, fingindo que chorava, dizia:

“Aqui ando eu
A chorar o alheio
Por alqueire de centeio.
Ai meu belo marido morto!
Sirva-te isto de conforto!”

Assim levou a carpideira toda a noite enquanto a viúva se estava divertindo, com a consciência tranquila, visto que o seu dever outra o estava desempenhando.

⁵³ “Contos...”, *A Tradição*, 4 (11, Nov) 1902, pp. 175-176 (P); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 25-26 (S). Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1761, 16 Jul 1919.

⁵⁴ isto] isso S

Chegou o dia e a viúva voltou para casa justamente quando a carpideira, repetindo a lamentação, dizia:

“Aqui ando eu
Chorando o alheio,
Por um alqueire de centeio!
E sabe Deus se será bem cheio!”

Ouvindo isto, a viúva, tocando as castanholas e dançando em volta do marido, respondeu logo:

“Cheio e recheio!
Calcado e recalcado!
E ainda por cima
Um grande punhado.
E zus catatruz!
E zás catatraz!
Bem hajam as festas!
E mais quem as faz!”

(Elvas)

[41]

A gulosa⁵⁵

Era duma vez um pescador que tinha uma mulher muito gulosa, de forma que nunca fazia jantar para o marido, mas ela andava sempre a fazer coisinhas boas par comer e o marido comia só pão com azeitonas ou fruta.

Um dia que o homem estava dizendo muito mal à sua vida por Deus lhe ter dado uma mulher assim, sendo ele tão trabalhador, quando puxou a rede viu um peixe muito grande; mas quando ele o ia a apanhar, diz-lhe o peixe: “Não me toques, que sou o rei dos peixes e venho aqui para te valer nas tuas aflições, visto que ainda há pouco tanto te lastimavas.”

⁵⁵ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (1, Jan) 1903, pp. 14-15; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 27-29. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1761, 16 Jul 1919.

“É verdade, disse o pescador, sou muito infeliz porque trabalho todo o ano e nunca tenho, ao menos um dia, um jantarzinho que me aqueça o estômago porque a minha mulher não mo quer fazer.”

“Pois bem, lhe diz o peixe, aqui tens estas quatro bonecas: põe uma a cada canto da cozinha, sem ela ver, e deixa que amanhã já hás-de ter ceia.” E o peixe desapareceu.

O pescador, tanto que foram horas, foi para casa e, sem a mulher ver, colocou as bonecas, comeu alguma coisa com pão e foi-se deitar; e no outro dia levantou-se e saiu, como costumava.

Ela, quando lhe pareceu, levantou-se também, acendeu o lume e pôs a água para o café; depois fritou uns ovos e, quando estava o almoço feito, assentou-se ao lume e disse:

“Estende-te, perna,
No rio está quem te governa;
Ele, se se quiser aquecer,
Vá beber vinho à taberna.”

Começou a almoçar mas, assim que meteu o comer na boca, ouve uma voz que dizia: “O que é aquilo?”

“É comer!”

“Sem o marido?”

“Pois se a mulher é uma gulosa!”

A mulher teve um grande susto. Andou vendo por toda a casa mas não viu nada. Ainda com receio, mas mais tranquila, voltou a querer almoçar mas tornou a ouvir as mesmas vozes: “O que é aquilo?”

“É comer!”

“Sem o marido?”

“Pois se ela é uma gulosa!”

Desta vez não quis mais saber do almoço e foi a fugir com medo! A fome apertava-a, por isso resolveu ir fazer umas batatas para a ceia, quando viesse o marido, e assim fez.

À noite, assim que ele veio, foi ela logo sair-lhe ao encontro, dizendo-lhe: “Anda marido, vem cear, que tu deves estar com vontade.”

O marido ficou admirado mas não fez perguntas. Comeram bem e no outro dia, quando ele saiu, recomendou-lhe ela que viesse cedo que lhe teria uma boa ceia.

Pensando, porém, que tivesse sido alucinação sua, tentou novamente almoçar à chaminé; mas, tal qual como no outro dia, ouviu as mesmas vozes e as mesmas perguntas. Emendou-se então. Nunca mais comeu sem estar o marido e viveram muito bem.

Passado tempo, o pescador levou as bonecas ao rei dos peixes para ele emprestar a outro que precisasse delas para o mesmo fim, porque o que há mais é gente gulosa.

(Elvas)

[42]

A velha⁵⁶

Era duma vez uma velhinha, muito velha, muito amarracada, que andava sempre a pedir esmola, fazendo uma grande lamúria: “Que não tinha ninguém, que era muito desgraçadinha,” etc., etc.

Mas dizia-se que a velha tinha dinheiro e, por isso, num dia, um ladrão, enquanto ela foi à fonte, entrou-lhe em casa e meteu-se debaixo da cama.

A velha quando voltou viu-lhe um pé. Esteve para gritar, mas teve medo de que ele a matasse e por isso deixou a porta aberta e, ajoelhando-se em frente de um crucifixo que tinha, pôs-se de mãos postas a dizer: “Ó meu Senhor! eu quando era moça namorava um rapaz muito bonito! (e dizia isto levantando a voz); depois, meu Senhor, casei com ele e, quando vim para casa, tirou-me o véu! Que vergonha, meu Senhor! (e isto ainda mais alto). Depois tirou-me o

⁵⁶ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (1, Jan) 1903, p. 15 (P); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 25-26 (S). Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1760, 14 Jun 1919. Na segunda edição, este conto precede o nº [30].

vestido, as saias, as botas. Ai! ai! ai! que vergonha!” (e gritava mais ainda).

Os vizinhos, que ouviram aqueles gritos, acudiram a ver o que era e a velha, assim que sentiu gente em casa, sem mudar de posição, gritava: “Vão debaixo da cama que lá está o⁵⁷ ladrão!”

Os vizinhos foram a ver e lá estava o homem que levou uma bela sova; e assim se livrou a pobre velha de ser roubada e morta.

(Elvas)

[43]

Quem tirou o olho à rainha?⁵⁸

Era uma vez uma mulher que tinha duas filhas e todos os dias ia à missa. As filhas, uma era Catarina e outra Mariquinhas.

Um dia disse para a Catarina: “Vamos à missa.”

E ela disse: “Vá vossemecê, que eu tenho fome e a missa não enche barriga.” Foi a⁵⁹ mãe e a outra filha à missa.

Catarina tinha fome e foi à varanda que dava para o jardim do rei que tinha uma pereira que dava para a varanda; as pêras ainda estavam verdes e ela, com a fome que tinha, mesmo verdes as comia; e viu vir a rainha com um açafate de flores e outro de doces e chegar a um tampo de pau e espalhar as flores pelo chão e tirar o tampo e sair um cão que parecia o demónio e estar a meter os doces na boca do demónio.

Catarina deu-lhe tamanha zanga que atirou com uma pêra ao olho da rainha e lho tirou. A rainha, com as dores, meteu o demónio para dentro e foi gritando que lhe tinham tirado o olho.

⁵⁷ o] um S

⁵⁸ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (1, Jan) 1903, pp. 15-16 (P); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 31-33 (S). Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1762, 18 Ago 1919.

⁵⁹ a] om. P e S

A mãe de Catarina e a irmã vinham da missa muito assustadas e disseram para a Catarina: “Ai, que tiraram um olho à rainha!”

“Bem haja quem lho tirou, que fui eu!”

“Cala-te, Catarina, que estamos perdidas!”

“Mãe, que estamos ganhadas!”

O rei mandou deitar um pregão para ver quem tinha tirado o olho à rainha. Ninguém sabia quem tinha tirado o olho à rainha. O rei vestiu-se de pobre e andou pedindo pelas portas a ver se ouvia alguma conversa. Foi bater à porta de Catarina, pediu uma esmola e ouviu a mãe e as filhas a dizer quem tinha tirado o olho à rainha e pediu que lhe dessem gasalho⁶⁰ aquela noite porque não sabia onde era a casa dos pobres.

A mãe disse-lhe: “Perdoe, por amor de Deus, tenho duas filhas e não posso deixá-lo cá dormir, nem lhe posso dar esmola porque somos muito pobres.” Mas o rei não fazia senão teimar que o deixassem entrar, que estava muito molhado.

Catarina, como era muito decidida, disse para o pobre: “Entre, pobrezinho, a minha mãe não quer senão missa, e caridade não tem nenhuma.”

O pobre entrou e foi-se pôr ao lume e disse: “Ai, assim que cheguei a esta terra, ouvi uma má notícia: dizem que tiraram um olho à rainha.”

Responde a Catarina: “Bem haja quem lho tirou, que fui eu.”

A mãe dizia-lhe: “Cala-te, Catarina, que estamos perdidas.”

“Cale-se, mãe, que estamos ganhadas.”

O rei, assim que isto ouviu, já não podia parar, levantou-se e disse: “Nada, já vejo que não posso aqui estar”, e agradeceu e saiu.

Foi logo para o palácio e no outro dia mandou chamar as três. A mãe e a Mariquinhas choravam muito, mas a Catarina ria-se.

“Venha cá a mãe. Então você sabe quem foi que tirou o olho à rainha?”

“Saberá Vossa Real Majestade que não.”

“Então vá-se embora. Venha cá a Mariquinhas. Sabes quem tirou o olho à rainha?”

⁶⁰ gasalho] agasalho S

“Saberá Vossa Real Majestade que não: eu fui à missa com minha mãe e não soube de nada.”

“Venha cá a Catarina. Tu sabes quem tirou o olho à rainha?”

“Eu vou contar a Vossa Real Majestade”, e depois contou e o rei disse: “Se for verdade o que tu dizes, caso contigo e mando matar a rainha.”

Foi o estado do rei todo atrás e ela disse ao rei que mandasse fazer um lume ao pé do tampo de pau, e ela chegou e tirou o tampo e saiu o diabo e foi para o lume e rebentou. Depois o rei e aquela gente toda voltaram para mandarem matar a rainha e já ela se tinha atirado ao mar.

Depois o rei casou com Catarina que dizia à mãe e à irmã:

“Se não tirasse o olho
Não era eu⁶¹ rainha.”

(Elvas)

[44]

O boi barrabil⁶²

Era uma vez um rei que tinha um boieiro que muito estimava por ser muito verdadeiro; dizia o rei que o boieiro não sabia mentir e diziam os vassalos que ele, uma vez pelo menos, havia de faltar à verdade, ao que o rei retrucava que não.

Havia na boiada um boi que o rei estimava muito e se chamava o boi barrabil. Quando o boieiro ia falar ao rei, este perguntava sempre: “Como está o boi barrabil?” Ao que respondia o boieiro sempre que estava bom.

Os fidalgos tinham inveja de que o rei tratasse tão bem o homem e começaram a querê-lo indispor com o rei; disseram que ele havia de arrancar o coração do boi barrabil e pregar uma mentira ao

⁶¹ eu] a *add. S*

⁶² “Contos...”, *A Tradição*, 5 (2, Fev) 1903, p. 31; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 35-36. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1762, 18 Ago 1919.

rei dizendo que o boi tinha morrido, ao que o rei dizia que era impossível ele mentir, que havia de dizer a verdade.

Depois combinaram os fidalgos em ir uma das fidalgas estar com o boieiro e dizer-lhe que gostava muito do boi barrabil, etc., etc., e que lhe queria o coração.

O homem ficou muito admirado da exigência e disse-lhe que isso não fazia ele, e ela respondeu “Pensa nisso e eu cá volto amanhã”.

O homem ficou pensativo em vista da formosura da fidalga, mas em todo o caso, no outro dia, tornou-lhe a dizer que não, que isso não fazia ele. Ela disse-lhe: “Pensa bem, que eu amanhã torno a vir e hás-de por força dar-me o coração do boi barrabil”.

No outro dia não pôde o homem ser superior àquela exigência, tirou o coração ao boi e entregou-o à fidalga.

Depois dela se retirar começou a pensar no que tinha feito e como havia de dizer ao rei que o boi estava morto. “Pela manhã vou falar ao rei e digo-lhe: ‘Salve Deus a Vossa Majestade.’ ‘Adeus, homem, então como estás?’ ‘Eu bom, muito obrigado.’ ‘E o nosso boi barrabil?’ ‘Ora, o nosso boi barrabil ia por uma ladeira abaixo, escorregou, caiu e morreu.’ Mas nada, isto é mentira, isto não digo eu, vou-lhe dizer antes: ‘Altura, alvura e formosura fez com que eu tirasse o coração ao boi barrabil.’ Bem, esta mentira está bem.” E deitou-se a dormir.

No outro dia foi falar a Sua Majestade e na forma do costume disse-lhe: “Salve Deus a Vossa Majestade.”

“Adeus, homem, como estás, e o nosso boi barrabil?”

“Ora o nosso boi barrabil... o nosso boi barrabil...”

“Então o que é, homem?”

“Ora, saberá Vossa Majestade, altura, alvura e formosura fizeram com que eu tirasse o coração ao boi barrabil.”

Então disse o rei aos fidalgos: “Ganhei, o homem não sabe mentir: pensando que me pregava mentira, disse a verdade.”

(Elvas)

[45]

A sogra enganada⁶³

Era uma vez um almocreve casado havia pouco tempo, e a mãe prometeu-lhe uma récuca de machos se ele desse uma sova na mulher, para lhe ter respeito.

Ele dizia que não tinha motivos para lhe bater e dizia-lhe a mãe: “Motivos sempre há; olha, em ela indo fazer a açorda, quando ela pisar o alho e saltar para o chão, ela há-de apanhá-lo e deitá-lo para o gral, e então começa a ralhar e dá-lhe uma sova.”

Bem; ele no outro dia foi ver quando ela estava a pisar o alho, saltou-lhe efectivamente, mas ela, em lugar de o apanhar, foi buscar o outro e disse: “Por causa de um alho não se desmancha uma alhada.” E desta maneira ele não lhe disse nada.

No outro dia foi a casa da mãe e esta perguntou se já tinha dado a sova, ao que ele respondeu que não e contou o que se tinha passado.

“Pois olha, amanhã vai à praça, compra uns peixes e leva-os para casa, vai-te embora, não lhe digas como os⁶⁴ queres, e à noite, quando vieres, se ela os tiver fritos, diz-lhe que os querias assados; e aí tens já um motivo para lhe bateres.” Ele assim fez: comprou os peixes, trouxe-os e não lhe disse nada.

Ela quando viu o que ele tinha trazido ficou muito aflita porque não sabia como ele gostava; pôs-se a pensar e disse para consigo: faça-lhos de diferentes maneiras.

Quando eram quase horas de vir o marido, pôs a mesa como era costume e pôs os pratos com os peixes e tapou os pratos.

Quando veio, foram cear; ela destapou um dos pratos e ele disse: “Então, fritos?”

⁶³ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (2, Fev) 1903, pp. 31-32 (P); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 37-38 (S). Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1764, 1 Nov 1919.

⁶⁴ os] o P

E ela respondeu: “Então⁶⁵ como os querias, assados?”

“Ora, assados!”

“Então como os querias?”

“Cozidos!”

Ela destapou um dos pratos e disse: “Aqui os tens cozidos.”

E ele: “Ora já vejo que é impossível o que a minha mãe quer!” E explicou-lhe o que era.

“É só isso? então arranja-se bem; olha, põe a⁶⁶ albarda do burro no meio da casa e com um pau começa a bater-lhe; eu grito muito e choro, fingindo que eu é que estou levando a sova.”

Assim fizeram; os vizinhos, que ouviram aquele *lavarinto*, começaram a bater-lhe à porta, mas ele não quis abrir. Foram chamar a mãe, que viesse acudir à nora que o marido a ia matar.

Veio logo a mãe e começou muito zangada a dizer-lhe que abrisse a porta. Eles esconderam a albarda e a mulher deitou-se no meio da casa, fingindo que estava muito doente.

Aberta a porta, a mãe começou a ralhar muito com ele e disse-lhe: “Pegue em sua mulher e leve-a para a cama e venha comigo para trazer uma galinha para lhe fazer caldos.” E com a galinha veio o dinheiro para os machos.

(Elvas)

[46]

Faz tu bem, não cates a quem⁶⁷

Era uma vez um homem muito rico e não se assentava à mesa sem lá ter um pobre. Um dia não aparecia nenhum pobre e o diabo coxo do inferno foi bater à porta e pediu uma esmola. “Ó pobrezinho, veio a boa hora, entre.”

⁶⁵ Então] En P

⁶⁶ a] o P

⁶⁷ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (2, Fev) 1903, p. 32; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 39-40. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1764, 1 Nov 1919.

E para se seguir o costume da casa, o criado foi lavar os pés ao pobre; viu que ele tinha os pés redondos e disse para o amo que visse com quem se assentava à mesa pois o pobrezinho tinha pés de cabra. O amo disse: “Deixa, faz tu bem, não cates a quem.”

Veio o pobrezinho, comeu muito bem e depois de acabar de jantar disse: “Sempre lhe quero dizer que, em se vendo nalguma aflição, brade pelo diabo coxo do inferno.”

Houve depois muitas guerras e prenderam o homem; esteve na prisão muitos anos e, lembrando-se do tempo em que fazia tanto bem aos pobres, recordou-se do diabo coxo do inferno. Bradou por ele e apareceu-lhe logo, dizendo: “Então ainda agora é que te lembraste de mim? Monta-te às minhas costas e diz: ‘Anda diabo para diante’, que eu te livro da prisão.” E assim foi.

(Elvas)

[47]

O sonho⁶⁸

Era uma vez um rei que tinha três filhas e todos os dias lhes perguntava o que tinham sonhado, e uma vez a mais nova disse-lhe que tinha sonhado que ainda havia de ser rainha, dar beija-mão, e que havia de recusar a mão ao pai.

O pai, assim que a filha lhe disse isto, nunca mais a pôde ver e pensou em matá-la. Um dia mandou preparar um trem, mandou meter a filha dentro e disse ao criado que a levasse para um *escampado* e que a matasse e que lhe levasse a língua dela. Ela levava um *canzinho*.

Ao chegar ao *escampado*, o criado mandou-a descer do trem e disse-lhe: “Real senhora, o seu pai manda-me matá-la, mas eu tenho

⁶⁸ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, pp. 40-41; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 41-43. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1764, 1 Nov 1919.

muita pena de a matar e não a mato; mato antes o *canzinho* e leve-lhe a língua.”

Ela disse: “Mata-me.”

Mas ele matou o cão, tirou-lhe a língua e foi-se embora, deixando a princesa no *escampado*. O pai quando recebeu a língua ficou muito satisfeito.

A princesa anoitecia e amanhecia nos campos e um dia meteu-se num bosque muito fechado onde não havia senão bichos; e tão farta estava de viver que ia ter mesmo com os bichos para a tragarem, mas os bichos cheiravam-na e fugiam dela e ela dizia: “Sou tão má que até os bichos fogem de mim!”

Uma noite viu ao longe uma luz e foi direito a ela. Foi ter a um palácio e, como estava a chover, entrou e escondeu-se detrás do portão. À hora da meia-noite viu entrar um gigante muito feio e ela teve tanto medo que tapou a cara.

O gigante, assim que entrou, disse: “Cheira-me aqui a carne humana.” E disse-lhe: “Levanta-te.” E ela levantou-se e depois ajoelhou e pediu-lhe perdão.

“Quem te trouxe aqui?”

“A minha desgraça”, respondeu ela.

“E quem és tu?”

Ela contou-lhe o que se tinha passado com o pai.

E depois o gigante mandou-a subir e levou-a a uma casa onde havia todas as qualidades de comida e fê-la comer.

Depois levou-a a um quarto com uma cama preparada e disse-lhe: “Este quarto é o da menina; aqui ninguém lhe há-de tocar; a menina fica sendo minha filha e amanhã lhe digo o serviço que há-de fazer.” E foi-se embora.

No outro dia, quando se levantou, apareceu-lhe o gigante e disse-lhe que fosse almoçar. Depois do almoço disse-lhe que lhe queria dar um serviço a fazer e levou-a a uma casa que estava rodeada de gaiolas de passarinhos.

“O serviço que te dou a fazer é tratar destes passarinhos todos, mas cautela, não deixes fugir algum.”

Estava lá um de que ela gostou muito e levava horas esquecidas a brincar com ele; mas um dia fugiu-lhe e ela teve um grande desgosto; chorou todo o dia e à noite veio o gigante e disse-lhe: “Que tens tu, estás doente?”

“Não, meu pai, não estou doente, o que tenho é um grande desgosto porque o passarinho verde fugiu.”

“Não tenhas desgosto que eu é que lhe dei licença; mais tarde tu o verás.”

Um dia chegou um cavalheiro ao palácio e bateu à porta. Ela disse-lhe que não lhe abria a porta porque não estava lá o pai.

Depois veio o pai e levou o cavalheiro para a sala, chamou-a a ela e disse-lhe: “Este senhor vem a pedir-te para casar, é o príncipe de tal parte.”

Depois trataram do casamento; o gigante era rei de sete reinados e no dia do casamento deu quatro à filha e fez convite para todos os reis irem ao casamento.

No dia do casamento o príncipe apresentou-se todo vestido de verde e ela lembrou-se do passarinho que tinha fugido, o qual passarinho era o príncipe que estava ali encantado.

O príncipe e a princesa, que já eram reis, subiram depois do casamento ao trono e todos os convidados foram beijar a mão à rainha, onde também foram as irmãs dela e o pai e, quando este ia a beijar a mão, ela recusou a mão ao pai e a ele deu-lhe um desmaio e caiu das escadas do trono. E depois aclarou-se tudo.

Seja Jesus louvado,
Que é meu conto acabado.

(Elvas)

O baguinho de milho⁶⁹

Era uma vez uma mulher e um homem que queriam ter um filho ainda que não fosse senão do tamanho de um bago de milho e a mulher teve um filho desse tamanho, fazendo-lhe assim Deus a vontade.

Um dia o filho quis ir levar o jantar ao pai e a mãe deixou-o e ele foi com a cestinha. Chegou lá, entregou o jantar ao pai e ele, o baguinho de milho, foi-se pôr em cima de uma couve, mas veio um boi e comeu-o.

E depois ele começou a gritar lá de dentro da barriga do boi: “Pai, mate o boi, que eu dou-lhe dinheiro para três ou para quatro.” O pai matou o boi e saiu o baguinho.

E depois o baguinho foi-se a correr mundo e chegou lá a uma casa onde estavam uns ladrões e disse o capitão: “Fechem bem as portas, não ouça alguém.” E começaram a repartir o dinheiro dos roubos. O baguinho pôs-se no meio da mesa.

Um dos ladrões deu-lhe um encontrão, foi ter a uma parede o baguinho de milho e pôs-se aos gritos: “Não me empurre, não me empurre!” E pôs-se outra vez no meio da mesa.

Feitos os repartimentos, disse o baguinho de milho: “Ainda falta um quinhão.”

Respondeu o capitão: “Ainda falta um quinhão? Eles já todos têm.” Mas pôs uma bolsa em cima da mesa “para quem a quisesse apanhar”.

Diz o baguinho de milho: “Não é para quem a quiser apanhar, que é para mim.”

E depois foram jantar. Ele também quis jantar e deram-lhe de jantar. Depois o baguinho de milho meteu-se dentro da bolsa e foi rebolando para casa da mãe a dizer ao pai que ele bem lhe tinha dito que lhe arranjava dinheiro para três ou para quatro bois.

⁶⁹ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, pp. 41-42; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 45-46. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1764, 1 Nov 1919.

Depois ficaram muito contentes e está o meu conto acabado.

(Elvas)

[49]

O passarinho verde⁷⁰

Era uma vez um rei e uma rainha e tinham uma filha que nunca quis namorar; não tinha distracção nenhuma mais que ir todos os dias ao mirante.

Um dia viu vir um bando de passarinhos onde vinha um passarinho verde que, poisando no mirante, começou a brincar com a princesa. A princesa estava-se penteando e o passarinho roubou-lhe a fita do cabelo e voou. A princesa riu muito.

No outro dia, ainda mais cedo, já ela estava no mirante à espera do passarinho que veio, poisou no mirante, pôs-se de brincadeira com a princesa, roubou-lhe o pente e fugiu.

Ao terceiro dia roubou-lhe o lenço e nunca mais apareceu em nenhum dia.

A princesa começou com um grande desgosto e nunca mais saiu do quarto.

O rei mandou deitar um bando, que toda a pessoa que fizesse rir a princesa lhe dava uma tença. Ninguém fazia rir a princesa.

Um dia foi lá um velho que andou à roda da cama da princesa a fazer-lhe graças para ela se rir, mas a princesa, já muito zangada, mandou pôr o velho fora do quarto.

Quando o velho foi para casa, disse-lhe a velha que era a sua mulher: “Então, fizeste rir a princesa?”

“Nem rir nem chorar.”

“Então vou lá eu amanhã.”

⁷⁰ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, pp. 42-43; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 47-49. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1764, 1 Nov 1919.

A velha no outro dia foi e no caminho encontrou um muro com muitos buracos à roda.

“Que *diantre* será aquilo? disse a velha, deixa-me ir a ver o que é aquela novidade para levar à princesa.” Chegou ao muro, assomou, olhou lá para baixo e viu vir um bando de passarinhos, onde vinha um verde a dizer:

“Fita, lenço e pente,
Quem me dera agora ver
Quem de mim está ausente;
Três vezes trema o palácio,
E o palácio não tremeu.”

A velha ouviu isto e foi-se embora.

Chegou lá ao palácio, pediu licença para entrar e depois andava à roda da cama a dizer graças e a princesa sem se rir, até que a velha se lembrou do muro e disse: “Real Senhora, vou-lhe contar uma coisa”, e esteve-lhe a contar o que viu.

A princesa começou-se a rir e a dizer: “Conta, boa velha.” Começaram logo a tocar os sinos com a alegria da princesa falar.

Depois a princesa disse para a velha: “Leva-me lá ao tal muro.” E foram lá.

Depois a princesa olhou para baixo e viu o bando dos passarinhos, onde vinha o verde a dizer:

“Fita, lenço e pente,
Quem me dera ver
Quem de mim está ausente;
Três vezes trema o palácio,
E o palácio não tremeu.
E a princesa morreu
Ou estará presente?”

“Estou presente”, disse a princesa.

Ouviu-se depois um estalo muito grande e o passarinho desencantou-se e apareceu um príncipe que casou com a princesa, e a velha ficou no palácio.

(Elvas)

[50]

O camponês⁷¹

Era duma vez um camponês que estava numa herdade. O rei andava à caça e perguntou-lhe de que vivia.

“Vivo do meu trabalho, com doze vinténs por dia; *devido-os* em três partes, a primeira com os meus velhos pais que já não podem trabalhar, a segunda com o meu sustento e de minha mulher e a terceira dou-a a juro, isto é, aos meus filhos.”

O rei gostou da resposta e disse ao camponês que não dissesse a ninguém como dividia os doze vinténs sem ver cem vezes a cara do rei. Ele assim prometeu.

Já no palácio o rei mandou chamar os fidalgos e perguntou se eram capazes de saber quem era o homem que dividia todos os dias os doze vinténs que ganhava em três partes e como os dividia.

Os fidalgos começaram a dar voltas à imaginação até que descobriram quem era o homem e foram ter com ele. Ele não queria dizer de maneira nenhuma como dividia os doze vinténs; mas os fidalgos tanto teimaram que ele disse: “Só declaro isso se me derem cem moedas de ouro.”

Os fidalgos não tiveram mais remédio senão dá-las e ele disse como dividia os doze vinténs. Foram para o palácio e disseram ao rei.

O rei mandou logo chamar o camponês: “Ó maroto! então tu descobriste-te sem veres cem vezes a cara do rei?”

“Vi-a, vi-a, em cem moedas de ouro que os fidalgos me deram.”

“És muito esperto”, disse o rei. E perguntou-lhe que tença queria?

E ele respondeu: “Quero que cada homem que tenha medo das mulheres me dê cinco réis.”

⁷¹ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, p. 43; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 51-52. Reproduzido igualmente em *Correio Elvense*, 1765, 22 Jan 1920.

“Oh homem! tu queres só isso?”

“Quero, sim senhor, quero e hei-de-me governar.”

“Pois mando lançar o pregão.”

O homem começou a enriquecer com a dança dos cinco réis e já andava de carruagem.

Um dia estava o rei à janela e passou ele. O rei mandou parar a carruagem e ele entrou e o rei perguntou-lhe: “Como podes tu estar assim, só com 5 réis de cada homem que tenha medo das mulheres?”

Depois o homem começou a contar-lhe que no caminho vira uma princesa muito bonita...

Nisto ia passando a rainha e o rei disse: “Fala baixo, baixo, que vem aí a rainha.”

“Ai, também Vossa Real Majestade? Ora salta para cá 5 réis.”

E o rei deu-lhos e o homem ainda continua na dança de apanhar 5 réis a cada marido que tem medo da mulher.

(Elvas)

[51]

Não me cortes o cabelo que meu pai me penteou⁷²

Era uma vez um homem e uma mulher e tinham uma filha, e o homem e a mulher foram à missa e a mãe disse para a filha que ficasse para guardar os figos e que não os deixasse apanhar dos passarinhos.

A filha foi para a varanda a guardar os figos e deixou comer um e metade doutro. Quando veio a mãe, ela estava a chorar.

“Então quantos figos comeram os pássaros?”

“Comeram um e metade doutro.”

⁷² “Contos...”, *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, pp. 43-44; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 53-54.

“Deixa estar que não mas ficas perdendo.”

Fez uma cova no quintal e disse para a filha que se metesse ali dentro pois queria semear um batatal do tamanho dela. Ela meteu-se e a mãe deitou-lhe terra para cima e ali ficou.

Veio depois o marido: “Então a Maria?”

“Foi para a mestra.”

No outro dia: “Então a Maria?”

“Foi a um mandado.”

Um dia o marido disse para um criado: “Vai ao quintal colher erva para os cavalos.” O criado foi e começou a ceifar.

Chegou lá a um ponto e ouviu de debaixo da terra:

“Não me cortes o cabelo
Que meu pai me penteou,
A minha mãe me arrastou,
Nesta cova me deitou,
Por via dum passarinho.”

O criado foi a contar ao amo; o amo mandou cavar ali e apareceu-lhe a filha. Perguntou-lhe quem a tinha ali metido. Ela confessou a verdade e ele mandou atar a mãe da rapariga ao rabo dum cavalo e correu com ele por montes e vales.

Está o meu conto acabado.

(Elvas)

[52]

As pretas⁷³

Era duma vez duas pretas e moravam juntas. Uma tinha um filho e a outra uma filha.

Depois os filhos foram crescendo e diz uma das pretas para a outra: “Os nossos filhos já estão muito crescidos e parece mal andarem a brincar os dois juntos e então tu ficas aqui e eu vou morar

⁷³ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, p. 44 (P); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 55-56 (S).

para muito longe.” E lá foi a comadre Cizerina com sua filha Juliana a morar para muito longe.

O Manel, o filho da outra preta, nunca mais quis comer. Dizia-lhe a mãe: “Anda, Manel, toma um caldinho.” “*Nan quer, qu’ê quer morré.*”

A mulher viu-se tão aflita que foi a casa da comadre Cizerina e disse-lhe que fosse lá um bocadinho a ver se o Manel bebia o caldinho. A comadre Cizerina foi e levou sua⁷⁴ filha Juliana e esconderam-se as duas enquanto a mãe do Manel lhe foi dar o caldinho.

“Anda, Manel, toma este caldinho.”

“*Nan quer, qu’ê quer morré.*”

“Anda, Manel, toma o caldinho que está ali a comadre Cizerina com *su*⁷⁵ filha Juliana.”

Ele deu uma gargalhada e disse: “Sempre vossemecê está fazendo rir a gente; dê cá o caldinho.”

Tomou o caldinho e pôs-se bom; e aqui está como se preparou o casamento do Manel com Juliana, a filha da comadre Cizerina.

(Elvas)

[53]

O parvo⁷⁶

Era uma vez uma mulher que tinha um filho que era parvo. Um dia não tinha nada que comer e tinha lá uma carga de lenha e um pato, e deu-os ao filho para vender e disse-lhe: “Pede tanto pela lenha como pelo pato.” O filho assim fez.

⁷⁴ sua] su P

⁷⁵ su] sua S

⁷⁶ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, pp. 44-45; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 57-58.

Chegou lá a uma vila, estava uma mulher dum almocreve; e o almocreve tinha ido fazer uma viagem e ela tinha lá um hóspede que era um padre.

E depois a mulher quis comprar o pato e perguntou ao rapaz quanto queria por ele. “O mesmo que pela lenha.”

“Mas quanto queres tu pela lenha?”

“O mesmo que por o pato.” O padre disse à mulher que lhe desse o que lhe parecesse.

E depois o rapaz começou a chorar e diz-lhe a mulher: “De que estás a chorar?”

“Ainda não comi do meu pato.”

“Oh rapaz, então tu vendeste o pato e queres comer do pato?”

“Mas é que eu ainda não me aqueci à minha lenha.”

Depois o padre disse: “Deixe-o ficar para aí, ele é parvo.”

Ficou e estava naquela lamúria: “Ainda não comi do meu pato; ainda não me aqueci à minha lenha.”

Veio o marido e diz assim a mulher, antes de lhe abrir a porta: “Então agora como há-de ser isto?”

Diz-lhe o padre: “Ora, escondo-me aqui para este entreforro.”

“E então o rapaz?”

“Vai também.”

O rapaz lá no entreforro continuou na mesma lamúria e o homem cá fora dizia: “Parece que temos coisa má em casa.”

E a mulher dizia: “É verdade, já há bocadinho que estou a ouvir isto e não posso saber o que é. Olha, se queres vou chamar além o padre, o nosso compadre.”

“Pois sim, vai.” E esteve contando ao compadre o que tinha em casa.

O padre veio e andou benzendo as casas e chegou ao entreforro onde estava o outro padre com o rapaz. O padre saiu do buraco com o rapaz às costas e o outro correu atrás dele com um pau para bater-lhe, mas o padre aparava as pancadas nas costas do

rapaz que berrava como uma cabra e safou-se da casa; e o rapaz lá foi para casa da mãe todo choroso.

E está o meu conto acabado.

(Elvas)

[54]

O baguinho de romã⁷⁷

Era uma vez um homem muito velho e tinha um filho que era muito inteligente e queria ir aprender; depois foi para casa de um homem a aprender arte-magia e o homem foi fazer uma viagem por muitos dias.

O rapaz chamava-se João e o homem entregou-lhe as chaves das casas todas e disse-lhe: “Abre as portas todas menos aquela, porque se lá vais, morres.”

Ele, assim que o mestre se foi embora, foi a primeira que abriu e viu uma casa cheia de livros. Enquanto o mestre para lá esteve, estudou de noite e de dia e já sabia tudo.

Veio o mestre, ele estava sentado ao sol na varanda e disse-lhe: “Então, João, que fizeste?”

“Estive sentado ao sol.”

Depois foi o homem fazer outra viagem ainda por mais dias e ele fez-se num pombo e foi a casa do pai e⁷⁸ esteve-lhe dizendo para o ir buscar a casa do mestre; que ele havia de lhe apresentar uma cesta com uma galinha e muitos pintos e conhecer dali o filho. Que o que estivesse mais encolhidinho, que esse era o filho.

Veio o mestre e disse-lhe: “Então, João,⁷⁹ que fizeste?”

“Ora, estive sentado ao sol.”

⁷⁷ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, pp. 45-46 (P); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 59-61 (S).

⁷⁸ e] *om.* P e S

⁷⁹ João] *o add.* S

No outro dia foi o homem buscar o filho e ele apresentou-lhe a cesta e disse-lhe: “Se conheces daí o teu filho, leva-o e, se não o conheces, fico com ele.”

“Oh senhor! então eu trouxe-lhe o rapaz e apresenta-me pintos? Eu não quero pintos, quero o rapaz.” E olhava para os pintos a ver se via o que estava encolhidinho. Estava muito encolhido debaixo da asa da galinha. Depois ele disse, o homem: “É aquele.”

O mestre tirou-o de dentro da cesta e levou-o lá dentro e fez-se num rapaz. O homem ficou muito contente e levou-o para casa.

E ele disse para o pai: “Ganha muito dinheiro comigo porque eu já sei a arte toda.”

Fez-se num cavalo, o rapaz, e disse para o pai que o fosse vender à feira e que lhe tirasse sempre o freio. Andava lá o mestre, conheceu logo o cavalo e quis comprá-lo. E o homem queria-lhe tirar o freio, mas o mestre não quis.

Levou-o lá para a cavalaria, com o freio, e deixou-o para lá ficar. E depois foi lá um homem a dar água aos outros cavalos e deu-lhe também a ele e tirou-lhe o freio.

Veio de lá o mestre todo zangado e vê o cavalo feito num rapaz; ia a correr para o apanhar e o rapaz fez-se numa rã e saltou logo para a água; o mestre fez-se num sapo para o ir apanhar, ele fez-se num pombo e foi voando; o mestre fez-se numa águia para o ir apanhar e ele fez-se num anel e foi cair no colo da princesa. A princesa ficou louca de contente e o mestre teve de se ir embora desgostoso.

A princesa levou o anel para o quarto e tirou-o do dedo. Fez-se logo num rapaz e a princesa ia a gritar e ele disse-lhe que não gritasse, que ele que sabia muita arte. E depois a princesa disse-lhe: “Já não te *vás* daqui embora; cá te há-de vir de comer, não te há-de faltar nada.”

Depois o rei adoeceu. Foram lá muitos médicos. O mestre, que soube, foi também, feito médico. Depois disse: “Ponho o rei bom se me der um anel que a princesa traz na mão esquerda.” O rei disse-lhe que sim e pôs-se logo bom.

A princesa não queria dar de maneira nenhuma o anel. Foi para o quarto e disse ao rapaz o que sucedia. E ele disse: “Não se assuste; primeiro finja que não o quer dar e depois atire comigo ao chão, com o anel, com muita força.”

No outro dia foi o mestre, o médico: “Que queria o anel.” Ela primeiro não o queria dar, depois atirou-o ao chão com muita força e fez-se o anel numa romã muito aberta e o mestre fez-se numa galinha com muitos pintos e comeu a romã e esqueceu-lhe um baguinho; o rapaz, só do baguinho, fez-se numa raposa e comeu a galinha e os pintos.

E o rei deu-lhe como recompensa casar com a princesa. E casou e⁸⁰ estão muito satisfeitos, ainda ontem à noite lá fui tomar chá e tão certo como estar o meu conto acabado.

(Elvas)

[55]

O compadre fachica⁸¹

Era uma vez um preto e uma preta. Eram muito ricos e o preto morreu.

Na frente da preta morava um sapateiro e, assim que o preto morreu, o sapateiro quis apanhar dinheiro à preta.

À noite estava a preta sentada à chaminé e ouviu gemer lá em cima.

“Quem é que ‘tá aí?’”

“Só eu.”

“Quem é tu?”

“Só o compadre Fachica.”

“Entã que *qués* tu?”

⁸⁰ e] *om. S*

⁸¹ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, p. 46 (P); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 63-64 (S).

“Trinta *mê ré*s ò *vizinhe sapatêr*.”

“Vá *tu* alma *escansar* que amanhã *vô* pagar ò *vezinho sapatêr*.”

Pela manhã foi a preta e disse: “Entã, *vêzinhe sapatêr*, *mê* Fachica devia cá algum *tinta mê ré*s?”

“Devia, sim senhora, mas isso não é pressa.”

“*Pôs* aqui tem, qu’*ê nã quer* qu’o *mê* Fachica ‘teja nas penas do *prugatoire*.’”

Na outra noite foi outra vez o sapateiro para cima da chaminé a gemer, e que queria que se levasse 30 mil réis ao vizinho sapateiro. E a preta foi pagar no dia seguinte.

Na terceira noite, a mesma dança, mas a preta, escamada, brada para o alto da chaminé:

“Tanto *tinta mê ré*s,
Tanto *tinta mê ré*s,
Ó *tu* alma *vá* prò *cé*’
Ó *vá* prò *infern*’
Já *nan* pago *mas*⁸² *dinhêr*’
Ò *vizinhe sapatêr*.”

(Elvas)

[56]

Eu pequei com um moço⁸³

Era uma vez um homem e uma mulher que trabalhavam num tear. A mulher era muito beata, todos os dias se ia confessar.

Um dia o marido fez-se frade e foi-lhe ouvir a confissão. E ela disse:

“Acuso-me, padre,
Que pequei com um moço,
Que pequei com um velho,

⁸² mas] mais *S*

⁸³ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, pp. 46-47 (*P*); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 65-66 (*S*), que coloca a seguir o conto n° 58: “Fezes e postemas”.

Que pequei com um frade.”

E depois a mulher, quando foi para casa, já encontrou o marido metido no tear. Foi-se despir para se meter também no tear e começa o marido:

“Eu pequei com um moço,
Eu pequei com um velho,
Eu pequei com um frade,
E dá-lhe que dá-lhe.”

A mulher embatucou e ficou muito triste.

Foi a casa de uma vizinha buscar um raminho de salsa e veio de lá com o recado ensinado. Quando voltou continuava o marido:

“E dá-lhe que dá-lhe,
Eu pequei com um moço,
Eu pequei com um velho,
Eu pequei com um frade.”

E ela: “Então tu não foste moço? Então tu não és velho? E hoje não foste frade?”

Ah! velho, velho, velho,
Que te meto num chinelo!”

(Elvas)

[57]

Canta, surron, canta⁸⁴

Era uma vez uma espanhola que tinha uma filha e a filha foi à fonte buscar uma bilha de água e deixou lá um anelzinho de oiro; depois foi buscá-lo.

Encontrou lá um pobrezinho que a meteu num surrão. Depois o pobrezinho foi a pedir com o surrão às costas. Chegava às portas e dizia:

“Canta, surron, canta,

⁸⁴ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, p. 47; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 79-80, que coloca este conto após o nº 60: “O diabo também não é mau”.

Sinó te matará.”

Respondiam lá de dentro do surrão:

“Num surron voy metida,
Num surron morirê,
Por um anelito d’oro,
Que nel pilar quedê.”

“Esmola ao pobrezinho,” dizia o homem.

Chegou lá a uma venda e a vendedeira, ouvindo o *cante*, mandou entrar o pobrezinho. Deu-lhe muito de comer e muito vinho e o velho deixou-se dormir.

A vendedeira foi descoser o surrão e encontrou a menina que contou tudo. O velho foi preso e a menina foi para casa da mãe.

Está meu conto acabado
E meu dinheiro ganhado.

(Elvas)

[58]

Fezes e postemas⁸⁵

Era uma vez um homem e uma mulher. A mulher comprava paios e morcelas, comprava coisas boas e, quando vinha o marido, metia tudo no oratório, debaixo do manto de Nossa Senhora e dizia ao marido que não comia senão meia dúzia de amêndoas em cada semana, uma amêndoa por dia. O homem acreditava.

Um dia foi a casa de uma vizinha e contou o que se passava. Diz-lhe a vizinha: “Olhe, faça-se vossa mercê morto e esteja a ver o que ela faz.” Ele assim fez.

E depois a mulher tudo era olhar para Nossa Senhora e dizer:

“Fezes e postemas
Só aquela gloriosa o sabe.”

⁸⁵ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (3, Mar) 1903, p. 47. *S: Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, p. 67, que coloca a seguir a este conto o n° 66: “Ide às sapatinhos”.

E, conforme podia, lá ia buscar bocados de paio debaixo do manto de Nossa Senhora e comia-os. Até que o marido salta da cama, agarra num pau e, ai pai!

(Elvas)

[59]

As macacas⁸⁶

Era duma vez um rei que tinha três filhos e um deles era marranita. Todos queriam casar, mas o pai disse que fossem correr mundo e que, dos três, casaria aquele que trouxesse a bacia mais bonita. Partiram e chegaram lá a um ponto onde havia três estradas e cada um foi para seu lado.

O marranita foi andando, andando, e foi ter a um palácio. Vieram abrir-lhe a porta muitas macacas e uma muito pequenina não o largou mais. Puseram a mesa para o marranita comer, mas ele pôs-se a chorar.

Diz-lhe a macaquinha: “Então porque está a chorar?”

“Ora meu pai quer que eu lhe leve a bacia mais bonita que houver.”

“Não chore, aqui tem o caco das galinhas.” E quando ele se foi embora meteram-lhe o caco das galinhas no alforge.

Chegou lá ao sítio e já vinham os outros irmãos com umas bacias muito bonitas e o marranita muito triste porque só levava o caco das galinhas. Foram os três para o palácio. Estava lá muita gente, muitos fidalgos.

O primeiro que se apresentou foi o mais velho, depois foi o outro e o terceiro foi o marranita. Apresentaram as bacias, sendo a do mais velho de bronze e a do outro de prata, mas o marranita não se atrevia a apresentar o caco das galinhas.

⁸⁶ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (4, Abr) 1903, p. 60 (P); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 69-71 (S).

O rei teimou com ele, zangou-se e o marranita viu-se obrigado a sacar o caco das galinhas que se transformou numa formosa bacia de oiro.

O rei disse para os outros que quem casava era o marranita. Eles responderam que não pois ainda faltava a toalha. Pois que fossem novamente correr mundo e que casaria quem trouxesse a melhor toalha.

O marranita correu logo ao tal palácio das macacas e a macaquinha deu-lhe a rodilha da chaminé.

Chegou o marranita ao sítio e já lá estavam os irmãos com toalhas muito ricas. Foi tirar a rodilha da chaminé para a mostrar aos irmãos e encontrou uma toalha cor de rosa. Foram para palácio. Todas as toalhas eram bonitas, mas a do marranita era a melhor.

“Não há remédio, disse o rei, quem casa é o marranita.” E⁸⁷ encarregou-o de escolher noiva e de a apresentar em palácio dentro de três dias.

O marranita correu logo a casa das macacas para elas lhe escolherem a noiva.

“Vou eu,” disse a macaquinha. Pôs-se à porta um carro de cortiça e ele meteu-se dentro com a macaquinha e as outras macacas e ursos, tudo a tocar em instrumentos atrás do carro.

Chegaram ao tal sítio e estavam lá os irmãos e fizeram grande mangação dele. Ele zangou-se⁸⁸, apeou-se do carro e foi beber água à fonte; quando se voltou, já não viu os irmãos, mas viu tudo transformado: as macacas e os ursos eram princesas e príncipes, e a macaquinha era a princesa mais bonita.

Os dois irmãos iam a caminho do palácio dizendo: “Ora o marranita, a trazer uma companhia de macacas!” E riam muito; mas ficaram com grande inveja quando viram chegar o marranita com a sua noiva, no meio de muitos príncipes e princesas e num carro todo de oiro, e serem recebidos pelo rei com grandes honras. Casou o marranita e acabou-se o conto das macacas.

⁸⁷ E] *om. S*

⁸⁸ zangou-se] e *add. S*

(Elvas)

[60]

O Diabo também não é mau...⁸⁹

Era duma vez um sapateiro muito pobre e um dia comprou uma cautela e saiu-lhe a sorte grande.

O homem ficou muito contente e mandou construir um palácio com uma⁹⁰ escada de 365 degraus. O homem que a fez enganou-se e fez 366 degraus.

Depois foi um pintor a pintar as escadas com as imagens de todos os santos, mas chegou ao último degrau e não sabia o que havia de pintar, sobrava-lhe um degrau, e foi ao amo a perguntar-lhe o que havia de fazer.

“Que pintasse o diabo,” respondeu o homem.

O pintor assim fez, pintou o diabo. Depois um criado ia todos os dias acender uma lanterna ao santo desse dia; chegou ao último degrau e foi perguntar ao amo se queria que pusesse a lanterna também ao diabo. O amo disse que sim, pois o diabo não fazia mal a ninguém, e o criado pôs a luz ao diabo.

Ainda sobrava muito dinheiro ao homem, da sorte grande, e quis fazer uma viagem. Arranjou um companheiro e foi. Esteve por lá muitos anos com o companheiro e duma vez, quando ia duma terra para outra, disse-lhe o companheiro: “Então não trouxe nada para comermos?”

“É verdade, esqueceu-me.”

“Então vamos aqui a uma estalagem.” Perguntaram se havia alguma cousa para se comer e disseram-lhe que havia só uns ovos.

⁸⁹ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (4, Abr) 1903, pp. 61-62 (P); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 75-77 (S), que coloca entre este conto e o seguinte, o n° 57: “Canta, surron, canta”.

⁹⁰ uma] umas P

“Pois venham os ovos.” Estiveram comendo e não os pagaram por esquecimento. Quando chegaram lá àquela terra lembraram-se de que não tinham pago os ovos.

“Deixá-lo, à volta pagaremos.”

Quando voltaram foram à mesma estalagem e estiveram a comer e, quando acabaram, disseram para o estalajadeiro: “Não nos conhece, não é verdade?”

“Não conheço.”

“Então não se lembra de uns sujeitos que há dias aqui estiveram a comer ovos fritos?”

“Lembro-me, é verdade.”

“Pois esquecemo-nos de pagar então os ovos e agora queremos pagá-los.”

Disse-lhe o estalajadeiro: “E os senhores trazem dinheiro que chegue?”

“A quantia não deve ser tão grande que não nos chegue o dinheiro.” O homem pediu um despropósito pelos ovos.

Eles ficaram assustados e o estalajadeiro disse: “Então, dos ovos saiem os pintos e as pintainhas, estas em chegando a galinhas põem ovos de que nascem outros pintos e pintainhas e assim por *duvante*, de maneira que cada ovo dá um rendimento por *hi* além.”

O da sorte grande não quis pagar e veio para a cidade. O estalajadeiro foi-se a queixar. Passados dias, um recado ao homem para ir ao tribunal. Ele foi muito encolhido e estiveram-lhe dizendo que no outro dia, ao meio-dia, devia de lá estar para uma audiência e que levasse um advogado para o defender.

Ele saiu do tribunal e encontrou um homem muito bem preparado, muito bem arranjado, que era o diabo em pessoa. Esteve-o cumprimentando e disse-lhe: “Que soube que estava metido num processo e que ia procurar um advogado e ele que se oferecia.” O homem aceitou.

No outro dia, ao meio-dia, foi o homem para o tribunal e o advogado sem aparecer; o juiz, já muito zangado, disse: “Bem, fica a audiência para amanhã, à hora do meio-dia.” Nisto entrou o advogado e o juiz perguntou-lhe porque se tinha demorado.

E ele disse: “Que sabia que a audiência era ao meio-dia mas, tivera uma desordem com os criados e por isso não pudera vir mais cedo. Eu lhe conto o caso: Eu mandei cozer grãos para o jantar; os grãos não se queriam cozer e os meus criados também não os queriam comer e foi por isso que eu fiz uma briga, até que mandei semear os grãos.”

Diz-lhe o juiz: “Então grãos, depois de cozidos, semeiam-se?”

“E ovos, depois de fritos, deitam pintos?”

“É verdade, está o homem livre, pode-se ir embora.”

E o homem agradeceu ao diabo e este disse que lhe tinha acudido por fazer tanto caso dele como fazia dos santos.

(Elvas)

[61]

S. Benedito⁹¹

Havia uma viúva rica que tinha uma filha e desejava casá-la. Para isso ia todos os dias à igreja a rezar por muitas horas diante da imagem de S. Benedito, advogado dos casamentos daquela terra. O sacristão começou a reparar na grande devoção da viúva e pensou logo em ser pedido ao santo para casamento.

Um dia foi colocar-se detrás do santo para escutar a súplica da viúva e ouve: “S. Benedito, dá um bom marido a minha filha e casa-a depressa.”

O sacristão diz detrás do santo, em voz sumida: “Casa-a com o sacristão.”

“Oh santo bendito! Muito agradecida! Um ano inteiro hás-de ter a lâmpada acesa por minha conta.”

No dia imediato mandou chamar o sacristão e ofereceu-lhe a filha em casamento, o que ele aceitou às mãos ambas.

⁹¹ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (4, Abr) 1903, p. 62 (P); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 81-82 (S).

No dia em que a filha fazia um ano de casada, entra a viúva igreja adentro⁹², chega ao altar do santo e diz-lhe em voz alta:

“Santo Benedito,
Santo Marau,
O que tu precisavas
Era umas asas de pau.
Santo Benedito,
Santo Pandilha,
Como tens a cara
Assim deste marido
A minha filha”.

O sacristão tinha jogado a fortuna da viúva.

(Elvas)

[62]

Os três galinhos⁹³

Era uma vez uma mulher casada com um almocreve e o almocreve foi fazer uma viagem e ela convidou para lá um frade; e a mulher tinha três galinhos.

O frade foi-se embora e, quando veio o marido, estavam a cear e começou o primeiro galinho:

“Esta noite dormiu cá um frade;
Esta noite dormiu cá um frade”.

A mulher, no outro dia, logo que o marido se foi embora, matou o galinho. O marido foi para outra viagem e o frade teve novo convite.

Quando o marido regressou, à noite à ceia, começou o segundo galinho:

“A meu irmão mataram-no

⁹² adentro] dentro J

⁹³ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (4, Abr) 1903, p. 62; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 83-84.

Por dizer as verdades;
A meu irmão mataram-no
Por dizer as verdades.”

No outro dia, é claro, o galinho pateou.

À terceira viagem do marido, novo convite ao frade e, ao regressar o almocreve, à hora da ceia, começa o terceiro galinho:

“Quem aqui houver de morar
Há-de ouvir, ver e calar;
Quem aqui houver de morar,
Há-de ouvir, ver e calar”.

(Elvas)

[63]

O gigante⁹⁴

Era uma vez um colhereiro e tinha três filhas e foi buscar madeira a um carvalho; apareceu-lhe um gigante e deu-lhe muito dinheiro e disse-lhe que a primeira pessoa que encontrasse em casa que lhe havia de levar.

Encontrou a filha mais velha, levou-a ao gigante e este levou-a para um palácio e pôs-lhe um cordão ao pescoço e disse-lhe que abrisse todas as portas menos uma.

O gigante foi para uma caçada e ela foi logo abrir a porta proibida e viu dentro da casa muita gente morta; fez-se-lhe logo o cordão todo negro. Tornou a fechar a porta e, quando o gigante veio, viu-lhe logo o cordão negro, matou-a e meteu-a na tal casa.

Quando o homem foi outra vez a buscar madeira, apareceu-lhe o gigante e deu-lhe outra bolsa com dinheiro. O homem perguntou-lhe pela filha.

“Está muito triste; devia trazer-lhe a outra filha para a *restrair*.”

⁹⁴ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (4, Abr) 1903, pp. 62-63; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 85-86.

O homem levou a segunda filha e a esta sucedeu o mesmo que à mais velha: foi morta pelo gigante.

Depois foi a filha mais moça; mas essa, quando o gigante se foi embora e lhe disse que abrisse todas as portas menos aquela, tirou o cordão do pescoço. Viu lá muita gente morta e muita gente ferida e esteve curando as irmãs que ainda não estavam mortas.

O gigante demorou-se muitos dias na caçada e as irmãs iam melhorando; estavam já quase boas quando regressou o gigante. Não lhe viu o cordão negro e ficou contente.

“Bem, temos mulher”, disse o gigante e foi para outra caçada e, ao voltar, também não lhe viu o cordão negro.

Começou a gostar muito dela, a fazer-lhe todas as vontades e um dia ela pediu-lhe para ir levar um pote de açúcar a casa do pai. Ela meteu a irmã mais velha no pote e lá foi o gigante com o pote às costas e ela foi para o mirante e dizia-lhe de lá: “Eu bem te vejo”, e ele olhava para trás e ria-se para ela. Chegou lá a casa do pai entregou o pote de açúcar e veio-se embora.

Passado tempo, levou segundo pote de açúcar em que ia a segunda irmã. E depois ela, a mais nova, mandou fazer uma boneca, vestiu-a com o seu fato e pô-la lá no mirante e pediu ao gigante que fosse levar um pote de macarrão ao pai; meteu-se dentro do pote e ia dizendo lá dentro: “Eu bem te vejo.”

O gigante olhava para o mirante, via a boneca e julgava que era ela. Entregou o pote de macarrão e veio a correr.

Quando cá chegou foi ao mirante e encontrou-se com a boneca. Zangado, foi a casa do homem buscar a filha mais moça para casar com ela, mas o pai e as filhas já tinham abalado para fora da terra com medo do gigante.

E conto acabado,
Dinheiro ganhado.

(Elvas)

[64]
Os galegos⁹⁵

Era duma vez uns poucos de galegos e fizeram uma procissão a S. Nicolau, e quando iam no meio da procissão esqueceram-se do nome do santo.

Começaram uns a dizer: “Será pescada? Será atum? Será bacalhau?”

“Sim, sim, sim, bacalhau, S. Nicolau. Vá a procissão adiante que já lembrou o nome do santo.”

(Elvas)

[65]
O lavrador⁹⁶

Era uma vez um lavrador e uma lavradora. O lavrador era muito medroso e tinha umas passas de figo que não queria que lhes tirassem.

Andavam lá uns homens que lhe queriam tirar as passas de figo e embrulharam-se num lençol com uma cabaça à cabeça, um chocalho ao pescoço e uma luz dentro da cabaça e começaram a cantar:

“Quando nós éramos vivos
Comíamos destes figos,
Agora que somos finados
Comeremos destes passados.”

⁹⁵ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (4, Abr) 1903, p. 63; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, p. 87.

⁹⁶ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (4, Abr) 1903, pp. 63-64; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, p.89, que coloca a seguir a este o conto n° 69: “O alvenéu”.

O homem assim que ouviu isto foi a correr para a mulher, com medo. A mulher veio e vieram os criados e quando lá chegaram já não viram nada, nem passas nem finados.

(Elvas)

[66]

Ide òs sapatinhos⁹⁷

Era uma vez uns homens que estavam vestidos de frades e passou ali um rapaz que ia à terra e levava dinheiro escondido nos sapatos.

Os frades falaram-lhe e disseram-lhe que se levasse algum dinheirinho que o levasse bem escondidinho, por causa dos ladrões. E depois ele disse que o levava bem escondido, que o levava nos sapatos. O rapaz despediu-se e foi-se embora.

Chegou lá adiante e encontrou uns ladrões e os frades fingidos começaram de cá a dizer aos colegas:

“Ó ladrõezinhos,
Ide òs sapatinhos.”

Os ladrõezinhos sovaram o rapaz, tiraram-lhe o dinheiro e mandaram-no pra S. Barzabu.

(Elvas)

[67]

O copo de ouro⁹⁸

Era uma vez um rei e uma rainha e viviam desgostosos porque não tinham filhos e pediam a Deus que lhes desse um filho e

⁹⁷ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (4, Abr) 1903, p. 64; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 73-74, que coloca este conto após o n.º 59: “As macacas”.

⁹⁸ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (5, Mai) 1903, pp. 71-72; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 93-95.

que, quando o filho tivesse 18 anos, iria ele próprio a Roma sozinho pagar uma promessa. Foram ouvidos por Deus e ficaram muito contentes quando nasceu um príncipe.

Quando ele se ia aproximando dos seus 18 anos, começaram os pais a andar tristes porque o filho tinha de ir sozinho a pagar a promessa. O príncipe reparou na tristeza dos pais e um dia perguntou-lhes porque andavam tristes e eles contaram tudo. O príncipe disse que não estivessem tristes, que ele de boa vontade iria cumprir a promessa.

Chegado aos 18 anos preparou-se para ir a Roma e a rainha, quando ele se despediu, deu-lhe um copo de ouro e deu-lhe três pedras, dizendo-lhe que não as partisse sozinho, que as partisse acompanhado e que só aceitasse por companheiro da viagem aquele que lhe desse o bocado maior e nunca acompanhasse com aquele que lhe desse o bocado mais pequeno.

O príncipe, quando saiu de casa, no meio do caminho, encontrou um homem ao pé duma fonte e pediu-lhe que partisse uma das pedras e o homem deu-lhe a parte mais pequena e não acompanhou com esse; encontrou outro junto de outra fonte e que lhe fez o mesmo e, à última pedra, encontrou junto de outra fonte outro homem e este deu-lhe o bocado maior, e foi com este que ele acompanhou. Fizeram-se amigos e foram ambos para Roma.

Em todas as hospedarias ficaram sempre no mesmo quarto e, quando foi da última hospedaria, à hora da ceia, o príncipe tirou o copo de ouro para beber água e a dona da casa não tirava os olhos de cima do copo; e o companheiro reparou nisso. E, quando eles disseram que queriam dormir juntos, disse a dona da casa que não era costume naquela hospedaria dormirem duas pessoas no mesmo quarto; e eles ficaram muito tristes.

Cada um foi para o seu quarto e pela noite adiante ela foi ao quarto do príncipe, matou-o e tirou-lhe o copo; depois escondeu o cavalo e ao príncipe levou-o para uma estremeira a enterrar. Pela manhã, quando o companheiro se levantou e perguntou por ele, ela disse-lhe que tinha marchado, e ele ficou muito admirado e não acreditou.

Foi dali a casa do juiz, contou-lhe o que se tinha passado e a sua desconfiança de que havia crime por causa do copo de ouro que era de muito valor. O juiz disse-lhe que isso que se arranjava bem; que ele conhecia a mulher e lhe mandaria pedir uns copos emprestados; e assim fez.

A mulher, à primeira vez, mandou uns copos de vidro e, como o juiz pediu mais copos, ela mandou-lhe outros de cristal e, como o juiz pedisse ainda mais copos, mandou-lhe uns de prata e entre eles um de ouro, que era o tal.

O homem assim que o viu conheceu-o logo. A dona da casa foi logo presa e obrigada a dizer onde estava o príncipe e o seu cavalo. Confessou tudo e o homem foi a desenterrar o príncipe e, mesmo assim morto, montou-o e segurou-o no cavalo do mesmo príncipe e foram a pagar a promessa.

Quando chegaram à igreja, ficou o príncipe à porta montado no seu cavalo e ele foi a fazer oração como se fosse o seu amigo e deu-lhe vontade de olhar para trás e viu o príncipe a fazer oração e chorava; e conheceu ser isto um grande milagre, voltando depois ambos para suas casas.

Quando se despediram, o príncipe deu-se a conhecer e queria levar o companheiro para o palácio, mas ele não aceitou porque também ia para companhia de seus pais que eram lavradores. O príncipe disse-lhe que se nalgum tempo precisasse dele que o procurasse no reino de tal.

Passados anos, os pais do companheiro morreram e ele ficou muito pobre e lembrou-se do oferecimento do príncipe. Dirigiu-se ao palácio, disse que queria falar com o príncipe, este conheceu-o e valeu-lhe em tudo, assentando-o à sua mesa e tratando-o como irmão; e não consentiu que ele saísse mais do palácio onde ficou vivendo.

(Elvas)

[68]
A bicha⁹⁹

Era duma vez um homem que era viúvo e tinha uma filha chamada Mariquinhas que era muito bonita. O homem trabalhava no campo e a filha ia todos os dias levar-lhe o jantar.

Um dia ela foi mais cedo a levar-lho e o homem tinha encontrado um cacho de uvas no campo e não era tempo de uvas e deu o cacho de uvas à filha. A filha não o quis comer e arrecadou-o. O pai pensava que ela que o tinha comido mas ela tinha-o metido dentro duma gaveta e, a poder de tempo, esqueceu-se que tinha ali o cacho.

Uma vez lembrou-se e foi abrir a gaveta para ver o cacho e encontrou uma bicha pequenina ainda. Deixou-a crescer, não a quis matar. Já estava tão grande que não cabia na gaveta e meteu- a no pote do vinho e todos os dias lhe ia levar de comer.

O pai um dia disse que já era tempo de se fazer o vinho e que fosse a filha arranjar o pote. Ela foi a chorar para o pé da bicha logo que o pai saiu e a bicha disse que não se ralasse, que ela que se ia embora; mas que antes disso lhe havia de meter as mãos na boca e que em se vendo nalguma aflição que chamasse pela bicha. Ela meteu-lhe as mãos na boca e foi-se lavar e começou logo a água a transformar-se em sumo.

Um dia disse ela para o pai que convidasse as primas e a família toda para irem lá jantar. O pai disse-lhe que sim e a família foi lá jantar. Quando se iam a assentar¹⁰⁰ à mesa, disse a Mariquinhas que era costume lavarem-se as mãos antes de jantar.

Todos as foram lavar, deixando a água muito preta; foi a Mariquinhas a lavar-se e transformou-se logo a água em ouro. As primas ficaram todas muito contentes. Já todas queriam também fazer ouro.

⁹⁹ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (5, Mai) 1903, pp. 72-73 (P); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 97-100 (S), que coloca a seguir a este conto o n.º 73: “O Zé Estragado”.

¹⁰⁰ a assentar] ássentar P, assentar S

Depois do jantar puseram-se à janela e ia passando pela rua o criado do rei, que comprava ouro, e a Mariquinhas, que já tinha muito ouro, chamou o homem e vendeu-o, mas faltava ainda algum para o peso; e foi buscar uma bacia, lavou-se e fez o ouro que faltava. O criado do rei ficou todo admirado e foi contar o caso ao rei.

O rei quis conhecer a menina e foi com o criado; este subiu e o rei ficou na rua, pois tinha entregado uma carta ao criado para entregar a menina. Esta leu a carta e mandou a resposta. E o rei quis casar com a Mariquinhas e foi pedi-la. As primas tinham muita inveja.

Depois de tratado o casamento e depois da noiva estar muito bem vestida, as primas tiraram-lhe os olhos e a mais feia delas é que foi casar com o rei e levou arrecadados os olhos da Mariquinhas. O rei não gostava dela e começou-lhe a perguntar quando era que fazia ouro.

“É para a lua nova”, respondeu ela. Chegou a lua nova e perguntou-lhe quando fazia ouro.

“É para o quarto crescente.” Chegou o quarto crescente e tornou-lhe a perguntar.

E ela disse: “Ainda não é agora, é para o quarto minguante.”

A Mariquinhas estava sem olhos mas não se lembrava da bicha, até que um dia lá se lembrou dela, chamou pela bicha e ela apareceu-lhe logo e esteve contando à bicha o que lhe tinha acontecido. A bicha disse-lhe que ainda ela havia de casar com o rei.

“Eu agora faço-me num homem, disse a bicha, bato três vezes com esta varinha de condão nesta árvore para aparecer cheia de pêras.” E apareceu cheia de pêras. Colheu-as e foi vendê-las.

Chegou lá ao palácio e perguntaram-lhe por quanto vendia as pêras. Ele disse que não as vendia, que as dava em troca de olhos. Foram tirar os olhos ao gato e deram-nos ao homem.

Ele foi para casa e disse: “Mariquinhas, ainda aqui não trago os teus olhos porque a tua prima foi tirar os olhos ao gato e deu-mos.”

Pediu outra vez à árvore maçãs e foi vender maçãs. Tornou lá a chegar ao palácio e perguntaram-lhe por quanto vendia as maçãs. Ele disse o mesmo, que as dava em troca de olhos. Deram-lhe os olhos de Mariquinhas.

Ele foi muito contente para casa e pôe os olhos à Mariquinhas e com a varinha de condão fez construir uma casa em frente do palácio do rei e ainda mais bonita¹⁰¹ que o palácio, casa para onde foi viver a Mariquinhas e o homem, isto é, a bicha, o criado dela.

O rei ficou admirado daquela casa tão bonita e perguntou ao criado da Mariquinhas se podia lá ir uma tarde. O criado disse que sim e o rei foi. A menina andou-lhe mostrando as casas todas e depois convidou o rei para jantar. O rei aceitou o convite e foram ambos lavar as mãos e a Mariquinhas transformou a água em ouro. Ele ficou admirado e a Mariquinhas esteve-lhe contando tudo que lhe tinham feito.

O rei foi para o palácio, matou todos os que lá estavam e veio casar com a Mariquinhas e no dia do casamento desapareceu o criado da Mariquinhas e ninguém mais o viu.

(Elvas)

[69]

O alvenéu¹⁰²

Era uma vez um alvenéu que andava sempre a cantar:

“Trá-la-ri-ló-lé,
Meu bem!
Quem nasceu para dez réis,
Nunca chegou a vintém”.

Uma vez andava o rei à caça e ouviu a cantiga do homem e mandou-o ir ao palácio. O homem foi e o rei, levando-o a uma casa

¹⁰¹ bonita] bonito *P e S*

¹⁰² “Contos...”, *A Tradição*, 5 (5, Mai) 1903, pp. 73-74; *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 93-95, que coloca este conto após o nº 65: “O lavrador”.

onde havia muito dinheiro, mandou-o carregar de tudo quanto ele quisesse. Ele assim fez. Depois desapareceu-lhe o dinheiro de casa sem saber como isso tinha sido.

Foi outra vez para o campo a cantar a mesma cantiga. Veio o rei e mandou-o novamente ir ao palácio e de lá trouxe todo o dinheiro que quis. Tornou-lhe outra vez a desaparecer o dinheiro de casa.

À terceira vez que veio do palácio, ia a entrar em casa e morreu. E vai o rei, nesse mesmo dia, encontrou no seu caminho um escritinho que dizia:

“Eu a fazê-lo pobre,
Tu a fazê-lo rico,
Aí o tens morto,
Agora ressuscita-o”.

(Elvas)

[70]

Os dois compadres¹⁰³

Era duma vez dois compadres, um era muito rico e o outro muito pobre e este, querendo apanhar dinheiro ao rico, disse para a mulher:

“Olha, tu compras uma perdiz, eu vou à caça com o compadre e levo de cá um dos coelhos que aí temos e lá na caçada dou-lhe um recado para ele te vir cá trazer, que é para tu cozinhares a perdiz; e depois o compadre há-de querer comprar-me o coelho e eu peço muito dinheiro por ele.”

Assim foi; lá na caçada disse para o coelho: “Olha, tu vai lá à¹⁰⁴ minha mulher e diz-lhe que arranje uma perdiz guisada e que

¹⁰³ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (5, Mai) 1903, pp. 74-75 (P); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 103-107 (S).

¹⁰⁴ à) a P e S

faça conta com o nosso compadre.” Deu um sopapo no coelho e o coelho bateu a fugir.

O compadre já estava ansioso de vir para casa a ver se o coelho tinha dado o recado.

Chegaram cá e diz o homem para a mulher: “Então já tens a perdiz guisada? O nosso coelhinho trouxe cá o recado?”

“Pois não havia de trazer! A perdiz está pronta e fiz conta com o nosso compadre.”

Diz o compadre que era rico: “Compadre, venda-me o seu coelho.”

“Isso é que eu não vendo, que ele faz-me os meus mandadinhos todos.”

“Compadre, venda-me o coelho, que eu dou-lhe muito dinheiro por ele.” Vendeu-lhe o coelho, já se sabe, um daqueles que tinha na coelheira.

A primeira vez que o compadre rico mandou o coelho a um recado nunca mais lhe apareceu.

Quando se ia acabando o dinheiro ao compadre pobre, disse este para a mulher:

“Temos de ver se arranjamós outra marosca para apanharmos bagos ao nosso compadre. Olha, tu arranjas a burra velha, eu junto-lhe dinheiro com a ração e depois dizemos que ela faz muito dinheiro e que já somos muito ricos.” Assim foi.

Um dia, na caçada, o compadre rico reparou que a burra fazia dinheiro.

“Compadre, venda-me a burra.”

“Isso não vendo eu, que já estou muito rico e quando preciso de dinheiro ela é que mo dá. Não vendo. E não se lembra do coelho? Vendi-lho por uma bagatela e deixou-o logo fugir!”

“Compadre, venda-me a burra.” Tanto teimou que ele vendeu-lha e por muito dinheiro.

Foi o compadre rico para casa, esteve arranjando a cavalariça e deitou uma boa ração à burra. Mas a burra não fazia dinheiro.

Passados dias foi ter com o compadre: “Vossê enganou-me com a burra.”

“Eu é que sou um grande tolo em lhe vender as coisas; não sabe tratar com elas e depois diz que o engano. É boa!”

Ia-se outra vez acabando o dinheiro ao homem e diz para a mulher:

“Olha, tu arranjas um papo de peru e mete-lhe dentro as tripas do mesmo peru e põe o papo à cintura debaixo do avental e eu dou-te uma navalhada, no papo, está bem de ver, e tu caís logo morta e com as tripas de fora; toco depois numa gaitinha que vou comprar e tu levantas-te logo ao som da gaitinha.”

Convidou o compadre para ir à caça.

“Ó mulher, arranja aí o alforge, num instante.”

“Não basta ser todos os dias esta seca, senão num instante.”

“Cala-te, cala-te, mulher, não me respingues.”

“E ainda me hei-de calar? Pois não quero.”

Arma-se uma grande briga e ele deu-lhe a navalhada. As tripas saltaram logo e a mulher caiu redondamente.

O compadre ficou todo aflito: “Oh compadre! o que você fez! matou sua mulher.”

“Não tem dúvida, tenho aqui uma gaita que dá vida a mortos.” Começou a tocar a gaitinha e a mulher levantou-se logo.

Pôs-se logo o compadre rico a dizer: “Compadre, venda-me a gaita.”

“Qual vender nem qual diabo!” E tudo era lembrar-lhe o coelho e mais a burra. Por fim vendeu a gaitinha.

Foi o compadre rico para casa, armou uma grande briga com a sua mulher e desata-lhe uma navalhada na barriga. A mulher caiu logo morta e ele pôs-se a tocar a gaitinha, mas a mulher não se mexia. Veio a justiça. Ele pôs-se a contar o sucedido com o compadre pobre e levaram este preso.

No caminho os guardas quiseram descansar, amarraram o preso a uma árvore e deitaram-se a dormir a sesta. Veio um pastor com uns carneiros e esteve-lhe a perguntar o que era.

“Ora, querem por força que eu case com a princesa, mas eu não quero e digo que não quero e por isso me levam preso.”

Diz-lhe o pastor: “Anda, casa com a princesa, escusas de ir a morrer.”

E diz-lhe o homem: “Queres tu vir para o meu lugar que eu vou para o teu?”

“ Pois quero.” E mudaram.

Depois o pastor amarrado à árvore começou a dizer: “Eu já quero, eu já quero.”

“Já queres o quê?”

“Já quero casar com a princesa.”

“Ora essa! Explica lá o teu dito.” E ele confessou tudo.

“Bem, disse a justiça, solte-se lá o homem e que vá em paz.”
Ele marchou.

O outro ia muito satisfeito com os carneiros. Encontrou o compadre rico que lhe perguntou: “Então tu nunca foste preso?”

“Eu não, pois se a minha gaita dá vida a mortos, como hei-de eu ser prêso?”

“Então esses carneiros, quem tos deu?”

“Ora, arranjei-os eu.”

“Mas como?”

“Olha, anda comigo que eu te ensino como nascem carneiros.”

Levou-o para o pé dum pego onde a água era muito funda e perguntou-lhe se queria um carneirinho ou um carneirão. Ele disse queria um carneirão. Pegou nele e diz:

“Cada mergulhinho
Um carneirinho,
Cada mergulhão
Um carneirão.”

E atirou com ele para dentro do pego e safou-se com o rebanho que foi vender logo na feira de S. Mateus.

(Elvas)

[71]
O parvo¹⁰⁵

Era uma vez uma mulher que tinha um filho parvo e chamava-se Manuel e morava ao pé de outra mulher que tinha uma filha chamada Maria.

O Manuel ia todas as manhãs visitar a Maria: “Adeus, sora Maria.”

“Adeus, sor Manel.”

“Minha rosa branca.”

“Meu fino papel.” E ia-se embora o Manuel, sem dizer mais nada.

Um dia disse para a mãe que queria casar com a sora Maria e foi-lhe perguntar se queria casar com ele. Voltou o Manuel muito triste porque tinha levado cabaço.

E a mãe disse-lhe: “Olha, diz-lhe palavrinhas doces.”

No outro dia foi: “Adeus, sora Maria.”

“Adeus, sor Manel.”

“Minha rosa branca.”

“Meu fino papel.”

“Olhe: açúcar, marmelada, abóbora, tudo palavrinhas doces.”

“Fora, estúpido!” E o Manuel veio ainda mais triste para casa.

E a mãe disse-lhe: “Não arranjaste nada, já vejo. Olha, diz-lhe palavrinhas assim cá de dentro.”

No outro dia foi: “Adeus, sora Maria.”

“Adeus, sor Manel.”

“Minha rosa branca.”

“Meu fino papel.”

“Olhe: bofe, coração, fígado, tripas, tudo palavrinhas cá de dentro.”

“Fora, bruto!” E o Manuel voltou muito triste para casa.

Diz-lhe a mãe: “Olha, amanhã vai à missa, por onde vires entrar muita gente entra tu também e faz o que vires fazer.”

¹⁰⁵ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (5, Mai) 1903, pp. 75-77 (P); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 109-112 (S), o último desta edição.

Chegou à igreja e vendo toda a gente a meter as mãos na pia da água benta meteu as suas também e começou a revolver a água e disse: “Ah! já comeram as sopas e deixaram o caldo; pois que beba o caldo quem comeu as sopas.” E foi-se ajoelhar atrás duma beata.

A beata, de vez em quando, beijava o chão e ele beijava-o também. Atrás dele estavam uns rapazes que o picaram quando ia beijar outra vez o chão e ele mete a mão ao bolso, tira uma sovela e põe-se a picar a velha, dizendo: “Pica, que já cá picam.”

Depois deram uma grande sova ao Manel que veio muito triste para casa; mas estava lá a Maria que lhe disse ter-se resolvido a casar com ele e ficou muito contente.

E disse-lhe a mãe: “Temos de arranjar os bolos para o casamento; olha, pega neste saco de trigo e diz ao moleiro que tire de cada alqueire um selamim; não te esqueças.”

“Não esqueço,” e foi dizendo, caminho adiante: “De cada alqueire um selamim; de cada alqueire um selamim.”

Estavam ali uns homens a semear trigo e ele continuando: “De cada alqueire um selamim...” Os homens deram-lhe uma grande descompostura.

“Então o que hei-de dizer?” perguntou o¹⁰⁶ Manel.

“Deus queira que saia todo.” E ele foi dizendo pelo caminho: “Deus queira que saia todo; Deus queira que saia todo.”

Encontrou um homem com dois odres de azeite e um deles estava roto e o azeite ia-se entornando.

E ele: “Deus queira que saia todo.” O homem deu-lhe uma grande sova.

“Então o que hei-de eu dizer?”

“Deus queira que não saia nenhum.”

“Sim sr., cá vou dizendo: Deus queira que não saia nenhum; Deus queira que não saia nenhum.”

Foi ter a um *atasqueiro* onde estavam dois homens que não se podiam dele tirar e ele: “Deus queira que não saia nenhum...”

Um deles lá se pôde salvar e veio medi-lo a pontapés. “Então o que hei-de eu dizer?”

¹⁰⁶ o] *om. P*

“Quem tirou um que tire o outro.”

“Sim sr., cá vou dizendo: quem tirou um que tire o outro; quem tirou um que tire o outro.”

Vinha um pobre homem sem um dos olhos, pela estrada. E o Manel: “Quem tirou um que tire o outro, quem tirou um que tire o outro...” Sova no caso.

“Então que hei-de eu dizer?”

“Não diga nada, vá calado até ao moinho.”

Chegou lá, pôs o saco no chão, não disse nada e veio-se embora. Chegou a casa e diz-lhe a mãe: “Deste o recado ao moleiro?”

“Eu não dei recado nem dei nada, levar é que levei muito, fiz de tambor por essa estrada fora e arrenego do casório.”

(Elvas)

[72]

Dona Vintes¹⁰⁷

Era uma vez um homem que tinha vinte filhas e a mais moça chamava-se Dona Vintes. O pai era mercador e, tendo de ir para uma terra muito longe, comprou um vestido cor-de-rosa a cada uma das filhas e disse-lhes que na sua ausência, visto que não tinham parentes, não abrissem a porta a ninguém e que os vestidos haviam de dizer-lhe como elas se portavam.

A casa tinha uma varanda que dava para o jardim do rei e no jardim havia uma craveira muito bonita. Uma vez estava a Dona Vintes na varanda e o príncipe, o filho do rei, que gostava muito dela, perguntou-lhe se queria um cravo da sua craveira e ela respondeu que não precisava dos seus cravos.

O príncipe tratou de ver a maneira como havia de apanhar a Dona Vintes. Disse para o criado que se vestisse de velha e ele

¹⁰⁷ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (5, Mai) 1903, pp. 77-78.

meteu-se numa arca fechada por dentro e o criado, levando a arca à cabeça, bateu à porta da casa onde moravam as vinte filhas dizendo que era a avó delas.

Apareceu a mais velha de todas e foi dizer à Dona Vintes que estava a avó à porta e ela respondeu:

“Se não tinha ouvido o que o pai tinha dito, que não tinham parentes nenhuns.”

A velha, como a não deixavam entrar, pediu que lhe deixassem ao menos ficar a arca e que viria quando o pai voltasse da viagem. Disseram-lhe que sim e ficou a arca em casa.

A Dona Vintes era sempre a última a deitar-se, por ser a menos preguiçosa das suas irmãs, e antes de se deitar contava-as a todas; mas nessa noite, contando-se a si, contou vinte uma. Levantou-se muito cedo e foi pôr-se ao pé duma janela que dava para o jardim do rei.

Quando o príncipe se levantou, viu a Dona Vintes ao pé da janela: “Dona Vintes, por aqui?”

“Mais de admirar é Vossa Alteza, e veja o que vai no seu jardim.”

Foi-se o príncipe a assomar e ela pegou-lhe pelas pernas e atirou-o para o jardim. O príncipe ficou muito doente.

Passados tempos as irmãs de D. Vintes apeteceram comer pêras do jardim do rei. D. Vintes fez umas escadas de corda, desceu por elas e colheu 19 pêras e o príncipe que estava escondido para ver se a podia apanhar, quando ela ia a subir, pegou-lhe pelo tacão de um sapato e ela, assim que se sentiu presa, largou o sapato e subiu mais que depressa.

Doutra vez as irmãs apeteceram laranjas do jardim do rei e D. Vintes foi buscá-las e, ao subir pela escada de corda, o príncipe pegou-lhe na saia e ela rasgou esse pedaço da saia e subiu mais que depressa.

Doutra vez as irmãs apeteceram maçãs do jardim do rei e o príncipe pegou-lhe pela trança do cabelo e ela cortou a trança e fugiu com as maçãs.

As irmãs adoeceram todas e Dona Vintes disse ao príncipe que tinha de ir buscar galinhas ao galinheiro do rei e ele disse-lhe que sim. Queria o príncipe que ela entrasse primeiro no galinheiro mas ela fê-lo entrar a ele. Trouxe as galinhas e deixou o príncipe fechado no galinheiro.

Depois cada uma das irmãs teve uma criança e D. Vintes meteu todas as crianças na mesma arca em que tinha ido o príncipe, que ao tempo estava doente, pôs a arca à cabeça e foi apregoar junto do palácio do rei:

“ Quem quer comprar estas flores
Para o príncipe que ‘stá mal d’amores?”

Uma das criadas do palácio, assim que ouviu o pregão, foi chamar a rainha e a rainha mandou chamar a pregoeira para ver as flores. Dona Vintes pôs-se à procura da chave da arca, mas não lhe apareceu e pediu que lhe deixassem ficar ali a arca.

Depois chegou o pai de D. Vintes e pediu que lhe mostrassem os vestidos cor-de-rosa e D. Vintes foi buscar o seu vestido e mostrou ao pai vinte vezes o mesmo vestido e o pai ficou muito contente.

O príncipe, assim que soube que tinha chegado o pai da Dona Vintes, foi pedi-la e o pai disse que era impossível um príncipe casar com uma rapariga pobre. O príncipe teimou e o pai deixou casar a filha e ela mandou fazer uma boneca de alcorce e à noite deitou-a na cama, no lugar dela, e meteu-se debaixo da cama.

O príncipe, com um cutelo na mão para a matar, pôs-se-lhe a dizer se não se lembrava do que lhe tinha feito e ela puxava por um cordel para a boneca dizer que sim com a cabeça; se não se lembrava quando o metera no galinheiro e a boneca disse que sim e, assim que ela disse sim, ele matou-a e saltou-lhe um bocado de alcorce para a boca e ele abraçou-se à boneca, dizendo:

“Dona Vintes, Dona Vintes,
Tão doce na morte,
Tão amarga na vida,
Quem tal crime fez
Merece já morrer.”

E ia-se também matar quando a Dona Vintes lhe salta debaixo da cama.

Seja Deus louvado,
Que é meu conto acabado.

(Elvas)

[73]

O Zé Estragado¹⁰⁸

Era de uma vez um rei e uma rainha que não tinham filhos e viviam muito desgostosos por isso, e um dia a rainha pediu aos céus que tivesse um filho ou por Deus ou pelo Diabo. E teve uma filha pelo Diabo.

Quando a filha chegou aos 18 anos teve uma doença de morte e antes de morrer pediu ao pai que lhe mandasse sempre guardar a sepultura por uma sentinela, todas as noites. O rei, que era o pai, assim lho prometeu e assim o cumpriu; mas de cada noite ela comia uma sentinela e iam assim sendo dizimados os soldados do rei.

Um dia pertenceu a ir de sentinela um soldado a quem chamavam o Estragado mas este resolveu desertar e¹⁰⁹ não ir de guarda à sepultura que era na igreja principal. Ia a caminho da deserção quando encontrou um pobrezinho que era Nosso Senhor e que lhe disse que fosse a guardar a sepultura da menina que ela que o não comia, e que se pusesse ele detrás do altar-mor que aí não lhe sucedia perigo. Ele assim fez.

À meia-noite saiu a princesa da sepultura e disse: “Sentinela, aparece! Sentinela, aparece! Ai! que meu pai já não me faz o que me

¹⁰⁸ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (5, Mai) 1903, pp. 78-79 (P); *Contos... op. cit.*, Elvas, 1919, pp. 101-102 (S), que coloca este conto após o n° 68: “A bicha”.

¹⁰⁹ e] a P e S

prometeu!” E assim esteve a bradar até à uma hora em que recolheu à sepultura.

O soldado, de manhã cedo, saiu para o quartel e foi grande a admiração da soldadesca por não ter sido comido o Zé Estragado.

De tarde o mesmo soldado foi a passear e encontrou o mesmo pobrezinho que lhe disse que se pusesse na pia da água benta quando lhe tocasse outra vez a ir de sentinela à menina. Quando lhe tocou a vez, ele assim fez.

À meia-noite saiu a princesa da sepultura a dizer: “Soldado, aparece! Soldado, aparece!” E andava pela igreja em altos brados e, quando duma vez chegou a princesa perto da pia da água benta, o Zé Estragado começa a lançar-lhe para cima água da pia e ela, a princesa, transforma-se logo no próprio Diabo e lança a correr, a correr pela igreja, até que se sumiu pelo buraco da fechadura da porta grande.

Seja Deus louvado,
Está o meu conto acabado.

(Elvas)

[74]

O ladrão¹¹⁰

Era duma vez um homem que tinha três filhas, foi fazer uma viagem e disse às filhas que não abrissem a porta a ninguém.

Foi lá um ladrão vestido de velha. As duas mais velhas queriam abrir a porta mas a mais moça não queria, lembrando-se da recomendação do pai. A velha tanto teimou que as raparigas mais velhas sempre abriram a porta. Entrou a velha e sentou-se à chaminé.

¹¹⁰ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (9, Set) 1903, pp. 140-141.

Deram-lhe de cear e depois de ter ceado disse a velhinha: “Em paga de tão boa ceia há-de cada uma das menina comer um figuinho”. Eram três figos de sono.

As duas mais velhas comeram-nos e a mais moça fingiu que comia. As irmãs, como já estavam com muito sono, foram-se deitar. Ela, como viu que as irmãs já se tinham ido deitar, foi também deitar-se, mas deitou-se mesmo vestida e fingiu que dormia.

Depois sentiu passos e o ladrão já estava a emalar tudo e acendeu uma mão de finado e foi com ela à cama das duas irmãs deitar-lhes pingos na cara.

Quando o ladrão vinha a descer as escadas para apitar aos outros ladrões, a mais moça levantou-se, foi a correr atrás dele e fechou-lhe a porta da rua.

E ele disse-lhe de lá: “Abre-me a porta”.

E ela: “Não abro”.

E ele: “Então dá-me a mão de finado”.

E ela: “Diz-me primeiro com que a hei-de apagar e mete a mão por baixo da porta”.

E o ladrão disse: “Apaga-a com vinagre!”. Ela assim fez.

E o ladrão meteu a mão por baixo da porta e ela cortou-lhe a mão com um machado. E as irmãs não deram por cousa nenhuma.

Passados tempos veio o pai e perguntou se tinham aberto a porta a alguém. Disseram-lhe que não.

Depois um dia o ladrão pôs uma mão de ferro, calçou umas luvas brancas e foi a casa do homem pedir uma das filhas para casar com ele. A mais moça disse logo que não queria porque conheceu o ladrão. A mais velha quis. Casaram e quando iam para casa o ladrão descalçou a luva e mostrou-lhe a mão de ferro e disse-lhe que não era a ela que ele queria apanhar, era sim à sua irmã mais moça que o tinha feito maneta.

Levou-a para um palácio, entregou-lhe as chaves e disse-lhe: “Abre todas as portas, excepto aquela”. Mas antes disto pôs-lhe um cordão ao pescoço e meteu-lhe nos dedos muitos anéis.

Ela assim que ele saiu, a primeira porta que abriu foi aquela e mudou-se logo o cordão em sangue. O ladrão veio e assim que viu o cordão disse: “Abriste a porta!” e matou-a logo.

Depois foi ter com o pai e pediu a segunda filha, visto a primeira ter morrido. Com a segunda filha sucedeu o mesmo.

Foi pedir a terceira filha. Ela a princípio não queria mas depois cedeu. Casaram e já no palácio o ladrão disse o mesmo à nova mulher: “Que abrisse todas as portas menos a tal”, e lançou-lhe o cordão ao pescoço e pôs-lhe os anéis nos dedos.

Ela, assim que ele saiu, tirou o cordão e foi abrir a porta. Viu lá muitos doentes e entre eles um príncipe; esteve tratando de todos e depois, às horas de vir o seu homem, pôs o cordão e o homem, que não viu o cordão ensanguentado, julgou que ela não tinha aberto a porta e ficou muito contente.

Estava lá, entre os doentes, o tal príncipe e ela, com o andar dos tempos, pô-lo bom de todo e agradou-se muito dele e ele dela, até que um dia ajustaram fugir daquele palácio os dois.

Mas o príncipe disse à rapariga que recolhesse em dois sacos algumas pedras e alguma areia. Ela assim fez e numa manhã fugiram em dois cavalos que foram buscar à cavalaria do palácio.

Já iam a grande distância quando viram vir um gigante, que era o ladrão, montado num cavalo branco a correr a toda a brida; e vai o príncipe diz para a rapariga que despejasse o saco da areia e fez-se logo uma grande montanha de areia entre eles e o gigante.

Mas ao fim dalgumas horas de caminho lá aparece outra vez o gigante no cavalo branco a descer a montanha a galope; e diz o príncipe para a rapariga: “Despeja o saco das pedras!” e fez-se logo uma grande montanha de penhas entre eles e o gigante e nunca mais o viram.

Chegados ao palácio do príncipe casaram e tiveram muitos filhos e ainda faz quarta-feira três semanas que eu lá fui tomar chá.

(Elvas)

[75]
O piolho¹¹¹

Era uma vez um rei que tinha uma filha e o pai disse para a filha: “Cata-me aqui um bocadinho.”

E ela disse: “Os reis não têm piolhos”. Mas sempre o catou e lá encontrou um e disse: “Piolho de rei não se mata”.

Meteu o piolho numa gaiola e ele foi crescendo, crescendo, e já estava dum grande tamanho e o rei disse que se tinha de matar o piolho e a filha disse que dos ossos se havia de fazer uma cadeirinha para ela subir para a cama e uma escada para o pai subir para o trono; e quem adivinhasse de que era feita a cadeira e mais a escada, que havia de casar com ela. O pai disse que sim e mandou deitar um pregão para toda a gente que adivinhasse ir lá ao palácio.

Uma vez estava a princesa com uma das aias à janela e estava dizendo para a aia: “Ora quem será capaz de adivinhar que dos ossos dum piolho se fez uma cadeira e uma escada?”

Ia passando por debaixo da janela um velho. Ouvia e correu logo para palácio. Perguntaram-lhe de que era feita a cadeira e a escada e ele respondeu a tudo. Depois o pai não queria que a princesa casasse com o velho, mas ela quis, para cumprir a sua palavra. Casou e depois foi a correr mundo com o velho.

Já ia farta do velho e chegou lá a um poço e disse-lhe: “Olha, vê lá que bonito é este poço.”

Ele foi a olhar e ela deitou-o para dentro do poço e pôs-se a dizer de cima: “Já estou livre do espírito de pobre.” E o eco respondeu e ela imaginava que era o velho que lhe falava lá de baixo.

Depois disse: “Ainda não estou livre; vou-me a fingir muda.”

Foi lá para umas montanhas. De uma vez veio o rei à caça. Esteve-lhe falando, perguntando quem era o pai, quem era a mãe e ela não lhe respondia.

¹¹¹ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (9, Set) 1903, p. 142.

E o rei disse: “Já sei que és muda; agora levo-te para palácio. No fim de sete anos, se falares caso contigo, se não falares não caso.” Passaram os 7 anos e ela ainda não tinha falado.

O rei casou com outra e era permitido a toda a gente fazer um doce para o casamento do rei. A muda fez também o doce e disse: “Já estou livre do espírito de pobre.”

Como viu que não lhe respondeu ninguém (já não ouvia o eco), disse: “Já estou livre, já estou.” Vestiu-se ainda mais bonita que a noiva e pôs-se à porta do palácio à esperar os noivos. Assim que a rainha chegou disse para a que se fazia muda:

“Menina das montanhas!
Que fato, que danhas?”

Respondendo a que se fazia muda:

“Que senhora tão assanhada,
Assim que chega logo fala;
Há sete anos estou eu aqui
E só hoje minha boca abri.”

Depois o rei mandou a rainha embora para a sua terra e casou com a princesa que se fazia muda.

Está o meu conto dito,
Seja Deus bendito.

(Elvas)

[76]

A preguiçosa¹¹²

Era duma vez uma mulher e tinha uma filha que era muito preguiçosa, não queria fazer nada, ou antes, só queria fazer papas e comê-las. A mãe zangava-se muito com ela e batia-lhe, mas era o mesmo que nada, não queria trabalhar.

¹¹² “Contos...”, *A Tradição*, 5 (9, Set) 1903, pp. 142-143 (P).

Defronte havia uma estalagem e a dona era muito amiga da mãe da rapariga e às vezes dizia a esta que não fosse preguiçosa, mas a rapariga não fazia caso.

Costumava ir para a estalagem um negociante que começou a reparar que a vizinha batia muito na rapariga e perguntou à dona da estalagem porque era aquilo. E ela disse-lhe: “Porque trabalha muito, porque não quer senão estar a fiar e a mãe não quer que ela trabalhe tanto porque é muito fraca.”

O homem ficou muito indignado e disse que se a rapariga quisesse casar com ele que a livrava daquele martírio; que ia fazer uma viagem e que a incumbia de lhe falar a semelhante respeito e lhe daria a resposta quando ele voltasse.

Assim que ele marchou foi dizer à rapariga que o hóspede queria casar com ela e a rapariga disse que sim, que casava.

Quando veio o hóspede perguntou se já tinha falado à rapariga e o que tinha dito.

“Que não se lhe dava de casar mas que não queria sair da terra.” E ele disse que estava bem pois ia fixar a sua residência ali; que ia fazer outra viagem e quando voltasse se fazia o casamento.

Quando voltou, arranjou uma casa, mobilou-a e um dos quartos guarneceu-o todo de estrigas de linho, fechou-o e guardou a¹¹³ chave.

No dia do casamento foi mostrar a casa e quando abriu a porta daquele quarto disse para a mulher que ali tinha para se entreter mas que não queria que o fiasse todo.

Dáí a dias teve que ir fazer uma viagem e quando se despediu da mulher disse que não queria que fiasse muito. E ela, quando viu que eram vésperas de o marido voltar, foi buscar uma estriga de linho para ver se podia fiar, mas era coisa que não sabia.

Pôs o linho na roca e foi fazer uma tachada de papas, trouxe-a para o meio da casa, sentou-se no chão, mergulhou a roca nas papas e começou a lambê-las e a dizer: “Isto assim poderá ser que se fie bem”. E foi a querer rodar o fuso mas não sabia.

¹¹³ a] á P

Defronte, na dita estalagem, estava um hóspede, homem muito rico e casualmente viu aquele ensaio. Chamou a estalajadeira que lhe explicasse o que era aquilo. A estalajadeira explicou-lhe e o homem disse que queria lá ir e foi com a estalajadeira. Esteve falando com a mulher que lhe explicou a sua aflição, porque tinha uma casa cheia de linho e não sabia como havia de fiar algum antes que o marido viesse.

O homem disse à estalajadeira que mandasse ver quem fiava linho na terra para se fiar todo. Foi ela logo e mandou uma porção para cada lado, de maneira que, quando o negociante veio estava o linho todo fiado e posto nos seus lugares.

Mas depois a vizinha e a mãe lembraram-se de que ele compraria outra porção igual àquela e ficaria ela nas mesmas dificuldades; por isso, no dia em que o marido veio, mandaram-na meter na cama, cingiram-na toda de nozes e disseram-lhe que quando ele viesse e a fosse abraçar lhe dissesse:

“Ai! não me toques, não me toques! que tenho os ossos todos desconjuntados!”

E ele ficou todo aflito e disse: “Queres apostar que fiaste muito?”

E ela muito lastimosa respondeu: “Vai lá ver, vai lá ver!” Ele foi, viu tudo fiado, ficou muito zangado e ralhou com ela pois não queria que fiasse uma brutalidade daquelas! E disse à vizinha que fosse chamar um médico para a tratar e que explicasse ao médico o que tinha sido, para ele saber.

Veio o médico e disse que a doente precisava de muito sossego e de não trabalhar mais, se o marido queria ter mulher.

E seja Deus louvado,
Está o meu conto acabado.

(Elvas)

O príncipe porquinho¹¹⁴

Era duma vez um rei e uma rainha e a rainha teve um filho, mas do feitio dum porquinho e ficaram os pais muito desgostosos.

Mandaram-no criar fora do palácio, às escondidas, e a fim de tempos o príncipe porquinho casou com a filha dum alfaiate e esta, uma noite, quando o príncipe porquinho dormia, tirou-lhe a pele e lançou-a numa fogueira. E diz-lhe o príncipe porquinho:

“Agora se me quiseres ver,
Sapatos de ferro hás-de romper.”

E desapareceu.

E ela mandou fazer uns sapatinhos de ferro e foi a correr mundo em procura do príncipe.

Um dia ela chegou a casa da Lua e perguntou-lhe pelo príncipe porquinho. A Lua disse que quem sabia dele era o Vento e que fosse da parte dela ter com o Vento e para sinal deu-lhe uma noz que tinha dentro uma roca de oiro.

Ela foi a casa do Vento e o Vento disse-lhe que quem sabia do príncipe porquinho era o Sol, que fosse da parte dele ter com o Sol, e para sinal deu-lhe uma castanha que tinha dentro uma galinha com pintos de oiro.

Ela foi a casa do Sol e o Sol disse-lhe onde estava o príncipe porquinho e ensinou-lhe o caminho do palácio onde ele estava e deu-lhe uma *bol*eta que tinha dentro uma dobadoira de oiro.

Ela chegou defronte do palácio e pôs-se a trabalhar com a dobadoira. As criadas do palácio foram dizer à rainha que estava ali uma menina a dobar oiro fino numa dobadoira de oiro.

A rainha mandou-lhe a dizer se queria vender a dobadoira e ela disse: “Dou-a de graça se me deixarem ir ao quarto do príncipe.”

E tirou os pintainhos de oiro da cesta e pôs-se-lhes a dar de comer. As criadas foram dizer à rainha. A rainha quis comprar os pintainhos e ela: “Dou-os de graça com a dobadoira se me deixarem ir ao quarto do príncipe.”

¹¹⁴ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (9, Set) 1903, pp. 143-144 (P).

E tirou a noz e pôs-se a fiar na roca¹¹⁵ de oiro. A rainha quis comprar tudo, dobadoira, roca, galinhas e pintos e ela disse: “Dou tudo, tudo, de graça, se me deixarem ir ao quarto do príncipe.”

A rainha, a poder de tanto, disse que sim e ela foi. Entrou no quarto e a poder de muitas lágrimas e de muitos pedidos fez as pazes com o príncipe que já não era um príncipe porquinho mas um príncipe de verdade; e viveram muito felizes.

(Elvas)

[78]

O mouco¹¹⁶

Era duma vez um homem que era mouco, estava numa herdade e, vendo vir outro homem, disse: “Além vem um homem que me há-de perguntar donde eu sou e eu digo-lhe: ‘De Barcelos’. Há-de-me perguntar por onde é o caminho e eu digo-lhe: ‘Além por aqueles outeiros abaixo’. Há-de-me perguntar que fundura tem este poço e eu digo-lhe: ‘Este pau até ao nó.’”

Chegou o homem e disse: “Guarde-o Deus, camarada.”

“De Barcelos”, disse o mouco.

“Não lhe digo isso, digo-lhe que o guarde Deus.”

“Além por aqueles oiteiros abaixo.”

“Olhe que lhe meto este pau pela boca.”

“Este pau até ao nó.” O homem, zangado com as respostas, deitou a bater no mouco e deixou-o como um S. Lázaro.

(Elvas)

¹¹⁵ roca] rouca *P*

¹¹⁶ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (10, Out) 1903, p. 160.

Os sete veados¹¹⁷

Era duma vez um homem e uma mulher que tinham sete filhos, e ao fim de tempos deu-lhes Nosso Senhor uma filha, e os sete rapazes ficaram indignados pelo nascimento da irmã e a ponto de abalarem de casa e irem a correr mundo.

A filha foi crescendo, crescendo, e um dia a mãe, zangando-se com ela, disse-lhe: “Por tua causa andam sete moços como sete pérolas por esse mundo passando trabalhos.”

A filha pediu à mãe que lhe dissesse o que queriam dizer aquelas palavras e ela contou-lhe o que se tinha passado; e disse a filha: “Pois vou eu em procura dos meus irmãos.”

Os pais não a queriam deixar ir; mas ela disse que queria ir também passar os trabalhos que os seus sete irmãos estavam passando por sua causa e, pedindo a bênção aos pais, pôs-se a caminho.

Foi andando, andando; era quase noite e encontrou uns casarões velhos onde se recolheu e, como era cuidadosa, pôs-se a arranjar as casas, a fazer as camas e a pôr tudo na ordem. Nisto sentiu rumor e, vendo entrar sete homens muito mal trajados, teve um grande susto e escondeu-se.

Os homens ao repararem no arranjo da casa, admiraram-se e procurando quem tinha sido a arranjadeira, encontraram a rapariga toda a tremer, anichada a um canto. Meteram-na em confissão e ela contou tudo e então conheceram os homens que estavam em frente da sua irmã e começaram a tratá-la mal, excepto o irmão mais novo que, ao ouvir-lhe dizer que queria passar trabalhos juntamente com eles, teve muito dó e pediu aos irmãos que a consentissem na sua companhia. Os irmãos cederam mas de má vontade e com a condição de lhes servir de criada e de todas as noites, ao voltarem das rusgas, lavar os pés a todos; e recomendaram muito à irmã que nunca fosse buscar água a uma fonte que estava ao lado dos casarões e que tomasse nisto muito sentido. A irmã assim o prometeu.

¹¹⁷ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (11, Nov) 1903, pp. 172-173.

Ora a razão porque os homens não queriam utilizar-se da água dessa fonte era porque, quando eles saíram de casa dos pais, arvoraram-se numa companhia de ladrões e, entre muitos roubos e assassinatos que fizeram, roubaram e mataram um gigante que vivia naqueles casarões; e no sítio em que o gigante foi morto e em que se espalhou o sangue, apareceu a fonte, a tal de que não queriam servir-se.

Todas as noites a rapariga lavava os pés aos irmãos quando eles recolhiam e lavava-lhos com água quente; mas duma vez quis pôr a água ao lume e conheceu que não a havia no pote e ficou aflita, mas disse consigo: “Ora vou buscá-la ali à fonte, eles não sabem se lhes lavo os pés com essa água ou com outra.” Foi buscá-la e pôs a água ao lume.

Vieram os irmãos e, antes de cearem, a irmã foi lavar-lhes os pés, começando pelo mais velho. E assim que ela começou a lavar-lhos, transforma-se o homem num veado e abalou.

Os outros perguntaram logo onde fora ela buscar a água e ela confessou. Zangaram-se muito, ela ficou toda aterrada e os irmãos, que quiseram todos correr a sorte do mais velho, obrigaram-na a lavar-lhes os pés na mesma água. Ela obedeceu a chorar, lavando os pés aos cinco irmãos mais velhos que se transformaram logo em veados e desapareceram; e ao irmão mais novo não queria de modo nenhum lavar-lhos, mas ele tanto teimou, tanto, que não teve mais remédio senão lavar-lhos também e, transformando-se logo em veado, desapareceu como os outros.

E aqui ficou a pobre rapariga sozinha com a sua grande desgraça e pensou em matar-se. Levou a noite inteira a chorar e a lamentar-se; mas de manhãzinha apareceu-lhe o irmão mais novo, transformado em veado, e esteve-a acariciando, mostrando ter muito dó dela; e todos os dias vinha o veadinho trazer-lhe de comer.

Passaram tempos e um dia apareceu por ali um príncipe à casa e, vendo a menina, agradou-se muito dela porque era muito bonita e ela agradou-se do príncipe; e todas as tardes o príncipe ia ter com a menina, até que por fim se dispôs a casar com ela e levou-a para o palácio.

Ela tinha contado tudo ao irmão mais novo que levou a bem o casamento e lhe disse que à boquinha de todas as noites iria ao jardim do palácio para a ver e para falar com ela.

Fez-se o casamento com grande pompa; mas as pessoas da corte não gostaram que o príncipe fosse casar com uma aventureira e puseram-se a tramar contra a princesa; e logo que souberam que ela todos os dias, ao lusco-fusco, ia sozinha a certo ponto do jardim e aí se demorava a conversar com alguém, avisaram o príncipe de que lhe era falsa.

O príncipe espreitou três vezes e conheceu que era certa a desconfiança dos fidalgos. De combinação com o rei seu pai, resolveu o príncipe que morresse enforcada. Foi logo metida numa torre e no dia seguinte mandou o rei deitar pregão de que a princesa ia a enforcar.

Reuniu-se muito povo de roda da forca esperando a princesa e quando esta chegou sentiu-se ao longe um grande estrugido e o rei disse: “Esperem, esperem, que todos têm direito a gozar do espectáculo e vem além gente a todo o escape.”

Esperaram e viram vir sete veados; saltou o primeiro sobre a forca e transformou-se logo num homem; saltaram mais cinco sobre a forca e em homens se mudaram; e o último veado, que era o mais pequeno, esse teve de saltar três vezes para se desencantar.

A princesa gritou para os sete irmãos que a rodearam e tudo o irmão mais novo aclarou na presença de toda a corte e o motivo porque a irmã ia todos os dias ao jardim à hora do lusco-fusco.

Está o meu conto acabado,
Seja Deus louvado.

(Elvas)

[80]
D. Buenos¹¹⁸

Era uma vez uma menina muito bonita e essa menina pediu ao pai para ir ao jardim. O pai disse-lhe que não fosse porque era já tarde, mas ela teimou e foi. Ao depois perdeu-se no caminho e levou um dia e uma noite perdida. Viu uma luzinha lá muito longe e foi direita a ela.

Chegou a uns pardieiros onde viviam duas velhas: “Querem cá uma criadinha?”

“Queremos.” E ficou.

No dia seguinte perguntou: “O que vou eu agora a fazer?”

“Olha, vais agora ao campo a encher esta canastra de penas de passarinhos vivos.” Ela foi com a canastra, sentou-se numa rocha e pôs-se a chorar.

Apareceu-lhe um príncipe e disse-lhe: “Então o que é isso menina?”

“São duas mulheres que querem que eu encha esta canastra de penas de passarinhos vivos.”

“Isso arranja-se”; tocou uma buzina, vieram os criados do príncipe e passadas algumas horas encheu-se a canastra de penas de passarinhos vivos.

E o príncipe disse à menina: “Olha, se as duas feiticeiras te disserem que foi o D. Buenos, diz-lhe assim:

“Diabos¹¹⁹ levem a vocês,
E os anjos levem a mim,
Se eu já hoje vi D. Buenos.
Ou D. Buenos viu a mim.”

No outro dia as duas velhas disseram à rapariga que fosse ao campo com uma asada e que havia de trazê-la esfregada que parecesse oiro.

Acudiu-lhe outra vez o príncipe e os criados esfregaram a asada que ficou como se fosse de oiro; e o príncipe disse à menina:

¹¹⁸ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (11, Nov) 1903, pp. 173-174 (P).

¹¹⁹ Diabos] Diabo P

“Olha que esta noite as tuas feiticeiras hão-de querer incendiar-te a cama, e tu não durmas; leva toda a noite aos ais.”

Pela noite adiante, as camas que apareceram incendiadas foram as das duas feiticeiras e elas morreram no brasido.

Pela manhãzinha apareceu o príncipe à menina e disse: “Olha, eu vou pedir ao meu pai para me deixar casar contigo, tu ficas aqui esperando assentada na rocha em que te vi da primeira vez que eu venho buscar-te para ires para o palácio.”

A menina desatou a chorar e a dizer: “Não me deixes aqui porque te vais esquecer de mim.”

“Que estás a dizer?”

“Vais; logo que te deixes dormir em palácio esqueces-te de mim.” O príncipe prometeu que não fecharia os olhos enquanto a não viesse buscar.

Mas ao chegar a palácio deu-lhe um grande sono e dormiu. Esqueceu-se logo da pobre menina que se chamava Guiomar.

Passados tempos, havia três dias de torneio no palácio do rei e a Guiomar conseguiu entrar no jardim. No torneio havia uma vaquinha que não queria andar e o príncipe tudo era tocar-lhe para que se mexesse, até que uma menina do lado diz:

“Anda, anda, torneirinha,
Não queiras mais atear,
Não sejas como D. Buenos,
Que se esqueceu de Guiomar.”

O príncipe pôs as mãos na cabeça, lembrou-se da sua princesa, viu a menina e levou-a à presença do rei e da corte dizendo que ali estava a prenda do seu coração – e casou com ela.

Conto acabado,
Dinheiro ganhado.

(Elvas)

Abre-te, flor de lis!¹²⁰

Era duma vez dois compadres, um pobre e outro rico.

O compadre pobre, um dia, foi ao campo e junto de umas pedras viu uns ladrões carregados de muitas riquezas e escondeu-se. E ouviu dizer a um deles: “Abre-te, flor de lis!” E viu uma das pedras abrir-se e entraram todos os ladrões pelo buraco e fechar-se depois a porta. Passado algum tempo abriu-se outra vez a pedra e saíram todos os ladrões, deixando lá as riquezas, e fechou-se a pedra à voz de um deles: “Fecha-te, flor de lis!”

Deixou-os afastar e quando já os não via chegou ele à pedra e disse: “Abre-te, flor de lis!” A pedra abriu-se, ele entrou pelo buraco e disse: “Fecha-te, flor de lis!” A pedra fechou-se e ele foi lá baixo e encontrou grandes riquezas.

Encheu-se de todo o dinheiro que pôde carregar e, dando ordem à pedra para se abrir e depois para se fechar, veio para sua casa já feito um grande senhor.

Passados dias, contou tudo ao compadre rico e este pediu-lhe por tudo quanto havia que lhe dissesse onde era o sítio da pedra. O compadre disse-lhe e ele foi lá sozinho: “Abre-te, flor de lis!” e a pedra abriu-se; ele desceu e disse: “Fecha-te, flor de lis!” e a pedra fechou-se.

Foi lá baixo e encheu-se de riquezas, mas quando quis sair não se lembrou do nome da pedra e tudo era: “Abre-te, couvel! Abre-te, coentro! Abre-te, alface!...” E a pedra, moita. Lá ficou; e depois vieram os ladrões, deram com ele e mataram-no.

(Elvas)

¹²⁰ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (11, Nov) 1903, p. 174.

[82]
O pirolito¹²¹

Era duma vez uma mulher que tinha um filho e uma filha, ele era o Pirolito e ela a Pirolita; mandou os dois, um para a escola e o outro para a mestra e o que chegasse primeiro a casa ganhava um bocadinho de pão e queijo.

Chegou primeiro o Pirolito e disse-lhe ela: “Olha, põe além uma mesa, um alguidar debaixo e uma faca e põe-te em cima da mesa a dormir a sesta.” Ele assim fez.

Depois a mãe, quando o sentiu a dormir, matou-o e fez dele um guisado.

Veio a Pirolita. “Mãe, já veio o Pirolito?”

“Ainda não; toma lá um bocadinho de pão e queijo e vai levar o jantar a teu pai mas não espreites nem proves.”

Ela chegou lá muito adiante e quis ver o que era o jantar; viu o Pirolito e começou a chorar.

Chegou ali Nossa Senhora e perguntou-lhe porque chorava. Ela contou-lhe e Nossa Senhora disse: “Não chores; em teu pai estando a jantar há-de te chamar para comeres também, mas tu diz-lhe que não tens vontade e, depois dele jantar, reúne os ossinhos e deita-os para o rio.”

Ela fez o que Nossa Senhora lhe disse; deitou os ossinhos para o rio e saiu de lá o Pirolito todo cheio de laranjas e foram os dois irmãos para casa.

Diz-lhe agora a mãe: “Pirolito, dás-me uma laranja?”

“Não, que me mataste.”

Diz-lhe agora o pai: “Pirolito, dás-me uma laranja?”

“Não, que me comeste.”

Diz-lhe agora a Pirolita: “Pirolito, dás-me uma laranja?”

“Toma-as lá todas, que me salvaste.”

A tua boca cheia de anjinhos

E a minha de confeitinhos.

¹²¹ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (11, Nov) 1903, pp. 174-175.

(Elvas)

[83]

Gri, alerta, ladra, aun que seya el mismo Dios¹²²

Era de uma vez um homem que estava numa quinta e a dona da quinta era espanhola e tinha um rapaz, também espanhol, para levar todos os dias o jantar ao homem e o rapaz tinha um cão chamado Gri.

O rapaz quando ia levar o jantar, no caminho, assentava-se numa pedra e punha-se para o cão:

“Gri, alerta, ladra,
Aun que seya el mismo Dios.”

E dava volta à panela em que ia o jantar e dizia: “Quien viene alla? Gravanços? Pase adelante, que és gente redonda.” Outra volta à panela: “Quien viene alla? Morcilla? Pase adelante, que és gente morena.” Outra volta à panela: “Quien viene alla? Tocino? No temas, que no te bulo.” Outra volta: “Quien viene alla? Lloriço? (Chorizo) Preso, como tres e dos seren cinco.”

Tantas vezes comeu o lloriço que o homem foi falar com a ama e esteve-lhe contando que tudo lhe mandava no jantar menos chouriço. A espanhola disse-lhe que espreitasse o rapaz.

“Pois vou fazer isso,” disse o homem.

Um dia deu com o rapaz sentado na tal pedra e a revolver a panela. Escondeu-se detrás dumas árvores e esteve espreitando.

Quando o rapaz chegou ao lloriço e o prendeu “como tres e dos seren cinco”, salta o homem detrás da árvore e diz: “Larga o preso, larga o preso!” e começou a tocar a fogo na freguesia do espinhaço do rapaz.

(Elvas)

¹²² “Contos...”, *A Tradição*, 5 (11, Nov) 1903, p. 175.

[84]

O príncipe encantado¹²³

Era duma vez um homem e uma mulher que tinham três filhas e a mais moça foi a correr mundo. Chegou lá a um palácio que estava todo de preto. Entrou e não viu ninguém.

Ficou lá. Só quando estava a comer é que vinha sempre um passarinho a poisar-lhe no ombro e não via mais ninguém. O passarinho era um príncipe encantado, mas ela não o sabia.

Um dia ouviu uma voz perguntando-lhe se ela queria ver o pai, a mãe e as irmãs. Ela disse que sim e a voz disse-lhe que fosse a um espelho e nele viu a mãe, o pai e as irmãs.

Depois a voz perguntou-lhe se ela queria ir ver a família. Disse que sim. Apareceu-lhe um cavalo e a voz disse-lhe: “Aí tens esse cavalo para ires ver a tua família, mas olha que te hás-de lá demorar somente uma semana; ao fim da semana, ao primeiro grito que o cavalo der, hás-de estar a despedir-te da tua família, ao segundo grito, hás-de vir a descer as escadas e, ao terceiro, hás-de estar a montar-te.” Ela assim o prometeu.

Chegou a casa do pai e esteve contando à mãe tudo que lhe sucedia no palácio onde fora ter, e a mãe perguntou-lhe se todas as noites não sentia na cama do palácio uma coisa fria. Ela disse que sim. Perguntou-lhe se não tinha fósforos. Ela disse que não. Deu-lhe uma caixa de fósforos e disse-lhe que, quando sentisse aquela frialdade, acendesse um fósforo.

No fim da semana o cavalo deu os três gritos e ela despediu-se da família e marchou, a montada no cavalo. Chegou ao palácio e, como era já noite, foi-se deitar.

Pela noite adiante sentiu uma coisa fria no seio. Acendeu um fósforo e viu o passarinho a dormir na cama e, sem querer, deixou cair um pingo do fósforo na cabeça do passarinho. O passarinho

¹²³ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (11, Nov) 1903, pp. 175-176.

soltou um grito e transformou-se num príncipe que disse: “Mesmo agora me quebraste o encanto e, em paga, vou casar contigo.”

Seja Deus louvado,
Que é o conto acabado.

(Elvas)

[85]

Eu vi-te, tu não me viste¹²⁴

Era duma vez um rei e uma rainha que não tinham filhos e viviam muito desgostosos por isso; mas um dia, a poder de muitas promessas, teve a rainha uma filha muito bonita.

Mas ao fim de três anos, uma velha roubou a filha à rainha, entregou-a a uma ama e meteu ambas numa torre e todos os dias ia levar-lhes de comer; e a comida que levava, ou de carne ou de peixe, era sempre sem ossos e sem espinhas.

Passaram muitos anos e um dia a menina encontrou um ossinho no jantar. Escondeu o ossinho e logo que pôs-se, às escondidas, a furar com ele o sobrado por debaixo da cama. Tanto escarafunchou, tanto escarafunchou, que fez um buraco e viu lá em baixo um quarto todo iluminado e um príncipe deitado na cama. Dos lençóis da sua cama fez a menina uma escada e foi lá baixo.

O príncipe tinha lá pena e papel e ela, depois de fazer o seu nome, escreveu:

“Eu vi-te,
Tu não me viste.”

E foi-se para o seu quarto pela escada dos lençóis.

O príncipe quando, no outro dia, viu o papel escrito, ficou todo admirado. Na segunda noite a menina fez o mesmo. Na terceira noite o príncipe fazia-se dormido e quando ela estava a escrever, apanhou-a e disse-lhe:

“Eu apanhei-te,

¹²⁴ “Contos...”, *A Tradição*, 5 (11, Nov) 1903, p. 176.

E não me fugiste.”

E apanhada ficou para toda a vida porque o príncipe, passados três dias, pediu licença ao pai e casou com ela.

(Elvas)

[86]

O afilhado do rei¹²⁵

Na era dos afonsinos havia dois homens, um tinha um filho e o outro uma filha.

Os rapazes já tinham 17 anos e namoravam-se, mas era por cartas, e um dia a rapariga mandou-lhe dizer para ele lhe ir falar das dez para as onze. O rapaz foi, mas tinha em casa um tio que era padre e só recolhia aí pela meia-noite e o rapaz era a primeira vez que saía de casa, assim, fora de horas.

Estava o rapaz a falar com a rapariga e passou o tio; o sobrinho embuçou-se, mas ao tio não lhe escapou.

No outro dia o tio perguntou ao irmão se tinha saído alguém na noite antecedente daquela casa. O pai disse que não e o padre retrucou que tinha visto o rapaz na rua. Sova no rapaz que, zangado, mandou dizer à rapariga que, se queria fugir, arranjasse as coisas para aquela noite, que ele lá estaria, à meia-noite em ponto, à porta dela com um cavalo. A rapariga disse que sim e à meia-noite fugiram.

Foram andando, andando, andando e chegaram a uma fonte; desceram, estiveram bebendo água e comendo alguma coisa. Era já manhãzinha e avistaram uma terra e foram até lá.

No caminho atravessaram uma herdade muito grande e muito bonita e eles foram procurar ao dono da herdade se a queria vender. Disse-lhes que sim e compraram-na e mandaram fazer nela um palacete.

E o rei de Madrid costumava ir ali todos os anos fazer uma caçada e não tinha visto ali palacete algum; admirou-se muito de ver

¹²⁵ “Contos...”, *A Tradição*, 6 (1, Jan) 1904, pp. 9-11.

umas casas tão bonitas e foi lá e dormiu no palacete aquela noite. E depois o dono da casa convidou-o para ser padrinho do filho que tinha nascido havia poucos dias. O rei disse que sim.

No outro dia foi o baptizado e o rei pintou o retrato dele no ombro esquerdo do afilhado e disse aos pais que, em o seu afilhado tendo 13 anos, que o apresentassem em palácio. Foi-se embora o rei e foi correndo o tempo.

Já tinha 13 anos o rapaz e o pai deu-lhe dinheiro para fazer a viagem e disse-lhe, muito sério, que se encontrasse algum coxo ou algum careca que voltasse para trás. O rapaz topou com um coxo e veio para casa mais depressa. O pai riu muito e disse-lhe que não fizesse caso, que fosse. E foi e, lá caminho adiante, encontrou um careca; esteve para voltar para trás, mas não quis que o pai se risse dele outra vez.

Diz-lhe agora o careca: “Onde vai, meu menino?”

“Vou ali a Madrid.”

“Eu também quero ir.”

“Mas atrás do cavalinho.” E foram.

Chegaram lá muito longe e disse o careca: “Olhe, eu agora durmo até à meia-noite e o meu menino dorme da meia-noite até pela manhã, que eu acordo-o.” Pela manhã já o careca estava montado no cavalinho, quando acordou o rapaz.

“Então o que é isso?”

“Então, até aqui veio o meu menino no cavalinho e agora vai ao contrário.”

O rapaz foi a pé; estava muito calor e tinha muita sede, chegou lá a um poço e o careca diz: “Tem sede? Olhe eu ato a corda do cavalo à sua cintura, o menino desce ao poço e bebe lá e quando matar a sede eu puxo-o pela corda e depois vou eu beber da mesma maneira.”

O rapaz tinha medo mas a sede era tanta que se *astrevou*. O careca nunca lhe fez mal e tirou-o do poço, mas antes de o tirar obrigou-o a dizer, por juramento, que nunca havia de contar a pessoa alguma e durante toda a sua vida o que o careca lhe tinha feito e tinha para fazer.

Chegaram lá a Madrid e o careca foi-se apresentar ao rei como seu afilhado e o rapaz como seu criado. O rei já se não lembrava e diz assim: “Ora! logo tive um afilhado careca!”

Um dia havia lá toques no palácio e o rapaz sabia tocar muitos instrumentos e disse para os outros criados: “Ora, se me emprestassem um instrumento eu ia aqui a tocar e havia de dar brado.” Trouxeram-lhe um cornetim e ele pôs-se a tocar ao som dos toques lá de cima e tocava muito bem e só soava lá em cima o toque do cornetim.

O rei mandou logo saber quem era que tocava. Disseram-lhe que era o criado do seu afilhado e o careca ficou *banzando* e disse logo ao rei que o seu criado lhe dissera que era capaz de ir desencantar a princesa real à torre das águas vermelhas.

O rei chamou logo o rapaz e disse-lhe que havia de ir desencantar a princesa. O rapaz foi para a cavalaria a chorar. Ouvia uma voz que lhe perguntou porque estava assim *esmorcido*.

Ele disse: “Então eu não vejo ninguém!”

E disse-lhe a voz: “Anda lá, não tenhas medo, conta as tuas mágoas”. E ele contou.

Diz-lhe agora a voz: “Vai perguntar ao rei se te arranja três embarcações, uma de açúcar, outra de carneiros e outra de trigo”. O rei disse-lhe que sim e o rapaz voltou a chorar para a cavalaria.

Diz-lhe a voz: “Não chores, olha, tu vais mar fora e, à primeira terra que encontras, desembarcas e depois há-de aparecer-te o rei das moscas e tu diz-lhe: ‘O rei de Madrid aqui lhe manda de presente esta embarcação de açúcar para os seus vassallos’; e tu arrecada o que te der o rei das moscas.

Depois na segunda terra há-de aparecer-te o rei das águias e tu diz-lhe: ‘O rei de Madrid aqui lhe manda de presente esta embarcação de carneiros para os seus vassallos’; e tu arrecada o que te der o rei das águias.

Depois na terceira terra há-de aparecer-te o rei das formigas e tu diz-lhe: ‘O rei de Madrid aqui lhe manda de presente esta embarcação de trigo para os seus vassallos’; e tu arrecadas o que te der o rei das formigas.”

O rapaz partiu muito choroso e *assucedê*-lhe tudo quanto a voz lhe disse. Ora o rei das moscas deu-lhe uma asa, o rei das águias deu-lhe uma pena e o rei das formigas não lhe deu nada mas disse-lhe: “Quando te vires nalguma aflição, brada por mim”.

O rapaz perguntou ao rei das formigas se ainda era muito longe a torre das águas vermelhas. O rei disse-lhe que já ficava perto e ensinou-lhe o caminho.

Chegou o rapaz à torre das águas vermelhas onde havia um gigante que estava de posse da princesa real. E disse o rapaz: “E então o que hei-de eu agora fazer?” Nisto viu a princesa detrás de umas grades da torre e ele disse-lhe cá de longe ao que vinha. E ela disse-lhe que tomasse cautela com o gigante, mas que este à hora do meio-dia deixava-se dormir e, por mais que o chamassem, não acordava.

O rapaz chamou o rei das formigas e disse-lhe que à hora do meio-dia queria que se fizesse um buraco na parede da casa em que estava a princesa para ela lhe cair nos braços. O rei das formigas chamou toda a sua gente e fizeram logo o buraco e a princesa caiu nos braços do rapaz.

A princesa disse que não se ia dali embora sem que lhe trouxessem uma garrafa que estava no último andar da torre. O rapaz chamou pelo rei das águias e disse-lhe o que queria. O rei das águias foi buscar a garrafa e apresentou-a no bico ao rapaz.

Depois a princesa disse que tinha muito medo que, quando o gigante acordasse e a não encontrasse na torre, ele viesse a correr atrás dela. O rapaz chamou o rei das moscas e disse-lhe que, com todas as suas artes, livrasse a princesa do gigante. E os dois foram para as embarcações e partiram logo.

O gigante, quando acordou, viu o buraco na torre mas já não viu a princesa nem rastros dela. Pôs-se a gritar como um furioso, mas o rei das moscas, com todo o seu exército, pôs-se a zumbir de roda dele e a picarem-lhe os olhos e a entrarem-lhe pelo nariz, pelos ouvidos, pela boca, até que o sufocaram de todo.

Já o rapaz e a princesa estavam em Madrid e a princesa foi ao seu gabinete a lavar-se e a vestir-se para se apresentar ao pai, que ela

era a filha do rei; e o rapaz foi para a cavalaria onde já não encontrou o seu lindo cavaleiro e pôs-se a chorar.

Houve grandes festas no palácio pela chegada da princesa, e a princesa levava uma cadelinha. O careca, assim que soube que o rapaz tinha trazido a princesa, jurou-lhe pela pele e dum vez pediu ao padrinho para o deixar ir a uma caçada com o seu criado, o rapaz, já se vê. Foi, chegou lá muito longe e deu um tiro no rapaz, deixando-o morto no campo.

Ora a cadelinha da princesa andava sempre atrás do rapaz e na caçada não se tirou do pé dele e depois de o ver morto ali ficou. Só lá muito de noite é que veio aparecer à princesa, a ganhar muito e a empinar-se toda para ela.

A princesa disse: “Já sei, morreu o teu dono.” E ordenou à gente do palácio que preparassem archotes e a acompanhassem da parte do rei. A cadelinha ia adiante e eles seguindo a cadelinha.

Chegaram lá ao sítio e viram o rapaz morto e a princesa mandou que se retirasse toda a gente e, como tinha levado o frasco da torre das águas vermelhas, pô-lo à boca do rapaz. O rapaz voltou logo a si porque o frasco continha *espírito* da vida.

E a princesa obrigou o rapaz a contar tudo quanto lhe tinha acontecido com o careca para saber o motivo que havia para ele o matar. O rapaz não queria, em vistas do juramento que tinha feito de nada dizer até ao fim da sua vida. A princesa disse-lhe que não tivesse escrúpulos porque ele já tinha morrido e a vida que tinha agora só a ela a devia. O rapaz contou tudo. Vieram para palácio.

À hora do jantar perguntou a princesa ao pai que qualidade de homem era aquele? e apontou para o careca.

“É meu afilhado.”

“Mas todos os seus afilhados têm o retrato de meu pai no ombro esquerdo e veja o meu pai se o careca o tem.” O careca não queria despir o casaco mas o rei tanto se zangou que ele com medo declarou logo que não tinha no ombro tal retrato.

E diz-lhe agora a princesa: “Como hás-de tu tê-lo se quem o tem é aquele a quem chamavas teu criado e que tu mataste na floresta?” O careca ficou a tremer como varas verdes.

E chamado o rapaz e, descobrindo-lhe o rei o ombro, viu o seu retrato. O rei mandou matar o careca e dos ossos mandou fazer uma cadeira para se sentarem a princesa e o rapaz que ficou em pouco tempo príncipe porque casou com a filha do rei.

E conto grande,
Paga dobrada,
Venha ela.

[87]

Os três encantos¹²⁶

Era de uma vez uma viúva que tinha três filhas e eram muito pobres, lavavam roupas.

Apareceram ali um dia três rapazes muito bem vestidos, que eram três encantos. Um deles gostou muito da mais velha e foi pedi-la.

Ela não queria porque era muito pobre e o que havia de ser da mãe que ficava só com as duas irmãs; mas tanto teimou o rapaz que por fim casaram e ele ao partir para a sua terra deu tanto dinheiro à sogra que esta não foi capaz de o arrojear pela casa. Já não lavavam roupas e as vizinhas tinham muita inveja.

Os ladrões foram lá uma noite, fizeram um buraco no telhado, roubaram o dinheiro e aqui ficou a família outra vez pobre.

Foi o segundo rapaz pedir a rapariga do meio. Sucedeu o mesmo, a rapariga não queria mas no fim casou-se, está claro, e o marido deu à sogra tanto dinheiro ou mais do que o outro.

Veio outra vez a inveja dos vizinhos e mais os ladrões e a família ficou outra vez pobre.

Foi o terceiro rapaz pedir a rapariga mais moça. Tudo na quinta da mesma, casamento e invejas, *somentes* não houve desta vez ladrões, que o dinheiro estava escondido na terra por causa das dúvidas.

¹²⁶ “Contos...”, *A Tradição*, 6 (1, Jan) 1904, pp. 11-13.

A viúva tinha ainda um filho muito pequenino e quando chegou a homem disse para a mãe: “Vou-me a ver as minhas irmãs, que não houve mais notícias delas nem dos maridos.” A mãe, com a vontade que tinha de saber das filhas, deixou-o ir. E aqui vai agora o irmão à cata das irmãs.

Andando, andando, chegou ao palácio da mais velha. A irmã conheceu-o logo e disse-lhe que o marido era o rei dos leões e, se o visse, que o matava. Ele pediu que o escondesse ali para um cantinho e que dissesse ao rei dos leões que não lhe fizesse mal. Escondeu-se.

Veio o rei dos leões e disse: “Ó mulher! cheira aqui a sangue humano!” Ela disse que era o irmão que ali estava.

E ele disse: “Então se é teu irmão é meu cunhado e diz-lhe que apareça, que não lhe faço mal.” Apareceu o rapaz e houve grande festas em palácio pela visita do irmão.

Passados dois dias decidiu-se o rapaz a visitar a segunda irmã.

Ora o rapaz, ao sair da casa da viúva, tinha encontrado no caminho uma velhinha com um feixe de lenha à cabeça e, tendo dó dela, disse que ele lhe levava o feixe. A velhinha agradeceu muito e viu-se livre da carga até à sua cabana e, chegando ali, entrou e trouxe lá de dentro umas botas de *encante* e ofereceu-as ao rapaz dizendo-lhe que aquelas botas o haviam de pôr na altura em que ele quisesse.

Indo o rapaz andando, andando, chegou à torre em que estava a segunda irmã e pediu às botas que o pusessem à porta do quarto da irmã para ele bater e aparecer-lhe ela. Assim foi: apareceu-lhe a irmã e disse-lhe que o seu marido era o rei dos peixes e que se o visse comia-o.

Ele disse que se ia esconder e que lhe pedisse que não lhe fizesse mal. Ela assim fez, escondeu-o.

Veio o rei dos peixes e disse o mesmo: que cheirava a sangue humano. Ela pediu pelo irmão e o rei dos peixes disse que aparecesse; e se o outro o tinha obsequiado, aquele ainda o obsequiou mais.

Foi depois o rapaz visitar a terceira irmã. Aconteceu-lhe o mesmo; as botas puseram-no à porta do quarto e veio a irmã e disse-

lhe: “Olha, o meu marido é, por encanto, o rei de todos os bichos e, se te vê, come-te.” Ele disse que não no havia de comer e o que queria ver era se lhe quebrava o encanto. E ela disse só havia um meio de quebrar esse encanto e o dos dois cunhados – o rei dos leões e o rei dos peixes – era carregar uma espingarda com uma pedra e quando o visse de boca aberta atirar o tiro direito à boca.

Ele assim fez e o rei dos bichos morreu e ao morrer este morreram os outros dois e as três raparigas recolheram as riquezas todas e vieram com o rapaz para casa da mãe e ainda hoje vivem muito felizes.

E a certidão está em Tondela,
Quem quiser vá lá vê-la.

(Elvas)

[88]

A filha do comerciante¹²⁷

Era duma vez um comerciante que tinha uma filha muito bonita e morava ao pé do palácio do rei e o rei tinha um filho que era o príncipe. A filha do comerciante chamava-se Rosa e na casa havia uma varanda que dava para o jardim do rei.

Todas as tardes ia a Rosa à varanda regar as flores, onde havia uma flor que se chamava verdiana. E o príncipe, lá do jardim, dizia-lhe sempre: “Quantas folhas¹²⁸ tem a verdiana?”

E a Rosa respondia: “Tantas como estrelas tem o céu.” E o príncipe tinha uma grande paixão pela Rosa que sempre se lhe mostrava esquiva.

Um dia o príncipe encarregou uma criada velha de ir a casa do comerciante falar com a Rosa e convencê-la para ir ao jardim. A

¹²⁷ “Contos...”, *A Tradição*, 6 (1, Jan) 1904, pp. 13-14 (P).

¹²⁸ folhas] flores P

Rosa não queria ir mas a velha teve tantas artes que a convenceu. A Rosa disse que só iria às 11 horas da noite. E assim foi.

Quando lá chegou estava o príncipe no jardim e convidou-a a beber um copo de licor com ele.

E ela respondeu: “Então para isto é que me mandou cá vir?”

E foi-se com a velha, mas o príncipe quando ela se retirava deu-lhe um beijo por debaixo do véu.

No outro dia foi a Rosa à varanda e começou o príncipe: “Quantas folhas tem a verdiana?”

E ela: “Tantas como estrelas há no céu.”

E ele: “E o beijinho debaixo do véu?” E ela foi-se toda zangada.

No outro dia foi outra vez a velha a casa do comerciante e a Rosa foi outra vez ao jardim onde o príncipe lhe ofereceu de novo um copo de licor. Ela não quis e o príncipe deu-lhe um belisco.

E ela disse: “Ui! velha, vamo-nos embora.”

Na tarde daquele dia o príncipe, do jardim: “Quantas folhas tem a verdiana?”

E ela: “Tantas como estrelas há no céu.”

E ele: “Ui! velha, vamo-nos embora.” E ela retirou-se toda zangada e nunca mais foi à varanda.

O príncipe começou a entristecer e depois disse assim: “Para que hei-de eu estar a pôr-me triste? Eu não posso casar com ela, que não é pessoa real; vou casar com a princesa que tanto me quer.” E casou.

As festas do casamento duraram três dias e três noites e houve muitos convidados e todos eles haviam de dormir as três noites no palácio. E o comerciante e a filha foram convidados também, por parte de vizinhos. E a Rosa pediu ao pai que lhe arranjasse três vestidos muito ricos, dos que não tivesse a princesa. O pai arranjou-lhos.

No primeiro dia das festas a princesa não tirava os olhos do vestido de Rosa e disse-lhe: “Venda-me o seu vestido.”

E ela: “Não lho vendo, dou-lho; mas há-de me deixar dormir esta noite no quarto do príncipe.” E a princesa consentiu e foi dormir na câmara destinada à filha do comerciante.

E disse a Rosa ao príncipe, naquela noite, que bem sabia que ele gostava muito da filha do comerciante, que tinha muitos ciúmes dela e que só ficaria satisfeita se ele fosse dar-lhe uma sova à cama em que ela dormia.

O príncipe, para fazer a vontade à sua noiva, foi dar a sova na filha do comerciante, mas em quem ele a deu foi na princesa que se calou muito bem calada.

No outro dia a Rosa vestiu o segundo vestido e a princesa quis que lho vendesse, e ela: “Não lho vendo, dou-lho, se me deixar dormir esta noite no quarto do príncipe.” Sucedeu o mesmo e nova sova na pobre da princesa.

Terceiro dia, terceiro vestido e terceira dormida de Rosa no quarto do príncipe e agora ela exigiu-lhe que fosse à cama da filha do comerciante e lhe cortasse o troço do cabelo.

No outro dia apareceu a princesa sem troço e o príncipe ficou muito admirado e desconfiado do caso e, depois de muito pensar, perguntou aos convidados com quem havia de ele casar, com quem o comprou ou com quem o vendeu?

Os convidados disseram: “Com quem o comprou.”

E vai ele casou com Rosa e mandou embora a princesa que o vendera pelos trapos dos três vestidos.

Conto acabado,
Seja Deus louvado.

(Elvas)

[89]
As três irmãs¹²⁹

Era duma vez um homem pobre e que tinha três filhos e três filhas e um dia disse aos filhos que fossem correr mundo em busca de trabalho, que ele não os podia sustentar. Eles assim fizeram.

Chegaram lá a uma encruzilhada onde havia três estradas e cada um foi para seu lado.

O mais velho foi ter a um palácio onde havia uma moura encantada e a poder de muitas artes pôde desencantar a moura e fez-se senhor do palácio e das terras, ficando rico.

O do meio encontrou na estrada uma velhinha que era Nossa Senhora e, como a velhinha estava a fiar, pediu-lhe que o ensinasse. A velhinha assim fez e da roca ia saindo fio de oiro e, a poder de tanto fiar e de tanto vender fio de oiro, ficou o rapaz podre de rico em poucos meses.

O mais moço encontrou na estrada um velhinho que era o Padre Eterno e ofereceu-se-lhe para ser seu criado. O velhinho aceitou, levou-o para uma herdade e ensinou-lhe a cultivar as terras e, a poder de tempo e com boas colheitas por sua conta, chegou também a ser muito rico.

E aqui estão os três irmãos cada um com a sua riqueza.

Um dia tiveram os três o mesmo pensamento e foi mandarem às irmãs um presente.

O mais velho mandou à irmã mais velha um firmal de prata, o do meio mandou à segunda irmã uma toalha de fio de ouro e o terceiro mandou à irmã mais moça um anel de oiro que tinha uma fava que deitava luz.

As irmãs ficaram doidas de alegria e espalhou-se logo na terra a notícia dos presentes. Foi muito povo a ver e o que mais espantava era o anel que deitava luz.

As duas irmãs mais velhas começaram a ter inveja da mais moça e resolveram atirar com o anel para o fundo do mar logo que lho pudessem furtar; e assim o fizeram.

¹²⁹ “Contos...”, *A Tradição*, 6 (1, Jan) 1904, pp. 14-15.

Um dia o rei determinou ir a ver os presentes e mandou dizer ao pai das raparigas que ia jantar com ele. O pai ficou todo assarapantado, as filhas mais velhas ficaram todas contentes e a mais moça ficou toda chorosa porque havia três dias que não sabia do anel e não o podia apresentar ao rei.

Quem fazia o serviço da cozinha era a filha mais moça e o pai ordenou-lhe que apresentasse ao rei um jantar decente e bem cozinhado.

Estava a pobre da rapariga toda lavada em lágrimas a escamar um grande peixe ao canto da chaminé, vai abrir a barriga do peixe e salta-lhe de dentro o anel. Ficou estarrecida. Arrecadou o anel e continuou com o serviço, agora já bastante contente e a cantar.

Veio o rei e foi para a mesa com o homem e com as duas filhas mais velhas e, no fim do jantar, quis ver os presentes. Viu o firmal de prata, viu a toalha de fio de ouro e perguntou depois pelo anel. Responderam logo as duas irmãs mais velhas: “O anel desapareceu.”

Responde a mais nova, vindo da cozinha: “Desapareceu, mas Nosso Senhor mandou-mo dentro da barriga dum peixe e ei-lo aqui.” As irmãs ficaram desesperadas.

O rei percebeu tudo e disse que quem estava tão bem com Deus devia fazer feliz a pessoa com quem casasse e por isso escolhia desde já a menina do anel para rainha. E casou com ela.

Deus louvado,
Conto acabado.

(Elvas)

[90]
A boneca¹³⁰

Era uma vez uma mulher e tinha uma filha e a mãe fazia meias e depois diz-lhe a mãe: “Filha, vai hoje a vender este par de meias e compra um queijo.”

E a filha foi e vendeu as meias e em lugar de comprar o queijo comprou uma boneca. E aquela boneca fazia libras. E depois a filha levantou-se pela manhã muito admirada de ver tantas libras e foi chamar a mãe: “Venha cá ver se eu não fiz bem em comprar a boneca em lugar do queijo.”

A mãe ficou muito contente e, já se vê, daí em diante a mãe e a filha apareciam muito bem arrançadas.

E diziam as vizinhas: “Então o que fizeram, que andam agora com tanto luxo?”

E elas diziam: “Temos cá uma boneca que faz libras.” E uma das vizinhas pediu a boneca emprestada.

Elas emprestaram-lhe, mas a boneca, na casa da vizinha, nunca fez libras e a vizinha, zangada, atirou com a boneca para o quintal próximo, que era o quintal do príncipe. E a boneca apanhou-se às pernas do príncipe e não houve poderes para a arrancar dali.

O rei mandou deitar um pregão: “Quem fosse capaz de tirar a boneca das pernas do príncipe, sendo mulher casava com ele, sendo homem recebia uma tença.”

E depois a Maria, que tinha comprado a boneca, foi lá e disse para a boneca: “Anda cá, minha menina.”

E ela foi e começou logo a fazer libras no colo da Maria. E o príncipe casou com ela.

E seja Deus louvado.

(Elvas)

¹³⁰ “Contos...”, *A Tradição*, 6 (2, Fev) 1904, p. 28.

[91]

O sabor dos sabores¹³¹

Havia um rei que tinha três filhas e um dia chamou-as e perguntou à mais velha: “Por onde me queres tu, minha filha?”

“Pela alma”, respondeu ela.

E perguntou à segunda: “E tu?”

“Pelo coração.”

E fez a mesma pergunta à terceira filha que lhe respondeu: “Eu quero tanto ao meu pai como ao sabor dos sabores”.

O pai zangou-se com esta resposta porque entendeu que não era querer-lhe bem e mandou-a pôr fora do palácio.

Ela arranjou as suas jóias e o seu fato e foi a correr mundo.

Chegou lá a outro reino, foi ao palácio do rei e perguntou se precisavam de uma criada; disseram-lhe que sim e mandaram-na guardar patos.

Ela, quando ia para o campo, estendia no chão as suas jóias e punha-se a olhar para elas muito triste. Os patos, como viam luzir, começavam a picar e ela punha-se com um pauzinho a apontar e a dizer:

“Pato aqui, pato ali.

Filha de rei a guardar patos,

É coisa que nunca vi.”

Depois matava um e levava-o para o palácio e todos os dias matava um.

O príncipe, admirado de tanta morte nos patos, foi espreitá-la e, como lhe visse as jóias e ouvisse as palavras, disse: “Tato! temos princesa!” E quando foi para palácio contou tudo ao pai e disse que queria casar com a princesa.

Quando a rapariga chegou ao palácio foi metida em confissão pelo rei e ela contou tudo. Perguntou-lhe o rei se queria casar com o príncipe e ela disse que sim, mas que o pai dela havia de ser

¹³¹ “Contos...”, *A Tradição*, 6 (2, Fev) 1904, pp. 28-29.

convidado para o casamento e que a comida que o pai havia de comer ela é que a queria fazer.

Assim foi, e em todas as comidas não deitou sal.

O rei, de tudo que começava a comer, de nada gostava, e ficou sem jantar.

Diz-lhe agora a filha: “Vossa real majestade porque não comeu?”

E respondeu o rei: “Pois que gosto tem a comida sem sal?”

“Então porque me pôs fora do palácio por eu lhe dizer que lhe queria tanto como o sal que é o sabor dos sabores?”

O pai arrependeu-se muito do mal que tinha feito à filha que não o tinha ofendido; mas ficou muito contente por a ver casada com o príncipe.

Colori, colorado,
Está meu conto acabado.

(Elvas)

[92]

Palmas verdes¹³²

Era de uma vez um conde e uma condessa e o rei simpatizava muito com a condessa mas ela era muito honrada.

Um dia mandou o conde em serviço a outra terra e ao conde pareceu-lhe isto história porque nos outros dias já tinha ido ele, em vez de outros, ao mesmo serviço. E não foi e escondeu-se.

À noite a condessa foi-se deitar e depois de a apanhar dormida debaixo dos cortinados, que eram de damasco às parras verdes, foi ele, o conde, e deitou com um peneiro farinha à roda da cama e saiu.

Foi o rei e a condessa estava a dormir e não o sentiu. Apartou os cortinados, esteve a olhar para a condessa e depois saiu.

¹³² “Contos...”, *A Tradição*, 6 (2, Fev) 1904, p. 29.

No outro dia veio o conde e vê pegadas de homem na farinha; e a condessa a dormir. Ele não disse nada, mas daí em diante os seus dias eram muito tristes e os dela ainda mais porque o conde nunca mais quis comer com ela e nem mesmo queria dirigir-lhe a palavra.

Um dia contaram ao rei como eles viviam e o rei convidou os dois para irem jantar a palácio. Ele disse que ia, mas ela não, porque estava doente. O rei teimou e obrigou-os a ir.

Foram, jantaram e, quando foi às saúdes, deitaram todos os três as saúdes, sendo assim: a primeira foi a da condessa:

“Já fui querida e estimada,
Agora não o sou nem serei,
Porque ou porque não,
Isso é que eu não sei.”

O conde:

“Eu na minha vinha entrei,
Rasto de ladrão achei,
Se provou ou não das uvas
Isso é que eu não sei.”

O rei:

“Eu é que fui o ladrão,
Eu na tua vinha entrei,
Parras verdes levantei,
Com esta me cortem as goelas
Se nas uvas eu toquei.”

(Elvas)

[93]

O príncipe encantado¹³³

Era duma vez três irmãos que saíram da sua terra; mas na terra para onde foram havia o costume de cada pessoa fazer o seu fato e

¹³³ “Contos...”, *A Tradição*, 6 (2, Fev) 1904, pp. 29-31.

elas não sabiam costurar. Queriam dar os seus vestidos a fazer e não havia quem tomasse conta deles e decidiram por fim ir morar para outra terra.

No caminho foram ter a uma estalagem e perguntaram se havia algum quarto para elas. A estalajadeira disse que não, que tinha tudo cheio; mas, se quisessem, havia na frente umas casas para onde podiam ir, mas que aparecia lá um medo.

Elas disseram: “Não tem dúvida.” E foram.

E à noite disseram as duas mais moças: “Vamo-nos a deitar.”

E disse a mais velha: “Vão vocês, que eu ainda fico.” E ficou; estava quasi a escabeçar com sono e ouviu dizer: “Eu caio ou não caio?” E assim que ouviu isto foi-se a fugir e meteu-se na cama com as duas irmãs.

Na outra noite ficou a do meio. Aconteceu-lhe o mesmo.

E na noite do outro dia ficou a mais moça. Quando ouviu dizer: “Eu caio ou não caio?” respondeu: “Pois cai para aí.” E pela chaminé abaixo caiu um molho de chaves.

E ela disse: “Chaves? Nalgumas fechaduras hão-de servir.”

E foi abrindo portas e mais portas daquela casa até que chegou a uma casa onde havia uma cisterna e saiu dela um preto que disse: “Foste muito valente! És capaz de fazer outra coisa?”

“Então o que é?”

“É montares-te nas minhas costas e irmos por essa cisterna abaixo.”

“Pois vamos.”

Foram-se cisterna abaixo e lá ao fundo chegaram a um palácio; entraram, mas a rapariga não viu ninguém em nenhuma das salas e nos outros dias também ninguém viu senão o preto. E todas as noites, antes de se deitar, tinha à cabeceira da cama um copo de doce que comia e dormia-se logo a sono solto.

Um dia disse ao preto que tinha saudades das suas irmãs e que ia vê-las. O preto não queria, mas ela tanto teimou que conseguiu.

E diz-lhe agora o preto: “Há-de ser com uma condição: há-de-se demorar só três dias e ao fim de três dias há-de ouvir três

assobios, ao primeiro assobio há-de-se despedir de suas irmãs, ao segundo há-de estar à porta da casa da cisterna e ao terceiro havemos de vir cisterna abaixo”. Ela assim o prometeu.

Veio às costas do preto, cisterna acima, e foi ter com as irmãs. Muita festa para a festa e contou tudo, tudo quanto lhe tinha sucedido.

Diz-lhe agora a irmã mais velha: “Olha, quando te fores, não comas o doce que te põem à cabeceira da cama, não te durmas e põe-te à espera”.

Ao fim dos três dias soaram os três assobios e aqui vem ela para o palácio às costas do preto.

Nessa noite foi-se deitar mas não comeu o doce e esperou, fazendo-se dormida.

Passado algum tempo, sentiu chegar uma pessoa e meter-se na cama dela. Deixou-se estar, mas depois acendeu uma vela para ver quem era. Era um príncipe e, toda a tremer, deixou cair um pingo da vela na cabeça do príncipe, que estava a dormir.

Acordou o príncipe e disse: “Mesmo agora me encantaste; e transformou-se num passarinho e fugiu.” Ela ficou toda atarantada.

Ao depois, a uma das janelas do quarto do rei daquela terra aparecia todos os dias um passarinho a cantar assim:

“Se el-rei soubesse
Que eu era filho dele,
Sopinhas de mel
Me dava a comer.”

Os criados tanta vez ouviram isto que foram dizê-lo à rainha.

Um dia a rainha escondeu-se debaixo da cama do rei e esperou o passarinho. Veio ele e cantou:

“Se el-rei soubesse
Que eu era filho dele,
Sopinhas de mel
Me dava a comer.”

E diz ela:

“Não o sabe o rei
Mas sabe-o a rainha;
Anda cá, meu filho,

Que te faço as sopinhas.”

Veio o passarinho; a rainha mandou vir sopinhas de mel e ao comê-las quebrou-se o encanto ao passarinho e transformou-se no príncipe.

Houve grandes festas no palácio e o príncipe foi buscar a rapariga com quem dormiu tantas noites e casou com ela.

Conto acabado,
Dinheiro ganhado.

(Elvas)

[94]

Assim o dizem¹³⁴

Era uma vez um homem e uma mulher e tinham uma comadre.

O homem, um dia, foi à praça comprar uma fressura de porco para a mulher lhe fazer uma cachola para o almoço.

Estava a cachola ao lume, entra a comadre: “Ai, que bem que cheira o seu almoço! Vamos a prová-lo?”

“Pois sim, comadre.” Mas tanto provaram, tanto provaram, que o comeram todo.

E disse a mulher: “Ai, comadre! que hei-de dizer a meu marido!? Comemos o almoço todo!”

“Deixe, comadre, não se apoquente que eu arranjo isso bem; olhe, quando vier o compadre e lhe perguntar pelo almoço, a comadre diz-lhe: ‘Que tal vens tu hoje da cabeça? Então não almoçaste já? Até, por sinal, que também almoçou cá a nossa comadre!’ E depois entro eu e acabo de o convencer.”

Veio o marido para o almoço e a mulher pespegou-lhe o recado que a comadre lhe ensinara. O homem zangou-se muito e a

¹³⁴ “Contos...”, *A Tradição*, 6 (3, Mar) 1904, p. 46.

mulher chamou a comadre: “Então, não quer lá ver? O meu homem diz que ainda não almoçou!”

“Ora essa! até eu almocei com vossemecês, e o almoço era cachola. Boa vai ela!”

O homem fez que se conformou, pegou num palito, meteu-o na boca e foi-se pôr à janela, com cara de poucos amigos.

Passou um conhecido e disse-lhe: “Olá! Com que então já almoçaste!”

“Assim o dizem... Assim o dizem...” – respondeu o homem.

(Elvas)

[95]

O Zé Pequenino¹³⁵

Eram duma vez dois irmãos e um chamava-se Zé Pequenino.

Foram a correr mundo; andaram, andaram e foram ter a casa dum gigante e o gigante era casado e tinha três filhas.

E depois eles deitaram-se na cama das filhas do gigante, puseram na cabeça os capacetes delas e deitaram as raparigas no chão.

Lá pela noite adiante disse a giganta para o gigante: “Temos galos em casa.”

E o marido disse: “Ai temos? Então espera.” E foi buscar um alguidar e uma faca e neste intrentes os rapazes safaram-se.

E o gigante quando veio matou as filhas, em vez de matar os galos que eram os rapazes.

Eles, os rapazes, foram andando e o Zé Pequenino é que levava os três capacetes.

Passaram à porta do rei e a criada disse: “Ai, real senhor, vai ali o Zé Pequenino com um capacete mais lindo!”

¹³⁵ “Contos...”, *A Tradição*, 6 (3, Mar) 1904, pp. 46-47.

O rei mandou-o chamar: “Então, que queres pelo teu capacete?”

“Um bocado de pão e morcela.” E o rei mandou-lhe dar a morcela e pão e o Zé Pequenino foi-se embora.

No outro dia passou lá com o segundo capacete e o rei comprou-lho por um bocado de pão e chouriço; e no terceiro dia o rei comprou o terceiro capacete por um bocado de pão e farinha.

E depois o irmão do Zé Pequenino foi dizer à rainha que o Zé Pequenino tinha dito que era capaz de ir matar o gigante e a gigante.

A rainha chamou o Zé Pequenino que teimou que não tinha dito nada. Mas tanto embirrou a rainha que o Zé Pequenino decidiu-se a ir buscar o gigante e a gigante num trem de ferro.

Chegou lá e disse que ia da parte do rei para virem ambos a palácio e que ali estava o trem para irem.

O gigante e a gigante entraram para o carro e o Zé Pequenino fechou o trem e morreram os gigantes.

Chegou cá com eles e mandaram-nos enterrar e a rainha perguntou ao Zé Pequenino o queria que se fizesse ao irmão e ele disse que o arrojassem ao rabo de um cavalo. E arrojaram-no.

Conto acabado,
Dinheiro ganhado.

(Elvas)

[96]

Dormitório¹³⁶

Era duma vez uma princesa que tinha um vestido encarnado e estavam a cair pastinhas de neve e dizia ela: “Muito bem diz o branco no encarnado.”

¹³⁶ “Contos...”, *A Tradição*, 6 (3, Mar) 1904, p. 47.

E respondeu uma voz: “Melhor diz vossa alteza nos braços do rei.”

E ela: “Muito bem diz o branco no encarnado.”

E a voz: “Se queres ver o Dormitório, oito pares de sapatos de ferro heis-de romper.” E a princesa arranjou os sapatos e foi correr mundo.

Chegou a casa do Sol e perguntou onde parava o Dormitório.

“Muito longe! Olhe, leve esta bolota para fazer chá ao Dormitório.” E recebeu a bolota.

Foi ter a casa da Lua. “Onde pára o Dormitório?”

“Muito longe! Olhe, leve esta castanha para fazer chá ao Dormitório.”

Foi ter a casa das Estrelas. “Onde pára o Dormitório?” Muito longe! Olhe, leve esta noz para fazer chá ao Dormitório.”

E foi andando, andando; chegou lá muito adiante e encontrou uma casa. Estava lá uma preta que tinha dado veneno ao Dormitório para ele morrer.

A princesa fez o chá da bolota, deu-o ao Dormitório e ele pôs-se melhor; deu-lhe o chá da castanha e estava quase bom e depois deu-lhe o chá da noz e pôs-se bom de todo.

Diz-lhe agora o Dormitório: “Tu casas comigo e hás-de dizer o que queres que se faça à preta.”

“Dos olhos um espelho, dos dentes um pente e dos ossos uma cadeira.”

Assim o fizeram; mas quando a princesa se foi ver ao espelho disse o espelho: “Ai, meus olhinhos!” e partiu-se o espelho.

Quando se foi pentear, disse o pente: “Ai, meus dentinhos!” e partiu-se o pente.

E quando se ia a deitar na cama, subida na cadeira, disse a cadeira: “Ai, meus ossinhos!” e partiu-se a cadeira.

Deus louvado,
Conto acabado.

(Elvas)

[97]

Desanda palitroques¹³⁷

Era duma vez um velho e uma velha; viviam muito pobres, porque o velho já não podia trabalhar e um dia a velha zangou-se com ele e ele, apaixonando-se, foi para o campo e, encontrando um homem que lhe perguntou se queria ir guardar gado, disse-lhe que sim e foi-se com ele.

Ao fim dum ano pediu ao amo para vir ver a mulher e entregar-lhe o dinheiro que tinha ganho. O amo consentiu nisso, deu-lhe um guardanapo e disse-lhe: “Quando tiveres fome, não tens mais que dizer: Guardanapo, compõe-te.”

No meio do caminho, o velho, como tivesse fome, estendeu o guardanapo e disse: “Guardanapo, compõe-te.” E logo ali apareceu muito de comer.

O velho ficou muito contente e disse: “Bom! Já não preciso guardar gado.”

Foi andando e foi ter a uma estalagem, dizendo à estalajadeira que lhe guardasse aquele guardanapo, mas que não dissesse: “Guardanapo, compõe-te.”

Logo que o velho saiu, a filha da estalajadeira disse para a mãe: “Vamos experimentar o guardanapo e ver o que isto é: Guardanapo, compõe-te!” E apareceu comida e mais comida.

“Bom!, disseram elas, já não precisamos acender lume para darmos de comer a quem no-lo pedir.” E ficaram com o guardanapo. Quando o velho veio, deram-lhe outro.

O velho, quando chegou a casa, perguntou à mulher o que tinha para a ceia. E ela disse-lhe: “O que hei-de eu ter? Uns feijões!”

“Aventa lá com isso, mulher, que trago ceia melhor.” Ela não queria, mas ele tanto teimou que a velha teve de aventar os feijões.

E ele começou para o guardanapo: “Guardanapo, compõe-te! Guardanapo, compõe-te!” E nada de aparecer comida.

A velha ficou desesperada e pôs o velho na rua.

¹³⁷ “Contos...”, *A Tradição*, 6 (4, Abr) 1904, pp. 62-63.

E aqui vai o velho outra vez para casa do amo a guardar gado.

Ao fim dum ano quis ir outra vez ver a mulher e o amo deu-lhe uma burra e disse-lhe: “Quando tiveres precisão de dinheiro não tens mais do que dizer: Burra, faz dinheiro.”

No caminho quis experimentar o caso e a burra fez bastante dinheiro.

Foi ter à mesma estalagem, deu a burra a guardar, mas com a recomendação de que não lhe dissessem: “Burra, faz dinheiro.” Sucedeu-lhe o mesmo que quando foi do guardanapo: trocaram-lhe a burra.

E aqui vem o velho a caminho de casa com a burra trocada.

Chegou lá e diz para a mulher: “Já somos ricos. Queres ver?” E começa a dizer: “Burra, faz dinheiro.” Mas a burra não fazia coisíssima nenhuma.

E a velha, cada vez mais desesperada com tantos enganos, põe o velho na rua.

E lá foi o pobre do velho outra vez para casa do amo a guardar gado.

Ao fim de outro ano quis o velho tornar a casa para ver a mulher e o amo deu-lhe um saco com dois paus dentro e disse-lhe: “Quando te vires nalguma aflição, não tens mais do que dizer para o saco: ‘Desanda palitroques’; e quando não queiras que eles batam mais, dizes: ‘Palitroques ao saco.’”

No meio do caminho, o velho quis experimentar e, ao dizer: “Desanda palitroques”, saltam os paus de dentro do saco e começam a bater em tudo quanto encontravam; depois de se faltar de ver bater, disse: “Palitroques ao saco”, e aqui vêm eles meter-se no saco.

Disse o velho para consigo: “Agora é que me vou a castigar a estalajadeira que me ficou com o guardanapo e com a burra.”

Chegou à estalagem e disse: “Guardem-me cá este saco, mas não lhe digam: ‘Desanda palitroques.’”

A estalajadeira e mais a filha, como das duas vezes se tinham saído bem, assim que o velho deu costas, disseram: “Desanda palitroques”, e aqui começaram os paus a bater-lhes fortemente; nisto veio o velho e elas pediram-lhe por tudo quanto havia que as

livrasse daquela pancadaria de criar bicho e ele disse-lhes: “Só acudo se me apresentarem o meu guardanapo e a minha burra.”

“Pois sim, senhor, disseram elas, contento que nos livre disto.”

Depois o velho disse: “Palitroques ao sacco.” E os paus deixaram de bater e o velho foi para casa muito contente com as suas prendas.

Bateu à porta, a mulher não lhe queria abrir, julgando que a ia enganar pela terceira vez; mas tanto lhe pediu que ela cedeu; e experimentaram as duas primeiras prendas que deram bom resultado.

A velha ficou muito contente porque já estava rica e ficaram vivendo como Deus com os anjos.

Os vizinhos, assim que viram aquela fartança, foram acusar o velho de ladrão. Foi preso o velho e condenado à morte.

Quando já estava rodeado da justiça e de muito povo para o verem enforcar, ele pediu que lhe deixassem vir de casa um sacco que lá tinha; disseram-lhe que sim e, logo que o sacco chegou, gritou o velho: “Desanda palitroques!” E começaram os paus a bater naquela gente toda.

Houve muitas pernas partidas e braços e cabeças quebradas; e começaram todos a pedir que os livrassem daquela pancadaria; e o velho disse: “Só se me perdoarem a morte, porque estou inocente; a riqueza que tenho deu-me meu amo que era S. Pedro.”

A justiça disse que sim e o velho gritou: “Palitroques, ao sacco!”

Logo que os paus se meteram no sacco, pô-los às costas e foi-se caminho de casa a viver com a sua velhota.

Colori, colorado,
Está meu conto acabado.

(Elvas)

O tonel de vinho¹³⁸

Era duma vez um homem e uma mulher e tinham uma comadre. O homem trabalhava no campo e tinha em casa um tonel de vinho.

A mulher e a comadre todos os dias faziam uma merenda e iam buscar uma garrafa de vinho ao tonel, e tantas vezes foram até que o despejaram.

A mulher, assim que o viu despejado, começou a dizer: “Comadre, que conta hei-de eu dar do vinho a meu marido?”

E a comadre disse: “Eu arranjo isso.”

Foi para casa, arranjou uma capa de cabaças, mascarrou a cara e as mãos e foi para o campo onde o compadre trabalhava.

Subiu a um oiteiro, pôs a capa e começou a chamar o homem:

“Miguel, Miguel,
Aqui está quem te bebeu
O vinho do teu tonel.”

E batia com as cabaças umas nas outras.

E o homem, como tantas vezes ouvisse chamar, olhou e viu *aquela* fantasma negra; julgou que era o demónio e ficou todo assustado.

Foi para casa a tremer de medo e disse para a mulher: “Apareceu-me o demónio lá fora e disse-me que tinha bebido o vinho do nosso tonel.”

“Que dizes, marido? Isso será verdade?”

“Vamos ver.” Foram e estava despejado.

E o homem disse:

“Uma cruz ao pé do tonel vamos fazer,
Para que coisa má o vinho do tonel não venha beber.”

(Elvas)

¹³⁸ “Contos...”, *A Tradição*, 6 (5, Mai) 1904, p. 79.

[99]

A desmazelada¹³⁹

Era duma vez um homem que casou com uma mulher que não sabia fazer nada, nem mesmo uma açorda.

Para a obrigar a fazer o comer, arranjou o homem um casaco de mulher e disse para a companheira: “Obriga este casaco a fazer o almoço que eu às 8 horas venho almoçar.”

A mulher dizia para o casaco: “Casaco faz o almoço porque daqui a pouco vem o teu dono.” E o casaco não se movia.

Chegou o homem e, como não havia almoço feito, disse para a mulher: “Veste lá o casaco, que lhe quero dar uma sova.”

A mulher vestiu o casaco e o marido começou a zurzí-lo; e a mulher: “Ai marido, que me dói! Ai, marido, que me dói!”

E ele: “Não é contigo é com o casaco; e em eu vindo a casa, ao meio-dia, o jantar há-de estar pronto, diz isto ao casaco.”

Aconteceu o mesmo; mas, à terceira vez, não foi preciso bater no casaco porque a ceia já estava feita.

Colori colorado,

Conto acabado.

(Elvas)

[100]

A menina aparecida¹⁴⁰

Era duma vez um rei muito moço e um conde, foram passeiar e tanto passearam que veio a noite.

Viram ali uma casa com luz, foram bater à porta e pediram ao dono da casa para os deixar lá ficar; e o homem disse: “Fiquem,

¹³⁹ “Contos...”, *A Tradição*, 6 (5, Mai) 1904, p. 79.

¹⁴⁰ “Contos...”, *A Tradição*, 6 (6, Jun) 1904, pp. 94-95.

senhores, mas eu não tenho cama para descansarem, tenho só uma, mas a minha mulher está nela muito doente.”

“Dê-nos umas cadeiras”, e sentaram-se ao lume de lenha.

Pela noite adiante nasceu uma menina e disse uma voz: “Esta que nasceu há-de reinar.”

E o rei disse para o conde: “Não ouviste?”

“Ouvi, real senhor.”

“Ora esta!”

E de manhã, quando o homem veio dizer que lá *tenham* uma criadinha às suas ordens, o rei disse: “Vai baptizar a criança.”

E o homem disse: “Então ainda esta noite nasceu! e não tenho padrinho.”

“O padrinho é este senhor.” E baptizaram-na e foi padrinho o conde.

E o rei disse: “A menina vai connosco.”

O homem não queria deixá-la ir, mas o rei disse: “Sou o rei, mando nela.” E os pais lá ficaram muito tristes.

No caminho o rei disse para o conde: “Mata a tua afilhada.”

O conde disse: “Não mato, se queria que a matasse não dissesse para eu ser padrinho.” E levava uma cinta encarnada, enrolou a criança na cinta e dependurou-a numa árvore.

Passaram dois almocreves e disse um: “Olha uma cinta encarnada e a mim que me faz tanta falta!” Foi tirá-la e encontrou a criança.

“Olha! tão bonita! levo-a para casa, que não tenho filhos.”

Quando a criança chegou aos oito anos mandaram tirar-lhe o retrato e o pai foi vendê-lo por muitas terras dizendo que era o retrato da menina aparecida numa cinta encarnada.

O conde comprou um retrato e foi mostrá-lo ao rei e o rei disse: “Diz ao homem que traga a criança.” Ele não queria levá-la mas pela força sempre a levou.

O rei mandou fazer um caixão, meteram nele a criança e o rei disse-lhe: “Levas aí comer para sete anos.” E deitaram o caixão no meio do mar.

Ao fim de sete anos veio o caixão acima.

Defronte estava a tia do rei à janela, viu o caixão no mar e mandou buscá-lo. Abriu o caixão e encontrou uma menina muito bonita; e mandou participar ao sobrinho que tinha seis aias e agora sete, uma muito bonita que tinha vindo do mar dentro dum caixão.

E o rei disse: “Ainda não morreste, raça do diabo!”

E foi visitar a tia para ver a rapariga e levou sete anéis todos iguais e deu um a cada aia e aquela que perdesse o anel morreria.

O rei andava sempre atrás da rapariga e lá um dia foi ela lavar-se, tirou o anel e esqueceu-se dele. Quando veio buscá-lo já não o encontrou. Tinha-o tirado o rei e foi atirá-lo ao mar.

Veio a rapariga perguntar às outras e disseram-lhe que não tinham visto o anel.

O rei adoeceu, tinha muito fastio e a aia disse à tia do rei que talvez uma postinha de peixe lhe abrisse o apetite.

“Lembras-te bem”, disse a tia, e mandou comprar peixes e de dentro da barriga dum saiu o anel.

Logo que o rei o soube, disse: “Então para que hei-de estar com mais coisas? Caso com ela e que reine.” E casou.

(Elvas)

[101]

O mateiro¹⁴¹

Havia um homem que era mateiro e muito bruto.

Um dia estava a cortar uma pernada e passou outro homem e disse-lhe: “Você vai cair; está a cortar o ramo onde tem os pés.”

O mateiro não fez caso e continuou a cortar, até que caiu o ramo e mais ele.

Levantou-se e foi a correr atrás do homem que o tinha prevenido e disse-lhe: “Você, homem, é Deus, adivinhou quando eu caía e agora há-de-me dizer quando eu morro.”

¹⁴¹ “Contos...”, *A Tradição*, 6 (6, Jun) 1904, p. 95.

O homem, por brincadeira, disse-lhe: “Você morre quando o seu burro zurrar três vezes a seguir.”

Voltou o mateiro para o mato, carregou o burro e foi caminho de casa. Quando ia no meio do caminho o burro zurrou uma vez, um pouco mais adiante zurrou outra vez e quando se ia aproximando de casa zurrou terceira vez; e o homem disse: “Bom, agora é que eu vou morrer.” E deixou-se ficar ali sentado à espera da morte.

O burro foi caminho de casa e a mulher, como não visse o marido, foi à procura dele. Encontrou-o no sítio, sentado e à espera da morte.

E disse prà mulher: “Vai chamar um padre porque estou morto.”

“Credo, homem! estás morto e falas? Anda daí, vamos para casa.”

“Não vou daqui senão para o campo santo.”

Em vista da teima, a mulher foi chamar o padre. Com o padre veio muita gente para levarem o homem. Estavam em consultas por que lado haviam de ir, por haver uma ribeira a passar, e o mateiro levanta a cabeça e diz:

“Quando eu era vivo
Passava por além,
Agora que sou morto
Passem por cá bem.”

Os homens zangaram-se e deixaram-no só.

Por fim o mateiro foi caminho de casa a reinar com a sua mulher e mais o seu burro.

Deus louvado,
Conto acabado.

(Elvas)

[102]

S. Pedro e o casamento¹⁴²

Um pobre diabo que largou este mundo apresentou-se um belo dia às portas do céu.

“Que queres?” lhe perguntou S. Pedro.

“Entrar.”

“Vens do purgatório?”

“Não. Venho da terra; mas sou casado.”

“Ah! É a mesma cousa, podes entrar.”

Daí a pouco chegou outro pretendente.

“Que queres?” lhe perguntou S. Pedro.

“Entrar.”

“Vens do purgatório?”

“Não, mas agora mesmo entrou um que veio da terra.”

“Sim, mas era casado.”

“Casado!... E eu que já o fui duas vezes!”

“Nesse caso rua, rua! Que o céu não foi feito para doidos.”

(Elvas)

[103]

Conto do sapateiro¹⁴³

Era de uma vez um sapateiro que tinha muita devoção com S. Pedro: rezava-lhe todos os dias e na caixa das esmolas do santo, sempre que podia, ia deitar uma moeda de dez réis.

Morreu o sapateiro e foi para o purgatório aonde se começou o processo sobre a sua ida para o¹⁴⁴ céu. Mas o processo, como era de sapateiro, demorava-se.

¹⁴² “Investigações ethnographicas”, *Revista Lusitana*, 11 (1-2) 1908, p. 76, precedido do título genérico “Tres facecias alemtejanas”, aplicável aos contos n^{os} 103-104.

¹⁴³ *Ibid.*, pp. 76-77 (P).

¹⁴⁴ o] a P

Um dia entrou o prior da freguesia do sapateiro no purgatório e o processo deste, como era de padre, foi logo despachado.

Que há-de fazer o sapateiro? Assim que viu o padre disposto a caminhar para a bem-aventurança, pôs-se-lhe às cavaléritas e, escarranchado no cabeça do prior, foi ter com ele às portas do céu.

O prior bateu à porta e apareceu S. Pedro muito mal humorado.

“Que querem?”

“Queremos entrar, senhor S. Pedro.”

“Não há lugar.”

“Ora essa!”, diz o sapateiro de cima dos ombros do padre. “Então eu não sou digno disso? Quando não havia hora na terra em que lhe não rezasse e não havia dia em que não deitasse dez réis na sua caixa? Paga-me assim?”

“Pois bem, entra tu, entra; mas deixa a cavalgadura lá fora.”

(Elvas)

[104]

A Senhora do Rosendário¹⁴⁵

Os pretos fizeram um peditório para a festa da Senhora do Rosendário (Senhora do Rosário) e, sobrando-lhes dinheiro, trataram de resolver como o haviam de aplicar. Houve diferentes pareceres.

Dizia um. “Compra-se um manto novo para a Senhora.”

Respondia outro: “O manto que tem, viradinho e remendadinho, fica como novo.”

“Compram-se uns castiçais.”

“Para quê? Os castiçais velhos, em se esfregando, ficam novinhos.”

“Compra-se uma alâmpada.”

“Sim, sim”, diziam uns.

“Não, não”, diziam outros.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 77 (P).

E arma-se grande questão em que ninguém se entendia.

No meio do barulho, um mulatinho gritou: “Para marufo, para marufo!...”

“Ah! Dizem todos, é a voz dos anjos! É a voz dos anjos! Vamos empregar tudo em marufo.”

E veio aguardente a rodos¹⁴⁶

Para o estômago de todos.

(Elvas)

[105]

[Uma velhinha]¹⁴⁷

Era duma vez uma velhinha e encontrou um gato e o gato disse-lhe: “Agora como-te.”

“Não me comas”, disse a velhinha, “logo venho mais gordinha.”

Foi mais pra diante e encontrou um medo e o medo disse-lhe: “Agora como-te.”

“Não me comas, logo venho mais gordinha.”

Foi mais pra diante e encontrou um diabo: “Agora como-te.”

“Não me comas, logo venho mais gordinha.”

Chegou lá a casa e disse: “Estão praí uns diabos que me queriam comer.”

“Meta-se nesta cabacinha que eu deito-a a arrolar.”¹⁴⁸ A cabacinha rolou.

Ia rolando e encontrou o diabo e o diabo disse-lhe:

“Cabacinha,

Viste praí uma velhinha?”

E a cabacinha disse-lhe:

¹⁴⁶ rodos] rodo P

¹⁴⁷ “Rimas e jogos colligidos no concelho de Elvas”, *Boletim da Sociedade de Geografia*, 4 (12) 1883, p. 591 (P); *Rimas e jogos colligidos no concelho de Elvas*, Elvas, Tip. Progresso, 1936, p. 40 (S).

¹⁴⁸ Deito-a a arrolar] deito à arrolar P e S

“Nem velhinha nem velhã,
Corre, corre, cabacinha,
Corre, corre, cabação,
Nem velhinha nem velhã.”

Foi mais pra diante e encontrou o medo, e o medo disse-lhe:

“Cabacinha, etc.

E a cabacinha disse-lhe:

“Nem velhinha etc.

Foi mais pra diante e encontrou o gato, e o¹⁴⁹ gato disse-lhe:

“Cabacinha, etc.

E a cabacinha disse-lhe:

“Nem velhinha etc.

... A cabacinha rolou. Depois estava ali uma pedra e a cabacinha quebrou-se e foram todos a mamá-la.

[Elvas] (Relatado por uma criança de dez anos)

[106]

[Uma mulher preguiçosa I]¹⁵⁰

Era uma vez uma mulher muito preguiçosa e era casada; vinha o marido para casa e não achava nada feito, nem comida nem roupa lavada.

Dizia-lhe o marido: “Então, mulher, não fizeste nada?”

“Não, que hoje é domingo de Nosso Senhor, não se trabalha.”

Vinha a segunda-feira e diz-lhe o marido: “Então, mulher, também hoje não fizeste nada?”

“Não, que hoje é segunda-feira das almas.”

Na terça respondia: “Não, que hoje é dia da Senhora Sant’Ana, não se trabalha.”

¹⁴⁹ o] *om. P*

¹⁵⁰ “Rimas...”, *Bol. Soc. Geogr.*, 4 (12) 1883, p. 592 (*P*); *Rimas... op. cit.*, Elvas, 1936, p. 41 (*S*).

Vinha quarta, o mesmo: “Não, que hoje é dia da Senhora do Carmo, não se trabalha.”

Vinha quinta. “Quinta-feira do Santíssimo Sacramento? Deus me livre de trabalhar!”

Vinha a sexta. “Sexta-feira da Paixão, quando Nosso Senhor morreu? Não trabalho!”

Vinha sábado. “Sábado de Nossa Senhora, também não se trabalha.”

O marido foi sofrendo a cruz e depois, quando ela morreu, mandou-a¹⁵¹ meter num carro, enrolou-a a uma pouca de giesta e foi pelas ruas todas da cidade dizendo isto:

“Minha guardadora
Dos domingos e dias de festa,
Depois de morta
Vais co c... pela giesta.”¹⁵²

[Elvas]

[107]

[Uma mulher preguiçosa II]¹⁵³

Era duma vez uma mulher muito preguiçosa e levou-lhe o marido para casa linho para fiar.

De dia não fazia nada e à noite, quando o marido chegava, punha-se com a roca¹⁵⁴ a fazer que fiava e dizia para o marido:

“Maçarocas ò caniço,
Marido, já lá vão cinco.”

¹⁵¹ mandou-a] mando-a *P e S*

¹⁵² Os versos comentados pelo conto são os seguintes: “Anda minha guardadora/ Dos domingos e dias de festa,/ Q’agora se te vai vendo/ O c... pela giesta.”

¹⁵³ “Rimas...”, *Bol. Soc. Geogr.*, 4 (12) 1883, p. 592 (*P*); *Rimas... op. cit.*, Elvas, 1936, pp. 41-42 (*S*).

¹⁵⁴ a roca] *om. S*

Ao fim dum ano perguntou o marido se tinha o linho fiado. Tinha apenas uma maçaroca.

E depois ele mandou-lhe que deitasse para dentro de uma tarefa o que ela obrasse durante um mês. No fim do mês põe a tarefa num carro e a maçaroca espetada num fueiro e a mulher assentada dentro do carro e foi pelas ruas da cidade apregoando:

“Ora aqui têm senhores,
O que a minha mulher fez:
O fiado dum ano
E o ca... dum mês.”

[Elvas]

[108]

[Um galego]¹⁵⁵

Era um galego que veio da Beira prà *aceifa* e deixou a mulher entregue ò abade, sem filho nenhum nem *acupada*.

Esteve cá três meses e depois foi de cá e achou a mulher embaraçada, em *vésporas* de dar à luz; diz-lhe: “Ó mulher, deixei-te liberta e acho-te agora com a barriga grande! O filho não é meu, mulher!”

“Pois é, meu marido, pois de quem há-de ser senão teu? Olha, tive março, margaço e o mês de março; abril, manguil e o mês que há-de vir; e maio, mamaio e mês de maio. São os nove meses, marido; ora mais conta lá tu bem.”

“Não, mulher, ainda não estou satisfeito, havemos de ir ò nosso abade a ver o que ele diz.”

Foram dali ao abade e disse-lhe ele: “Saberá, sor abade, que deixei a minha mulher forra e agora acho-a desta boa maneira; e então saberá o sor abade que não quero o filho, o filho não é meu, não no quero.”

¹⁵⁵ “Rimas...”, *Bol. Soc. Geogr.*, 4 (12) 1883, p. 592; *Rimas... op. cit.*, Elvas, 1936, pp. 42-43.

“Ora pois bem, é a conta certa que diz a mulher. São os nove meses. É março, margaço e o mês de março; abril, manguil e o mês que há-de vir; e maio, mamaio e o mês de maio. Mas vamos ò ponto. Vossemecê vai a uma feira e merca uma vaca; aquela vaca, depois de estar nas suas mãos, vem prenhada e tem um bezerro; ora parindo a sua vaca e tendo um bezerro, diga-me lá de quem é o bezerro, sim, diga-me lá de quem é o bezerro?”

“O bezerro é meu, sor abade.”

“Então o filho que tem sua mulher também é seu.”

“É verdade, mulher, tens razão. O bezerro é meu, logo o filho também é meu. Tem razão, sor abade, perdoe.”

[Elvas]

[109]

Os dois galegos¹⁵⁶

Era duma vez dois galegos. Encontraram-se numa rua e esbarraram um com o outro.

Disse um: “Ardeste?”

Responde o outro: “Arda bóxê mail’ a su alma.”

“E bóxê non enxerga?”

“E bóxê non enxergaba?”

“Enxerga és la prim’ hirmán d’ unh’ albarda.”

“De que térr’ é bóxê, xá que tanto parla?”

“Eu soy de vill’ e termo de Ferrolha.”

“De vill’ e termo de Ferrolha soy yo.”

“Eu tiña um hirmáu que se xamaba Xunta-Farelos.”

“E eu tiña um que se xamaba Espalla-Milho.”

¹⁵⁶ Cf. J. Leite de VASCONCELOS, *Contos populares e lendas, II*, Coimbra, Universidade, 1969, pp. 194-195.

“Entonces somos nos hirmauns! Chégat’ acá, hirmáu.” E abraçaram-se.

“E a nossa hirmán Mata? (Marta).”

“A nossa hirmán Mata se casô. TUBE unha boda moito harta. Andab’ ó bom do noso bello (velho): ‘Quein quer a-yauga xá que non hai biño.’”

“E a nossa hirmán Rosa?”

“A nossa hirmán Rosa stá em cas’ do señor padr’ abade. Teñemos catorc’ a sobriños que son catorc’ abadiños.”

“E o bom do noso bello?”

“O bom do noso bello asobi’ s’ ó castañero bello, viño lá de esgalh’ em esgalh’ e morréu.”

“E a nossa burra?”

“A nossa burra! Ai! Burra de miñ’alma! A nossa burra morréu! Cando estaba para morrer afitou las oréllas, abri’ lo rab’ e dixे: ‘Adiós Xunta-Farelos que xá te non torno a ver!’ Ai! Burra de miñ’ alma! Burra de miña alma!”

“Calla-t’-hi, diaño, que pueden dicir que non xoraste pol-o pai e xoras pol-a burra.”

“Ó pai no-nos custô nada, e a burra custô-nos o noso diñeiro.

(Elvas)

[110]

O casamento do galego¹⁵⁷

“Pai Zé!”

“O que quer?”

“Ouro e prata

E a moça honrada.”

¹⁵⁷ “Miscellanea folk-lorica”, *Revista do Minho*, 15 (35) 1899, c. 193, sob a designação de “Facecia popular”. O mesmo texto tinha sido publicado em *O Elvense*, em 1885.

“Ouro e prata não há,
A moça ela aí está.
Se ela ergueu ou abaixou
Ou nalgum esgalho encalhou...
Conforme está assim lha dou.”
Agora diz o cura:
“Aqui está esta cachopa
Que se quer encachopar,
Se não há quem a queira
Vai para o seu lugar.”
O galego:
“Eu que la quero,
Eu que la pretendo,
Eu que aqui *bim*
Assim o entendo.”

(Beja. Recolhido pelo Sr. António Baptista da Assumpção)

[111]

Linha curta, nó na ponta¹⁵⁸

Era um alfaiate que tinha uma filha e na loja trabalhavam dois oficiais: um a quem o alfaiate muito estimava e outro de quem a filha muito gostava. O pai queria casar a filha com o primeiro e a filha só queria para si o segundo.

Depois de muitos dares e tomares, propôs o pai que, dos dois oficiais, casaria com a filha aquele que mais depressa acabasse a empreitada de costura que ia dar a cada um deles.

A proposta foi aceite: e aqui se põem os dois oficiais a dar à unha sem descanso. O primeiro com intento de ganhar tempo, enfiava na agulha linhas muito compridas, e a filha, vendo isso, aproximava-se de vez em quando do seu querido e dizia baixinho: “Linha curta e nó na ponta, linha curta e nó na ponta.”

¹⁵⁸ “Investigações ethnographicas”, *Revista Lusitana*, 13, 1910, p. 36.

E afinal foi este quem venceu porque a linha comprida na costura pouco despacha e, por isso, se chama “linha de preguiçosa”.

(Recolhido em Elvas)

[112]

Pulga, piolho e percevejo¹⁵⁹

Se há estas três espécies é porque uma velhinha pediu uma vez a Deus que lhe desse uma coisa para se entreter e Deus deu-lhe primeiro o piolho, e a velha não ficou contente, porque era bicho muito mansinho; deu-lhe depois o percevejo e ainda não ficou contente porque era muito sossegado; deu-lhe depois a pulga que a contentou porque com os seus pulos e com as dificuldades de matá-la lhe *entretia* o tempo.

(Elvas)

[113]

Dias de Maio¹⁶⁰

Ela vinha da fonte com o cântaro à cabeça, cheio de água; ele com a grade de gradar o trigo ò ombro, e ia prò trabalho. Pegaram a conversar pela manhã e tal conversa foi que chegou a noite. Ele então disse:

“Dias de Maio, dias de amargura!
Inda bem não é manhã já é noute escura!”

(Elvas)

¹⁵⁹ Cf. J. Leite de VASCONCELOS, *op. cit.*, p. 166.

¹⁶⁰ Cf. ID, *op. cit.*, p. 175.

[114]
[A mula e a vaca]¹⁶¹

No presépio a mula espalhava o feno, enquanto a vaquinha o ajuntava. Por isso a Senhora a castigou, condenando-a a não parir; mas a vaca foi abençoada – a que desse a carne que mais sustentasse.

(Elvas)

¹⁶¹ Cf. ID, *op. cit.*, p. 348.

APÊNDICE

O Capitão dos ladrões¹⁶²

Jesus Cristo e S. Pedro iam por um camonho ao anoitecer. S. Pedro, muito moído pelas noites mal dormidas ao relento por entre os pinhais, pediu ao Senhor para dormirem aquela noite debaixo de telha. O Senhor consentiu.

Avistaram dali perto uma casa nova, mas ainda com as portas e janelas sem caixilhos. Entraram. Apareceu-lhes o dono da casa, que era o capitão dos ladrões daquele sítio. Pediram-lhe agasalho e o ladrão disse que sim, e saíu.

Jesus Cristo disse a S. Pedro que arrancasse algumas tábuas do sobrado e que tapasse com elas as portas e as janelas. S. Pedro assim fez.

Jesus Cristo escolheu uma palheira e atravessou com ela na porta da casa e, para experimentar ao ladrão, fez telintar lá dentro o pouco dinheiro que levava. O capitão de ladrões, pela noite adiante, veio por diferentes vezes, forçar a porta mas a palheira, que se transformou numa tranca de ferro, resistiu.

Pela manhã, S. Pedro e o Senhor tiraram as tábuas e iam sair, quando lhes apareceu o ladrão e perguntou-lhes com que fecharam a porta. Repondeu o Senhor: “Com uma palheira, burro!, e em burro te torarás. O ladrão tornou-se em burro. Traz esse animal, disse o Senhor a S. Pedro.

Na estrada encontraram um moleiro. Jesus Cristo perguntou-lhe se lhe queria comprar aquele burro. O moleiro disse que sim, se lho desse em conta.

“Dou-to, com a condição de daqui a um ano mo vires trazer a este sítio com metade do dinheiro que com ele ganhares.” Assim ficou ajustado, e o moleiro levou o burro.

Pelo ano adiante o moleiro ganhou muito dinheiro com o burro, comprou umas casas com o ganho e ainda lhe sobrou muito.

¹⁶² “Miscellanea”, *Revista do Minho*, 5(12) 1889, [p. 4]

No dia em que fazia o ano veio ao sítio com o burro e e entregou-o ao pobre (Nosso Senhor) com 200\$000 reis, que era segundo ele dizia, metade do que tinha ganho com ele. Nosso Senhor disse que pusesse para ali mais 20 moedas, que assim é que era a conta certa do que ele tinha ganho. O moleiro a muito custo assim fez.

Depois Nosso Senhor disse pró burro: “Torna-te em homem.” E o burro tornou-se em homem.

O moleiro caíu de joelhos ante Nosso Senhor.

E Nosso Senhor disse pró homem que já não era burro: “Vai-te, leva este dinheiro todo para acabar de compor as janelas e as portas da tua casa; leva este dinheiro que te custou o suor da tua lombada e que ganhaste com tanto trabalho; leva-o e respeita d’ora avante o fruto do trabalho dos outros; nunca mais roubes o que custa tanto a ganhar aos teus irmãos.”

Está o meu conto acabado,

Seja o Senhor louvado.

(Recolhido em Bom Jesus do Monte, Braga)

INDICE

<i>Nota introdutória</i>	2
<i>1 A Serena de Alamares</i>	14
<i>2 O conto da raposa</i>	18
<i>3 Os dois príncipes</i>	21
<i>[4] O almocreve e o cágado</i>	26
<i>[5] Guarda as morcelas para o Maio</i>	28
<i>[6] Quem não têm não tem</i>	29
<i>[7] O perdigão</i>	29
<i>[8] A cabrinha do Padre Cura</i>	30
<i>[9] Não dar parte de fraco</i>	30
<i>[10] Lembra-te mulher do que fiz à burra</i>	31
<i>[11] O conto do gigante</i>	32
<i>[12] O pinto borrachudo</i>	34
<i>[13] Os apóstolos de S. Tiago</i>	35
<i>[14] Os três irmãos</i>	37
<i>[15] Conto do rei cego e sábio</i>	38
<i>[16] Conto do gigante Lagrante</i>	43
<i>[17] Conto do galo</i>	46
<i>[18] Raposinha maroteira</i>	48
<i>[19] Conto dos passarinhos verdes</i>	50
<i>[20] Estou num ôgo</i>	51
<i>[21] Março, marçagão</i>	52
<i>[22] Conto dos três estudantes</i>	53
<i>[23] A desmazelada</i>	54
<i>[24] Conto do parvo</i>	55
<i>[25] As três cidras do amor</i>	57
<i>[26] Os calções encarnados</i>	59
<i>[27] Mostra-lhe a ordem</i>	60
<i>[28] Santos! Santos! Santos!</i>	61
<i>[29] O lume é meia manutenção</i>	62
<i>[30] Conto do Pedro Malas-Artes</i>	63
<i>[31] A arte liberal</i>	67
<i>[32] Conto do Juíz de Fora</i>	71
<i>[33] Graças a Deus para sempre</i>	74
<i>[34] A fada mouca</i>	77
<i>[35] A princesa encantada</i>	78
<i>[36] O padre ridículo</i>	79
<i>[37] O galo</i>	82
<i>[38] A raposa</i>	83

[39] Letras e tretas	85
[40] A viúva	88
[41] A gulosa	89
[42] A velha	91
[43] Quem tirou o olho a rainha?.....	92
[44] O boi barrabil	94
[45] A sogra enganada	96
[46] Faz tu bem, não cates a quem	97
[47] O sonho	98
[48] O baguinho de milho.....	101
[49] O passarinho verde	102
[50] O camponês.....	104
[51] Não me cortes o cabelo que meu pai me penteou	105
[52] As pretas.....	106
[53] O parvo	107
[54] O baguinho de romã	109
[55] O compadre fachica	111
[56] Eu pequei com um moço	112
[57] Canta, surron, canta	113
[58] Fezes e postemas.....	114
[59] As macacas.....	115
[60] O Diabo também não é mau.....	117
[61] S. Benedito	119
[62] Os três galinhos	120
[63] O gigante.....	121
[64] Os galegos.....	123
[65] O lavrador.....	123
[66] Ide às sapatinhos.....	124
[67] O copo de oiro.....	124
[68] A bicha	127
[69] O alvenéu	129
[70] Os dois compadres	130
[71] O parvo	134
[72] Dona Vintes.....	136
[73] O Zé Estragado	139
[74] O ladrão	140
[75] O piolho	143
[76] A preguiçosa	144
[77] O príncipe porquinho.....	147
[78] O mouco.....	148
[79] Os sete veados.....	149

[80] <i>D. Buenos</i>	152
[81] <i>Abre-te, flor de lis!</i>	154
[82] <i>O pirolito</i>	155
[83] <i>Gri, alerta, ladra, aun que seya el mismo Dios</i>	156
[84] <i>O príncipe encantado</i>	157
[85] <i>Eu vi-te, tu não me viste</i>	158
[86] <i>O afilhado do rei</i>	159
[87] <i>Os três encantos</i>	164
[88] <i>A filha do comerciante</i>	166
[89] <i>As três irmãs</i>	169
[90] <i>A boneca</i>	171
[91] <i>O sabor dos sabores</i>	172
[92] <i>Palmas verdes</i>	173
[93] <i>O príncipe encantado</i>	174
[94] <i>Assim o dizem</i>	177
[95] <i>O Zé Pequenino</i>	178
[96] <i>Dormitório</i>	179
[97] <i>Desanda palitroques</i>	181
[98] <i>O tonel de vinho</i>	184
[99] <i>A desmazelada</i>	185
[100] <i>A menina aparecida</i>	185
[101] <i>O mateiro</i>	187
[102] <i>S. Pedro e o casamento</i>	189
[103] <i>Conto do sapateiro</i>	189
[104] <i>A Senhora do Rosendário</i>	190
[105] <i>[Uma velhinha]</i>	191
[106] <i>[Uma mulher preguiçosa I]</i>	192
[107] <i>[Uma mulher preguiçosa II]</i>	193
[108] <i>[Um galego]</i>	194
[109] <i>Os dois galegos</i>	195
[110] <i>O casamento do galego</i>	196
[111] <i>Linha curta, nó na ponta</i>	197
[112] <i>Pulga, piolho e percevejo</i>	198
[113] <i>Dias de Maio</i>	198
[114] <i>[A mula e a vaca]</i>	199
APÊNDICE: <i>O Capitão dos ladrões</i>	200